

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CARLOS ANDRÉ CORRÊA

**A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO: ESTÉTICAS INSURGENTES PARA
UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

LAGES

2026

CARLOS ANDRÉ CORRÊA

**A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO: ESTÉTICAS INSURGENTES PARA
UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade do Planalto Catarinense
para a Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação.
Linha de Pesquisa: Políticas e Fundamentos da Educação.
Orientador: Prof. Dr. Rafael Araldi Vaz

LAGES

2026

Ficha Catalográfica

C824c

Corrêa, Carlos André

A carne mais barata : estéticas insurgentes para uma educação antirracista / Carlos André Corrêa ; orientador Prof. Dr. Rafael Araldi Vaz – 2026.

136 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC, 2026.

1. Educação multicultural. 2. Música. 3. Antirracismo. I. Vaz, Rafael Araldi (orientador). II. Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 370

Catálogo na fonte – Biblioteca Central



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

Carlos André Corrêa

**A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO: ESTÉTICAS
INSURGENTES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade do Planalto Catarinense
para a Defesa de Dissertação do
Mestrado em Educação. Linha de
Pesquisa: Políticas e Fundamentos da
Educação.

Lages, 18 de maio de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br RAFAEL ARAULDI VAZ
Data: 26/05/2026 11:02:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Araldi Vaz
(Orientador e Presidente da Banca - PPGE/UNIPLAC)

Documento assinado digitalmente
gov.br MOZART LINHARES DA SILVA
Data: 25/05/2026 18:54:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva
(Examinador Externo - PPGE/UNISC)

Documento assinado digitalmente
gov.br VINICIUS BERTONCINI VICENZI
Data: 26/05/2026 10:46:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vinicius Bertoncini Vicenzi
(Examinador Interno - PPGE/UNIPLAC)

Aos meus avós maternos: Otacílio Antunes e Ruth Silva Antunes (in memoriam).
Para minha mãe Beatriz Aparecida Antunes Corrêa.
Para meu filho Carlos Eduardo de Melo Corrêa.
Para todos os professores de escolas públicas deste país.
Para todos os pretos e pobres desta nação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós que me incentivaram a nunca parar de estudar: avô Otacílio Antunes, que um dia, ao chegar do trabalho na construção civil com ele, pediu para olhar minhas mãos calejadas do trabalho e observou que estas não serviam para carregar cimento, mas sim, livros. Minha avó Ruth Silva Antunes que tinha orgulho de eu ter me tornado um professor de Língua Portuguesa e Literatura, tal qual meu bisavô João Bento da Silva.

À minha mãe que chorou quando ouviu que eu jamais seria capaz de adentrar na E.E.B. Industrial de Lages como estudante, por não ser inteligente o suficiente, e hoje aplaude o fato de seu filho estar na mesma escola que um dia disseram que ele não tinha capacidade, atuando como professor efetivo.

Ao meu filho Carlos Eduardo de Melo Corrêa, parceiro de todas as horas que aprende comigo e que aprendo com ele. Futuro professor de História, pois tem esse sonho desde os 11 anos de idade e que sabe das dificuldades da profissão que exerço e, mesmo assim, espelha-se como um cidadão que luta por justiça e igualdade.

Ao meu irmão Tiago Corrêa por vibrar por minhas conquistas e por saber o quanto fomos tratados como meros filhos sem pai, cujo destino seria a marginalidade, e que não entramos nesse caminho, pois trilhamos o caminho da honestidade e luta.

À minha amiga e irmã Luciana Schmidt, por ser a maior incentivadora para eu estar no mestrado. Suas palavras e apoio sem medida revelam o quanto o amor entre dois amigos se torna fraterno. Em cada momento difícil da minha vida, você sempre estava lá para me estender a mão.

Às colegas e amigas de mestrado Agda e Janara, por terem me acolhido e formado o trio Edgar Morin.

Ao Dr. Prof. Rafael Vaz Araldi, por ser mais que um orientador, um verdadeiro amigo que apoiou a ideia do tema da dissertação e trouxe conhecimento e soluções que eu jamais conseguiria avistar ao longe. Sua competência e intelectualidade transmite confiança e sabedoria foucaultiana para o verdadeiro cuidado de si. Muito obrigado por estar comigo nessa jornada! Sem seu aporte, eu não teria chegado até aqui.

À UNIPLAC por oportunizar-me ser um mestrando por meio das ações afirmativas. A instituição tornou um sonho longínquo em realidade. De acadêmico de Letras a mestrando em Educação. Sempre valorizei esta instituição de ensino por sua excelência. Tenho orgulho de estar há 23 anos no magistério como professor efetivo de Língua Portuguesa e Literatura,

devido a esta instituição de ensino, aos mestres que não mediram esforços em transmitir seus conhecimentos de forma perspicaz.

Aos amigos e colegas professores, por acreditarem em mim desde sempre, por fortalecer minhas ideias e luta por melhorias para a categoria do magistério.

À estética insurgente música, que me acompanha desde a adolescência e fez de mim um cidadão crítico, rebelde, lutador contra o sistema capitalista que tenta nos aprisionar.

À poesia, outra estética insurgente, que fez este mestrando chegar até aqui. Cada verso lido em cada autor eu via um mundo novo a ser desvendado, uma luta a ser traçada. Poesia é uma arma poderosa contra os poderosos que insistem em tratar o povo pobre como dejetos.

Agradeço à banca avaliadora que ressaltam a importância desta pesquisa por meio de suas contribuições imprescindíveis para o campo educacional. O olhar que imprimiram a esta pesquisa direcionou meu conhecimento a níveis inimagináveis para o desenvolvimento assertivo e valioso.

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro que os dados apresentados nesta versão da Dissertação para o Exame de defesa de Dissertação são decorrentes de pesquisa própria e de revisão bibliográfica referenciada segundo normas científicas.

Lages, 18 de maio de 2026.



Documento assinado digitalmente
CARLOS ANDRÉ CORREIA
Data: 27/05/2026 16:30:24-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Carlos André Corrêa

Banzo blues

*Minha dor é ancestral.
Correntes sufocam meu pescoço.
A morte ronda em cada esquina,
mora dentro das viaturas.*

*Minha dor é ancestral.
Correntes invisíveis tentam me prender
no calabouço racista estrutural
de um povo que não aceita miscigenação.*

*Minha dor é ancestral.
Um canto distante da África ecoa
nas galeras em que remo
e sinto o estalar do chicote.*

*Minha dor é ancestral.
Nem saudade da infância é possível:
julgamento pela cor, revista sem infração,
cidadão de futuro incerto nesta podridão.*

*Minha dor é ancestral.
Saudade do que eu poderia ter sido
se minha cor neste país não fosse um empecilho,
um mal, um pecado, alguém a ser banido.*

(Carlos André Corrêa, 2023, p.42)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado investiga o papel da literatura e da música como instrumentos de uma educação antirracista, destacando suas potencialidades insurgentes ao longo do tempo. A pesquisa fundamenta-se na análise de obras de autores como Lima Barreto e Conceição Evaristo, bem como na música de Elza Soares e Racionais MC's, abordando suas funções na denúncia do racismo e na construção de subjetividades antirracistas no Ensino Médio. A partir de uma revisão de literatura criteriosa, que inclui conceitos de autores como Achille Mbembe, Sueli Carneiro e Florestan Fernandes, o estudo relaciona as estéticas negras às estruturas de colonialismo, capitalismo e necropolítica presentes na história brasileira. A metodologia combina revisão teórica e pesquisa de campo por meio de oficinas pedagógicas, adotando uma abordagem de pesquisa-ação participante para explorar os efeitos afetivos, subjetivos e insurgentes provocados pelas práticas culturais. O objetivo geral é compreender como a arte pode promover práticas de cuidado, atenção e resistência ao racismo, contribuindo para uma educação mais justa e sensível às questões raciais. Os objetivos específicos apresentam em sua estrutura: a) investigar os vínculos estruturais entre capitalismo, colonialismo, necropolítica e racismo na história do Brasil; b) identificar as potencialidades da cultura e estética negra como instrumento de expressão e afirmação da luta antirracista; c) analisar as potencialidades das estéticas negras para uma educação antirracista no Ensino Médio. Sendo assim, a pesquisa alcançou seu objetivo ao promover novas possibilidades para a implementação de uma educação antirracista na escola, estimulando estudantes a refletirem sobre o papel das estéticas insurgentes como formas de resistência ao racismo e de afirmação de uma ética baseada na coragem e no cuidado. A dissertação está estruturada em nove seções, incluindo a apresentação da proposta metodológica, revisão de literatura, análise histórica do racismo no Brasil, estudos específicos sobre literatura e música insurgentes.

Palavras-chave: Estéticas insurgentes. Literatura e música. Educação antirracista.

ABSTRACT

This master's dissertation investigates the role of literature and music as instruments of anti-racist education, highlighting their insurgent potential over time. The research is based on the analysis of works by authors such as Lima Barreto and Conceição Evaristo, as well as the music of Elza Soares and Racionais MC's, addressing their roles in denouncing racism and constructing anti-racist subjectivities in high school. Based on a thorough literature review, which includes concepts from authors such as Achille Mbembe, Sueli Carneiro, and Florestan Fernandes, the study relates Black aesthetics to the structures of colonialism, capitalism, and necropolitics present in Brazilian history. The methodology combines theoretical review and field research through pedagogical workshops, adopting a participatory action research approach to explore the affective, subjective, and insurgent effects provoked by cultural practices. The central objective is to understand how art can promote practices of care, attention, and resistance to racism, contributing to a more just and racially sensitive education. The specific objectives presented in its structure are: a) to investigate the structural links between capitalism, colonialism, necropolitics, and racism in the history of Brazil; b) to identify the potentialities of Black culture and aesthetics as an instrument of expression and affirmation of the anti-racist struggle; c) to analyze the potentialities of Black aesthetics for an anti-racist education in High School. Therefore, the research achieved its objective by promoting new possibilities for the implementation of an anti-racist education in schools, encouraging students to reflect on the role of insurgent aesthetics as forms of resistance to racism and the affirmation of an ethics based on courage and care. The dissertation is structured in nine sections, including a presentation of the methodological proposal, a literature review, a historical analysis of racism in Brazil, and specific studies on insurgent literature and music.

Keywords: Insurgent aesthetics. Literature and music. Anti-racist education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultado da pesquisa feita na plataforma BDTD, a partir das palavras-chave: “Antirracismo”, “Educação antirracista”, “Lima Barreto”, “Elza Soares”, “Conceição Evaristo”, “Racionais MC’s”	26
Quadro 2 - Resultado da pesquisa feita na plataforma BDTD, a partir das palavras-chave: “Antirracismo”, “Educação antirracista”, “Lima Barreto”, “Elza Soares”, “Conceição Evaristo”, “Racionais MC’s”	26
Quadro 3 - Nova pesquisa nas bases	29
Quadro 4 - Nova pesquisa nas bases CAPES	29
Quadro 5 - Demonstrativo dos artigos encontrados na plataforma SCIELO	32
Quadro 6 - Demonstrativo dos artigos encontrados na plataforma SCIELO	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

B1	Busca 1
B2	Busca 2
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
SED	Secretaria Estadual de Educação
UNIPLAC	Universidade do Planalto Catarinense
SC	Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DE LITERATURA: O ESTADO DO CONHECIMENTO EM LITERATURA, MÚSICA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	22
3 DISPOSITIVO RACIAL, COLONIALISMO E NECROPOLÍTICA NO BRASIL	34
4 DE LIMA BARRETO A CONCEIÇÃO EVARISTO: A LITERATURA COMO INSURGÊNCIA AO RACISMO	51
5 DE ELZA SOARES A RACIONAIS MC'S: A MÚSICA COMO INSURGÊNCIA AO RACISMO.....	63
6 PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE: ESTÉTICAS INSURGENTES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	72
6.1 O EXERCÍCIO DE SUBJETIVIDADES ANTIRRACISTAS EM CONTEXTOS ADVERSOS	75
6.2 EXPERIÊNCIAS PRELIMINARES E FUNDAMENTOS CURRICULARES PARA A PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	79
6.3 OFICINAS: A RECEPTIVIDADE DOS ESTUDANTES AOS ARTISTAS DE GERAÇÕES DIFERENTES	83
6.4 QUATRO VOZES DISTINTAS PARA UM MESMO PROPÓSITO: UMA INTERVENÇÃO ESTÉTICA.....	96
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	105
ANEXO A – QUADRO COM AS PROPOSTAS DE INTERTEXTUALIDADE.....	111
ANEXO B – QUADRO COM AS PROPOSTAS DE INTERTEXTUALIDADE.....	112
ANEXO C – QUADROS COM AS PROPOSTAS DE INTERTEXTUALIDADE	113
ANEXO D – TCLE (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO).114	
ANEXO E – IMAGEM MODIFICADA POR IA PARA PRESERVAR A IDENTIDADE DOS ESTUDANTES ENVOLVIDOS NESTA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	115
ANEXO F – IMAGEM MODIFICADA POR IA PARA PRESERVAR A IDENTIDADE DOS ESTUDANTES ENVOLVIDOS NESTA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	116
ANEXO G – IMAGEM MODIFICADA POR IA PARA PRESERVAR A IDENTIDADE DOS ESTUDANTES ENVOLVIDOS NESTA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	117
ANEXO H – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	118
ANEXO I – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE.....	119

ANEXO J – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	120
ANEXO K – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	121
ANEXO L – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE.....	122
ANEXO M – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	123
ANEXO N – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	124
ANEXO O – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	125
ANEXO P – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE.....	126
ANEXO Q – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE	127
ANEXO R– EXPOSIÇÃO DE CARTAZES E CARTAS NA DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE.....	128
ANEXO S – EXPOSIÇÃO DE CARTAZES E CARTAS NA DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE.....	129
ANEXO T – EXPOSIÇÃO DE CARTAZES E CARTAS NA DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE.....	130
ANEXO U – EXPOSIÇÃO DE CARTAZES E CARTAS NA DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE.....	131
ANEXOS V – EXPOSIÇÃO DE CARTAZES E CARTAS NA DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE.....	133

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação analisa o papel da música e literatura como instrumentos para uma educação antirracista. Mais especificamente, por meio de experiências estéticas antirracistas com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública situada na cidade de Lages e vinculada à rede estadual de Santa Catarina, procurou-se verificar as potencialidades, subjetividades, afetos e efeitos criados no processo educativo por meio da literatura e da música negras. Compreende-se, assim, que um dos modos centrais para a construção de uma educação antirracista seja explorar as potencialidades estéticas da cultura negra, ao passo em que a arte é um instrumento capaz de constituir uma ética do cuidado e da alteridade, abrindo caminho para novas sensibilidades e fortalecendo a luta por maior justiça social.

Neste cenário, a presente pesquisa buscou indagar: Como a música e a literatura negra podem potencializar a construção de subjetividades antirracistas nas escolas? Isto é, de que modo os afetos provocados pela música e literatura negra podem constituir práticas de cuidado e atenção e, não menos, modos de insurgência ao racismo? Considerando estes questionamentos, a pesquisa teve como **objetivo geral** compreender o papel da música e literatura como instrumentos para uma educação antirracista no Ensino Médio. Neste sentido, desdobraram-se três **objetivos específicos**: a) investigar os vínculos estruturais entre capitalismo, colonialismo, necropolítica e racismo na história do Brasil; b) identificar as potencialidades da cultura e estética negra como instrumento de expressão e afirmação da luta antirracista; c) analisar as potencialidades das estéticas negras para uma educação antirracista no Ensino Médio. Ressalta-se que este último objetivo específico foi realizado ao se aplicar experiências estéticas antirracistas com estudantes do Ensino Médio, procurando verificar as potencialidades, subjetividades, afetos e efeitos criados no processo educativo.

O conceito de estética abordado nesta dissertação tem como referência a noção foucaultiana de estética da existência. Por sua vez, a noção de estética da existência em Foucault contém, em seus últimos escritos, uma análise sobre os modos de subjetivação, nas formas do cuidado de si e da parresia (Foucault, 1988; 2011). Neste sentido, ao se pensar a noção de estética neste trabalho buscou-se refletir sobre a interação entre arte e existência como forma de subjetivação. Mais especificamente, procurou-se pensar a arte produzida por artistas negros e negras como tecnologias que permitem construir um certo estilo de existência. Ou seja, compreendeu-se que o processo de criação de músicas, letras e poemas acaba por criar o músico, o letrista e o poeta. Esta inter-relação entre a obra artística e a vida do artista, entre criação artística (obra) e a criação do artista (sujeito de sua obra), é o que

demarca a noção de estética da existência. No caso específico de artistas negros e negras, considerou-se que ao se produzir formas artísticas (como o rap ou a literatura negra), elaboradas por sujeitos marcados pelo colonialismo e pelo dispositivo de racialidade, a arte se converte em uma forma estético-política de reelaboração e reafirmação da existência. De onde deriva, portanto, o seu caráter insurgente, isto é, a inscrição de formas de transgressão ao capitalismo, ao colonialismo e ao racismo. Neste sentido, a noção de insurgência aparece como uma força política que emerge no interior da experiência estética, posto que a arte se converte em um modo de vida demarcado pela transgressão.

Ao passo em que o trabalho buscou articular as noções de estética e insurgência na produção de artistas negros e negras, propôs-se o exercício de práticas pedagógicas que permitissem constituir experiências de elaboração de estéticas insurgentes por meio de oficinas de escrita e da realização de uma exposição final com cartas e cartazes pelos estudantes. Deste modo, a noção de estética insurgente foi duplamente pensada, tanto no campo da música e da literatura negras, quanto na experiência de pesquisa junto aos estudantes.

Esta pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIPLAC, na linha de pesquisa Políticas e Fundamentos da Educação. Desta maneira, “*A carne mais barata do mercado*”: estéticas insurgentes para uma educação antirracista é uma dissertação de mestrado ligada ao macroprojeto “Genealogia da Educação no Tempo Presente: subjetividades, políticas e usos do passado” do professor Dr. Rafael Araldi Vaz, vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI-UNIPLAC) e ao Núcleo de Pesquisa em Educação Básica: Políticas, Estéticas e Diferenças (NuPEB).

Partindo de um princípio ético que rege toda a pesquisa com seres humanos, a proposta desta pesquisa foi estruturada considerando as condições de abordagem de temas sensíveis, como é o caso da temática proposta nesta dissertação. Deste modo, toda a documentação prévia à coleta de dados foi organizada, submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIPLAC, considerando a concordância dos participantes no estudo, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo o que se encontra previsto na Resolução 510/2016 do Plenário do Conselho Nacional de Saúde. Após a aprovação, deu-se início a pesquisa junto às escolas e aos estudantes participantes, expondo os objetivos da pesquisa, bem como os benefícios e riscos aos quais os participantes estariam submetidos.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória em educação, que buscou analisar o papel da arte (literatura e música) na perspectiva de uma educação antirracista, amparando-se na Lei nº 10.639/03. Importante salientar que pesquisas

deste tipo requerem um cuidado minucioso, uma vez que “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (Godoy, 1995, p. 20). Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, a proposta de investigação deu-se em sentido exploratório, tendo em vista que “a pesquisa exploratória permite, nesse processo, que o pesquisador contemple os dados qualitativos de forma sistêmica, com uma compreensão ou interpretação detalhada do fenômeno analisado” (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023).

Neste sentido, a pesquisa foi dividida em duas etapas: revisão de literatura e pesquisa de campo. A pesquisa de campo deu-se por meio de pesquisa-ação participante (Fals-Borda, 1999), por intermédio da aplicação de oficinas com os estudantes do Ensino Médio. Considerando esta proposta metodológica, buscou-se formas de coletar os dados por meio de estratégias pedagógicas que permitissem identificar o movimento da subjetividade dos estudantes, antes, durante e após o processo de aplicação das oficinas. Neste sentido, pretendeu-se formar um arquivo que fosse resultante de algumas estratégias pedagógicas, como: análise de textos de literatura e música, produção textual por meio da escrita de cartas e produção visual/textual a partir da confecção de cartazes. O objetivo das cartas, dirigidas aos artistas abordados na pesquisa-ação participante, foi propiciar formas de escritas de si (Foucault, 1992), considerando a escrita como um componente central para o exercício de subjetivação e constituição atenta de experiências antirracistas. Por sua vez, os cartazes tiveram como objetivo proporcionar um exercício de encontro entre diferentes linguagens (imagens, textos literários e letras musicais) e diferentes temporalidades, estabelecendo cruzamentos entre passado e presente, de modo a permitir a reflexão em torno das experiências raciais, racistas e antirracistas que sobrevivem no tempo histórico. Ao mesmo tempo, foi registrado em caderno de campo a observação participante, tanto no que diz respeito ao processo de realização das oficinas, quanto aos relatos orais dos estudantes durante a intervenção. O objetivo desta estratégia metodológica foi provocar experiências específicas em cada estudante em torno da temática antirracista, tendo como instrumento didático-pedagógico a música e a literatura negra.

A seleção de amostra, ou seja, a escolha da turma de estudantes e da escola que participaram da pesquisa, contribuindo com suas vivências na escola a partir de uma educação antirracista, está atrelada ao vínculo profissional e afetivo do professor/pesquisador com estes espaços. Do mesmo modo, estabeleceu-se a partir da afinidade e proximidade entre os estudantes e o professor/pesquisador, considerando a ligação de amizade e confiança consolidada ao longo de três anos de contato com a referida turma.

Outro motivo para a escolha da turma da terceira série do ensino médio desta escola pública deu-se pelo fato de os estudantes conviverem desde a primeira série, favorecendo assim a experiência de convívio e trabalho coletivo, o que permitiria gerar experiências genuínas e reflexões baseadas em certa relação de confiança, reciprocidade e amizade. Assim, de acordo com a seleção da turma escolhida, tal integração intentou proporcionar contribuições pessoais e subjetivas dos participantes no processo da pesquisa.

Por já ter sido aplicada a troca de cartas em anos anteriores, daquela vez entre professores e estudantes, a ideia inicial da pesquisa era de que essa troca acontecesse entre os partícipes, a partir da leitura e escuta das obras de artistas selecionados nesta pesquisa, de modo a tornar o aprendizado prazeroso no momento de estarem juntos dividindo experiências e formas de insurgência estética contra o racismo. Entretanto, no percurso da pesquisa-ação participante, reconsiderou-se a estratégia pedagógica para o uso das cartas, optando-se por um outro formato, que propiciasse uma experiência de intervenção estética mais próxima à ideia de insurgência. Assim, definiu-se com os estudantes que as cartas deveriam ser endereçadas aos artistas estudados durante a pesquisa-ação, de modo a gerar uma aproximação afetiva entre estudantes e artistas, mesmo sob uma dimensão ficcional (tal como a própria arte supõe). Ao passo em que constituiria uma experiência de vinculação e reflexão mais íntima dos estudantes com os artistas, ganharia materialidade e visibilidade como uma intervenção estética em uma exposição aberta para toda a escola. Assim, a imagem estética proposta aos estudantes foi a de que as cartas ao serem expostas publicamente em uma espécie de “varal epistolar”, estariam sendo lançadas ao vento, dedicadas aos artistas, mas endereçadas a todos/as. Diferentemente do sigilo que as cartas impõem, seriam abertas à leitura pública.

Assim, atividades como leitura e produção de textos foram organizadas, a partir de autores que tratam a temática antirracista, fundamentando a pesquisa a contar da consideração da invisibilização do racismo como parte integrante do próprio ambiente escolar. A prática da leitura e da produção de textos, especialmente na troca de cartas, propiciou a relação não só de fazer-se compreender no outro, mas também de compreender a si mesmo no mundo em sua diferença, uma forma de reconhecer-se através da alteridade, do reconhecimento do outro e da abertura para a reflexão sobre sua própria imagem. Os efeitos nas subjetividades produzidos na confecção de cartas abriu espaço para o debate, para repensar o que foi escrito, de modo a maturar experiências e construir subjetividades a partir do tempo lento e do olhar atento que a escrita possibilita.

Esta dissertação encontra-se dividida em seis seções. A primeira, **Revisão de literatura: o estado do conhecimento em literatura, música e educação antirracista**,

avalia inicialmente os artigos, dissertações e teses que serviram como fundamento bibliográfico para corroborar com o tema proposto. De forma criteriosa, foram escolhidos descritores que tivessem relação com a temática, tais como: literatura, música, educação antirracista, Lima Barreto, Conceição Evaristo, Elza Soares e Racionais MC's. Concluída a revisão de literatura, essencial para fundamentar a pesquisa em questão, houve a possibilidade de avançar para conceitos relevantes para dar sequência às demais seções para o tema proposto.

Em **Dispositivo racial, colonialismo e necropolítica no Brasil**, o que se buscou como apontamentos desses elementos são leis criadas ao longo da História deste país, cujos tentáculos já estavam ligados ao capitalismo e seus vórtices que criaram ao decorrer, especialmente, dos séculos XIX, XX e XXI uma falsa sensação de liberdade aos então escravizados ou ex-escravizados. Trata-se de levantar questionamentos sobre o quanto essas leis foram criadas somente para beneficiar a corte imperial, proprietários de escravizados, mas jamais atender ao apelo de quem sentia literalmente na pele o estalar do chicote.

Na seção **De Lima Barreto a Conceição Evaristo: a literatura como insurgência ao racismo**, esses autores são estudados não apenas como literatos, mas sob a ótica denunciadora que suas obras revelam. Embora de épocas distintas, tanto Lima Barreto quanto Conceição Evaristo encontram na escrita o fio condutor para apontar dispositivos racistas tão comuns na sociedade brasileira e que, na maioria das vezes, são normalizados. Lima Barreto apresenta situações e personagens, analisados especialmente no conto “O pecado” e na obra “Clara dos Anjos”, que permitem refletir sobre como o racismo se encontra institucionalizado no Brasil da Primeira República, enquanto Conceição Evaristo em suas escritas, nesta pesquisa analisadas a partir de poemas do seu livro “Poemas de recordação e outros movimentos”, demonstra o peso das lembranças de uma ancestralidade marcada pela escravidão. A insurgência dos autores em questão está na sua capacidade de demonstrar o quanto o racismo persiste como elemento cruel e letal, ao mesmo tempo em que buscam transcendê-lo por meio da denúncia em sua própria arte.

No subseção **De Elza Soares a Racionais MC's: a música como insurgência ao racismo**, busca-se demonstrar como a musicalidade desses artistas revela sua potencialidade insurgente, não só como elemento de valorização de sua africanidade, mas também para denunciar o racismo e apontar novos parâmetros para a conscientização de uma educação antirracista. Busca-se analisar, ainda, as articulações possíveis entre os artistas e pensadores como Achille Mbembe, Sueli Carneiro, no que diz respeito à necropolítica e ao dispositivo de racialidade, como ao papel da arte e do artista à realidade que o cerca.

A sexta seção, **Pesquisa-ação participante e suas estéticas insurgentes**, traz os resultados da pesquisa-ação participante e suas estéticas insurgentes propriamente ditas. Compreende-se que as estéticas insurgentes transitam pela episteme de Michel Foucault ao apresentar o percurso desenvolvido pelo pesquisador pelo cuidado de si por meio de quatro artistas negros que sempre lutaram por uma sociedade antirracista. Busca-se depreender a lógica de uma educação antirracista no decorrer de suas quatro subseções, demonstrando elementos envolvidos, analisando os autores, a recepção dos estudantes quanto à pesquisa, mais o estudo aprofundado sobre o impacto causado nos estudantes.

O filósofo Michel Foucault foi importante para que esta pesquisa-ação participante pudesse ter sequência e ser concretizada, o que se pode perceber na subseção **O exercício de subjetividades antirracistas em contextos adversos**, uma vez que sem a compreensão do cuidado de si como tecnologia estruturadora da docência na relação com as diferenças, tornar-se-ia impossibilitada a pesquisa em questão. A escolha teórica do pesquisador, dentro da filosofia foucaultiana, permitiu resolver muitas ideias que pareciam distantes dos atores presentes na pesquisa.

Na subseção **Experiências preliminares e fundamentos curriculares para a pesquisa-ação participante**, pretendeu-se apontar um breve perfil dos estudantes partícipes da pesquisa, os artistas e como suas obras foram essenciais para o desenvolvimento de atividades que vinham sendo articuladas da primeira à terceira série do Ensino Médio com estes estudantes.

A manifestação dos estudantes no contato com a literatura reflete sua potencialidade como constituidora de subjetividades. Neste sentido, é possível inferir que a literatura brasileira, por meio de Lima Barreto e Conceição Evaristo, permite pensar sobre o cuidado de si como uma tecnologia orientadora de estratégias para uma educação antirracista.

Passando da literatura para a música, a subseção **De Elza Soares a Racionais MC's: a coragem necessária de quem vive o negro** permite compreender como a música negra de diferentes épocas permite suscitar a coragem da verdade como elemento estruturador da luta antirracista, ao passo em que fornecesse aos estudantes formas estético-políticas de afirmação de subjetividades antirracistas.

Em **A receptividade dos estudantes aos artistas de gerações diferentes**, é possível averiguar o trabalho do pesquisador anteriormente à execução desta pesquisa-ação participante. Analisa-se, por meio da devolutiva dos estudantes participantes no processo da pesquisa, as cartas destinadas aos artistas supracitados anteriormente, como forma de exercício de subjetivação antirracista advinda da escrita.

Para fechamento da sexta seção tem-se como subseção o título **Quatro vozes distintas para um mesmo propósito: uma educação antirracista** que traz a visão, por meio das subjetividades dos estudantes sobre o processo de ensino-aprendizagem da pesquisa. Aponta-se como foi a experiência dos estudantes ao registrar suas impressões durante o período em que participaram como principais atores desse percurso.

2 REVISÃO DE LITERATURA: O ESTADO DO CONHECIMENTO EM LITERATURA, MÚSICA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Quando se inicia uma pesquisa, o insólito, o incerto toma uma dimensão imensa, pois não se sabe quais serão os resultados obtidos, tampouco se serão satisfatórios para cumprir tarefa tão minuciosa. Partindo dessa premissa, deve-se estar atento às palavras-chave que esmiuçarão o que realmente trará resultados capazes de surtir o efeito desejado para que a pesquisa tome forma e passe a ser objeto de integração/interação entre o pesquisador e seu tema.

Assim sendo, foram utilizados para esta pesquisa, dissertações, artigos e teses que estão de acordo com o tema. Optou-se por um levantamento bibliográfico, uma vez que o tema em questão relaciona as estéticas insurgentes (neste caso, literatura e música) como elementos transformadores para uma educação antirracista. Essa percepção considera que o racismo se constitui, na maioria das vezes, pelo apagamento dos saberes e da produção cultural afro-brasileira, o que fere não só a Constituição Federal de 1988, como também as subjetividades dos sujeitos negros. Mais ainda, tal apagamento é um dos vetores do epistemicídio. Segundo Carneiro (2023, p. 82):

É importante lembrar que o conceito de epistemicídio, utilizado aqui, não é extraído do aparato teórico de Michel Foucault, mas sim de Boaventura de Sousa Santos, para quem o epistemicídio se constituiu num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica e racial pela negação da legitimidade do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros, que passam a ser ignorados como sujeitos de conhecimento.

Assim, pode-se inferir que além de negar a subjetividade do outro, o dispositivo de racialidade também torna as experiências e memórias das pessoas negras invisíveis ao longo da história do Brasil. Desta forma, torna-se evidente a importância da literatura e da música como estéticas insurgentes, pois

A diferença é então tornada objeto de investigação, de produção de saber, de títulos, de reconhecimento — poder, enfim — e produz, ademais, os saberes insurgentes que emergem do campo da resistência, disputando a produção da verdade sobre a racialidade dominada (Carneiro, 2023, p. 37).

Dentro do campo da resistência muito bem exposta por Carneiro (2023), o foco das estéticas insurgentes está viabilizado pelas literatura e música, tendo como artistas para o desenvolvimento do tema em questão: Lima Barreto, Elza Soares, Conceição Evaristo e Racionais MC's, os quais sempre pontuaram em suas obras o racismo sob forma de denúncia

dentro de um país que insiste no mito da democracia racial. Tal como descrito por Florestan Fernandes (1989, p. 17) no livro *Significado do protesto negro*: “Pois consideremos: o mito – não os fatos – permite ignorar a enormidade da preservação de desigualdades tão extremas e desumanas, como são as desigualdades raciais no Brasil (...)”.

Buscou-se por meio das plataformas BDTD, CAPES e SCIELO artigos, dissertações e teses. As palavras-chave escolhidas para fazer o recorte preciso foram “Antirracismo”; “Educação Antirracista”; “Lima Barreto”; “Elza Soares”; “Conceição Evaristo”; “Racionais MC’s”. Quanto ao período pesquisado, este deteve-se entre 2020 a 2025, para que a delimitação torne a pesquisa concisa. Essa delimitação fez-se necessária para que se chegasse a um resultado satisfatório. Para que o recorte fosse ainda melhor delimitado, optou-se pela busca no campo “Educação”, justamente pelo fato de o tema estar relacionado a esta área de estudo.

A busca, inicialmente, deu-se pela plataforma BDTD, cuja pesquisa apontou somente artigos e dissertações para as palavras-chave expostas anteriormente, totalizando 701 resultados. Sendo assim, o foco foi a seleção de textos cuja relação com o tema proposto tivessem a intenção de contribuir cientificamente para a sua feitura. Nesse sentido, decidiu-se descrever primeiro as dissertações encontradas; depois, os artigos, uma vez que não foram encontradas teses a partir das palavras-chave propostas para a pesquisa. As dissertações e artigos encontrados na plataforma BDTD serão analisados a seguir.

Para que uma pesquisa tenha fundamento teórico, há a necessidade de buscar outras pesquisas que dialoguem com o tema proposto. Somente assim ter-se-á uma discussão teórica que possa elevar o estado do conhecimento ao patamar epistêmico, diminuindo as lacunas presentes no campo.

Nesse sentido, a autora Adriana Mello Almeida Martins, apresenta em sua pesquisa intitulada “Uma prática docente antirracista” (2022) uma análise sobre a prática docente antirracista, cuja elucidação consiste no fato de professores não terem a formação tanto sobre a história e cultura afro-brasileiras, mesmo após a promulgação da Lei nº 10.639/03.

“Cultura e política: o antirracismo na literatura periférica”, de Boris Calazans dos Santos, expõe a sua investigação sobre o discurso antirracista a partir da literatura periférica. Sua análise deteve-se na literatura tanto oral quanto escrita dentro das características do construto social às quais pessoas negras passam a se afirmar positivamente. Essa dissertação buscou comparar os estudos sobre raça com a utilização de termos periféricos empregados pelo movimento *hip hop*. Sendo assim, o autor afirma que tentou compreender os elementos antirracistas para além de seus elementos visíveis e pronunciados.

Ainda, dentro da palavra-chave “Antirracismo”, foi encontrado na busca de periódicos da BDTD a dissertação “Entre a chaga e a cura: música e ensino de História para uma educação antirracista”, de Saulo Vinícius da Silva. Segundo Silva, esse trabalho tem como objetivo inspirar professores e professoras a desenvolverem práticas antirracistas para o enfrentamento dentro de uma visão crítica. O autor pondera também como o uso da música pode ser um elemento potente para a construção do conhecimento histórico. Além disso, aponta como a música auxilia para a compreensão dos afetos, subjetividades, a ponto de gerar empatia. Há ainda a sugestão de atividades como a gravação da análise das músicas para que estas sejam postadas na plataforma Youtube, como forma de contribuir para a História Pública Digital.

Buscou-se também na plataforma BDTD as palavras-chave “Lima Barreto”, “Elza Soares”, “Conceição Evaristo” e “Racionais MC’s”, respectivamente, no campo “Educação”, sendo o resultado insatisfatório para estes artistas. Desta forma, optou-se por pesquisá-los no campo “Literatura”, o que apontou resultados parcos, porém satisfatórios, os quais serão descritos a seguir.

Na dissertação “A branquitude desvelada: o romance Clara dos Anjos e as relações raciais e de gênero na Primeira República”, de Samara dos Santos Carvalho, a autora aponta como a construção social de branquitude marca uma distinção racial na primeira fase da República do Brasil. Além disso, aponta o pioneirismo de Lima Barreto ao abordar em sua obra o racismo, bem como a branquitude como uma ideologia – um construto social, o qual torna o negro como um fator fictício, muito bem definido por Mbembe (2018, p. 7):

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euroamericanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada.

Desta forma, Carvalho expõe dois aspectos na obra “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto: o fenômeno social e comercial, bem como o referencial de uma época, a vida na periferia ao retratar o racismo e também a branquitude como uma ideologia pela alienação da personagem Clara dos Anjos. Sendo assim, Carvalho traça uma abordagem tanto da literatura como processo de investigação do fenômeno relacional, quanto à esfera simbólica atrelada a contextos sociais e políticos específicos.

Sobre a artista Elza Soares, a busca na plataforma BDTD apresentou somente uma dissertação intitulada “Representações da negritude na escola: canções de resistência na EJA”, da autora Verônica Maria de Souza Campos. Nessa dissertação a autora defende a utilização de

canções de resistência e protesto como instrumento que externam a realidade de estudantes matriculados na EJA (Educação para Jovens e Adultos). O objetivo geral consistiu em abordar canções que desenvolvem a leitura e interpretação para aproximá-los da negritude. Por esse motivo, a pesquisadora em questão elaborou um projeto de intervenção na EJA a partir das canções “A mão da limpeza”, de Gilberto Gil, e “A carne”, interpretada por Elza Soares. Sendo assim, essas canções serviram como vetor para a sua pesquisa-ação, bem como para a construção de um projeto que possa ser utilizado para professores do ensino básico para a construção do saber e a socialização, cujas práticas encontram dificuldades para alcançar êxito.

Quanto à autora Conceição Evaristo, a busca apontou 7 teses e 14 dissertações, das quais apenas uma (01) dissertação tem relação com o tema. Neste caso, “Narrativas de uma mulher educadora/professora negra: constituição identitária e a escrita como combate à invisibilidade”, de Maria Eduarda Ribeiro da Silva, coaduna com o tema na perspectiva de compreender uma autora “mulher educadora/professora negra”, conforme explícito no título da dissertação, por meio da evocação de suas memórias aliadas às escrevivências de Conceição Evaristo. Para Silva, a construção do diálogo entre os conceitos de Escrevivência, Necropolítica e Outro no princípio de alteridade, a partir do princípio de desmembrar conceitos sociais cuja capacidade é excludente quando se trata de afro-brasileiros, o qual remete a Mbembe (2018, p. 26) quando trata da dimensão fantasmagórica:

Quanto ao resto, trata-se do que se apazigua odiando, mantendo o terror, praticando o alterocídio, isto é, constituindo o Outro não como *semelhante a si mesmo*, mas como objecto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente é, preciso destruir, devido a não conseguir assegurar o seu controlo total.

Sendo assim, a presente dissertação relaciona uma educação antirracista à evocação de memórias dos estudantes correlacionadas às escrevivências como princípio de apresentar uma educação crítica para o entendimento da necropolítica como meio austero que pratica o alterocídio.

Por fim, a última palavra-chave pesquisada na plataforma BDTD foi “Racionais MC’s”. Neste caso, houve a necessidade de alterar o campo de pesquisa “educação” para “literatura”, por não ter-se encontrado resultado no campo acima citado. Foram obtidos um total de 48 periódicos; destes, apenas uma (01) tese tem relação com tema proposto. A tese “Racionais MC’s: a arte musical como instrumento revolucionário, ativismo político e social”, de Diego Oliveira Turato objetiva apresentar o grupo de rap Racionais MC’s como revolucionário por

usar a música como ativismo social e político para mobilizar a conscientização referente às profundas transformações sociais deste país.

O autor, ao analisar os álbuns lançados do grupo Racionais MC's, até então, conclui que os compositores do grupo provocam uma revolução no sentido cultural, bem como despertam a consciência periférica para a luta de classes.

Quadro 1 - Resultado da pesquisa feita na plataforma BDTD, a partir das palavras-chave: “Antirracismo”, “Educação antirracista”, “Lima Barreto”, “Elza Soares”, “Conceição Evaristo”, “Racionais MC's”

PALAVRA-CHAVE	DISSERTAÇÃO	TESE
Antirracismo	02	-
Educação antirracista	01	-
Lima Barreto	01	-
Elza Soares	01	-
Conceição Evaristo	01	-
Racionais MC's	-	01

Fonte: Elaborado pelo autor. Dados da pesquisa.

Quadro 2 - Resultado da pesquisa feita na plataforma BDTD, a partir das palavras-chave: “Antirracismo”, “Educação antirracista”, “Lima Barreto”, “Elza Soares”, “Conceição Evaristo”, “Racionais MC's”

PALAVRA-CHAVE	NOME DOS AUTOR(ES)	TÍTULO	ANO
Antirracismo	Adriana Mello Almeida Martins	Uma prática docente antirracista	2022
	Boris Calazans dos Santos	Cultura e política: o antirracismo na literatura periférica	2022
Educação antirracista	Saulo Vinícius da Silva	Entre a chaga e a cura: música e ensino de História para uma educação antirracista	2020
Lima Barreto	Samara dos Santos Carvalho	A branquitude desvelada: o romance Clara dos Anjos e as relações raciais e de gênero na Primeira República	2024
Elza Soares	Verônica Maria de Souza Campos	Representações da negritude na escola: canções de resistência na EJA	2023
Conceição Evaristo	Maria Eduarda Ribeiro da Silva	Narrativas de uma mulher educadora/professora negra: constituição identitária e a escrita como combate à invisibilidade	2022
Racionais MC's	Diego Oliveira Turato	Racionais MC's: a arte musical como instrumento revolucionário, ativismo político e social	2023

Fonte: Elaborado pelo autor. Dados da pesquisa.

A pesquisa nos Periódicos CAPES foi realizada a partir das palavras-chave “Antirracismo” (sendo que esta palavra-chave estava atrelada à “Educação antirracista” nos periódicos encontrados), “Educação antirracista”, “Lima Barreto”, “Elza Soares”, “Conceição Evaristo”, “Racionais MC’s”.

Para as palavras-chave “Educação antirracista” foram encontrados um total de 287 artigos, sendo foram selecionados apenas cinco (05), por estarem dentro do tema.

O artigo “A formação identitária negra frente à educação antirracista”, de Maria Antonieta Teixeira e Daiane Oliveira da Cruz, discute a vida das autoras frente à sua formação identitária. A partir da narrativa autobiográfica, a autora relaciona metodologias de autores com temática das relações étnico-raciais, bem como as construções sócio-históricas nas relações e o racismo como herança europeia dominante.

“Os caminhos (nada suaves) para a implementação de uma educação antirracista: experiência em uma rede municipal catarinense” (2023) – artigo das autoras Marlina Oliveira Schiessl e Lucimar Rosa Dias. Este artigo vislumbra registrar a importância de uma educação antirracista a partir de contextos educacionais contemporâneos, de acordo com a experiência aplicada na Proposta Pedagógica na Rede Municipal de Brusque no Estado de Santa Catarina. Versa sobre a dificuldade de implementação de uma educação antirracista, o qual precisa de um trabalho sistemático e consolidado.

Já o artigo “A poética de resistência do caxambu: uma prática insurgente de educação antirracista”, de Jacyara Conceição Rosa Mardgan e Dayana de Oliveira Rosa Tamanhoni, aponta uma estratégia de ação decolonial para uma educação antirracista por meio de uma abordagem do Caxambu, Patrimônio Cultural Negro do Brasil. As autoras apontam o quão importante é defender a perspectiva de uma África inventada em solo brasileiro. Demonstra-se aí o quanto deve ser pautado a obrigatoriedade da História da África e cultura afro-brasileira na educação.

A cultura Hip Hop representa a voz dos excluídos, especialmente o povo preto dos chamados guetos do EUA no final dos anos 1970 e que passou a ser difundido no Brasil nos anos 1980. Do gueto nos EUA para as periferias do Brasil. Gerações de rappers surgiram como os precursores Thaide e Dj Hum até chegar à nova geração com Emicida. Sobre este rapper que o artigo “A Literatura do rapper Emicida como referência para uma educação antirracista”, de Tatiana Galieta, procura tratar. A autora utilizou os três últimos álbuns de estúdio no período de feitura do artigo. A literatura rapper contribui, segundo Galieta (2022), como uma referência para uma educação antirracista como forma de discutir as dimensões históricas, social,

científica e religiosa. Dessa forma, a autora apresenta a resistência a partir de elementos que subsidiam uma educação antirracista.

Uma analogia entre as obras de Lima Barreto e Monteiro Lobato é apresentada pela autora Tâmara Abreu (2021) no artigo “Três contos de Lima Barreto e de Monteiro Lobato Esmiuçando o Brasil-República”, apontando semelhanças no modo de pensar de cada autor, entretanto, sem apresentar qualquer reflexão quanto ao racismo.

O artigo “Corpo negro ‘desmortificado’”: reflexões sobre a resistência negra presente no videoclipe “A Carne” (2017)” – das autoras Beatriz Gomes Cornélio, Heloísa Raimunda Herneck, usam o videoclipe da canção “A carne” para fazer uma análise etnográfica de tela, cujo objetivo é refletir sobre a emergência das questões raciais. Além dessa reflexão, as autoras apresentam a “desmortificação” do corpo negro, o qual se dá pelo apagamento e marginalização de negros na sociedade.

O artigo “Sobrevivendo no inferno”, de autoria de Marta Quaglia Cerruti, aborda a produção de Racionais MC’s: o sobrevivente e a memória. Por meio de uma análise sobre biopolítica e necropolítica, Cerruti divide o texto em três partes conceituando a partir de Foucault e Mbembe.

O uso da literatura afro-brasileira como elemento para se compreender as relações étnico-raciais dentro da obra da autora Conceição Evaristo é estudado no artigo “Literatura negro-brasileira”, de Francisco de Assis Nascimento, Ericka Santana Carneiro e Milena Santos de Jesus. Os autores corroboram a aplicação da Lei 10.639/03. Nesse sentido, valem-se do recorte do texto “Aramides Florença” presente na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2017), cujo enfoque foi a partir dos Estudos Decoloniais e Teoria Literária.

O epistemicídio provoca cisão e apagamento dos corpos negros, como bem justifica Mbembe (2018) no livro “Crítica da razão negra”. Essa premissa foi objeto de estudo no artigo “A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência” – autoras: Luciana Pereira Queiroz Pimenta Ferreira, Luísa Consentino de Araújo, Maria Luiza Simplicio Rodrigues e Yanca Abreu Câmara. As autoras valem-se da obra “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo como forma de abordagem por meio da estratégia da “escrevivência”, a qual promove a desconstrução das imagens do epistemicídio eurocêntrico.

“Racismo e Antirracismo no Brasil” contribui para a compreensão sobre racismo no Brasil e seu ativismo negro. Desta forma, os autores Paulo César Ramos e Ana Maura Tomesani enfatizam também no artigo a violência policial. A partir da revisão literária consolidada sobre o tema das relações raciais.

Ainda, quanto à palavra-chave antirracismo, foi encontrado na plataforma CAPES o artigo “A urgência do letramento racial e do antirracismo na educação brasileira” de Julia Oliveira Moraes. O artigo em questão demonstra a distância que há entre a legislação e o cotidiano brasileiro perante o letramento antirracista na educação brasileira, sendo que este sugere a urgência de caminhos para as instituições educacionais adotarem o antirracismo como princípio pedagógico e político central.

Desta forma, foram encontrados somente artigos nos Periódicos CAPES sobre as palavras-chave citadas anteriormente. Conforme apontado, a seguir apresenta-se o quadro com o quantitativo de artigos encontrados de cada palavra-chave.

Quadro 3 - Nova pesquisa nas bases

PALAVRA-CHAVE	ARTIGOS ENCONTRADOS	ARTIGOS PESQUISADOS
Antirracismo	89	2
Lima Barreto	78	2
Elza Soares	48	1
Conceição Evaristo	304	2
Racionais MC's	22	1

Fonte: Elaborado pelo autor. Dados da pesquisa.

Quadro 4 - Nova pesquisa nas bases CAPES

PALAVRA-CHAVE	NOME DOS AUTOR(ES)	TÍTULO	ANO
Antirracismo	Maria Antonieta Teixeira e Daiane Oliveira da Cruz	A formação identitária negra frente à educação antirracista	2022
	Marlina Oliveira Schiessl e Lucimar Rosa Dias	Os caminhos (nada suaves) para a implementação de uma educação antirracista: experiência em uma rede municipal catarinense	2023
Educação antirracista	Jacyara Conceição Rosa Mardgan e Dayana de Oliveira Rosa Tamanhoni	A poética de resistência do caxambu: uma prática insurgente de educação antirracista	2023
	Tatiana Galieta	A Literatura do rapper Emicida como referência para uma educação antirracista	2022
Lima Barreto	Tâmara Abreu	Três contos de Lima Barreto e de Monteiro Lobato Esmiuçando o Brasil-República	2021

Elza Soares	Beatriz Gomes Cornélio, Heloísa Raimunda Herneck	Corpo negro “desmortificado”	2017
Conceição Evaristo	Francisco de Assis Nascimento, Ericka Santana Carneiro e Milena Santos de Jesus	Literatura negro-brasileira	2017
Racionais MC’s	Marta Quaglia Cerruti	Sobrevivendo no inferno	2020

Fonte: Elaborado pelo autor. Dados da pesquisa.

A busca na plataforma SCIELO também foi realizada a partir das mesmas palavras-chave: “Antirracismo”, “Educação antirracista”, “Lima Barreto”, “Elza Soares”, “Conceição Evaristo”, “Racionais MC’s”. Na plataforma em questão, foram localizadas um total de 48 artigos, dentre os quais serão detalhados os que têm relação com o tema.

Ações afirmativas e de antirracismo como estratégias de inclusão educacional trazem um descortinamento do racismo como é tratado no artigo “Descortinando e ampliando horizontes: ações afirmativas e antirracismo como estratégias de inclusão educacional”, cuja autora Matilde Ribeiro apresenta em cinco partes para desenvolver o tema do texto em questão, os quais Ribeiro reflete sobre descortinar o vivido entre o ativismo negro e as instituições estatais na busca de diminuir o tensionamento causado pela falta de entendimento sobre as ações afirmativas e de antirracismo.

Quanto à “educação antirracista” como palavra-chave, foram encontrados na busca da plataforma SCIELO 19 (dezenove) periódicos, sendo que um (01) tem relação com a autora Conceição Evaristo - Escrevivências: possibilidades para uma educação antirracista, por apropriar-se do método escrevivências para alinhá-lo às prerrogativas da Lei n.º 10.639/2003, segundo as autoras desse artigo (Nathália Pereira de Oliveira. Regina Lúcia Sucupira Pedroza, Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino). Desta forma, as autoras partem não somente das escrevivências de Evaristo, como também de “assunção de si”, de Paulo Freire e da defesa de uma educação como prática da liberdade, de bell hooks. A partir dessas práticas desenvolvidas com estudantes do Ensino Médio do DF, é que foi possível fomentar uma educação antirracista por meio de relatos de pessoas marginalizadas pela cor ou classe social.

Outro artigo encontrado na busca pela plataforma SCIELO por meio da palavra-chave “educação antirracista” foi o artigo “História dos afro-brasileiros, africanos e a educação antirracista: o olhar das/os professoras/es das licenciaturas”, de Cíntia Santos Diallo e Cláudia Araújo de Lima. Embora esse artigo tenha como objetivo a educação superior, cabe ressaltar o apontamento sobre a dificuldade de efetivar disciplinas que abordem nos cursos de licenciatura

a Lei nº 10.639/2003, uma vez que os acadêmicos futuramente estarão atuando em escolas básicas dos ensinos Fundamental e Médio. Foram objetos da pesquisa a Universidade de Brasília, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Universidade Federal da Grande Dourados. Chegou-se à conclusão que dos 104 cursos de licenciatura, somente 50 (cinquenta) incorporaram a temática, enquanto 48 (quarenta e oito) não possuíam disciplinas étnico-raciais, em 6 (seis) não foi possível fazer essa identificação.

Ainda sobre a palavra-chave “educação antirracista”, a busca resultou no artigo “Por um cânone escolar antirracista no ensino médio: um olhar aos livros didáticos de Português”. A autora Ana Paula dos Santos de Sá apresenta nesse artigo uma análise das propostas dos livros didáticos de língua portuguesa, dentro da literatura que visem uma educação antirracista. O que se identificou nos livros do Ensino Médio analisados, disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático, é que duas das coleções aprovadas pelo programa em 2015 articulam ao condoreirismo o poeta afrodescendente Luiz Gama. Santos (2021) chegou à conclusão, com ressalvas, que as coleções analisadas, em seus capítulos, estão alinhadas à Lei nº 10.639/2003.

Na plataforma SCIELO, quanto à pesquisa sobre autores como Lima Barreto, Elza Soares, Conceição Evaristo e Racionais MC's, houve dificuldades em encontrá-los se buscados apenas no campo “Educação”. Decidiu-se então buscá-los pelo campo “Literatura”, o qual foi possível obter resultados que pudessem não só ser estudados bem como pudessem estar em consonância com o tema.

Lima Barreto foi um autor brasileiro que retratou o racismo em sua obra literária. Na busca por esse artista, foram encontrados 7 (sete) artigos, sendo que um destes tem relevância quanto ao tema em questão: “Lima Barreto e a política dos sentidos em Numa e a Ninfa: um estudo da expressividade do corpo”, de Thiago Venícius de Sousa Costa. O artigo apresenta uma reflexão sobre a obra “Numa e Ninfa”, de Lima Barreto, e de como o autor construiu a política de sentidos ao refletir a corporeidade dos edis da cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX.

Quanto à Elza Soares, a busca deteve-se em apenas um (01) artigo que trata também de Conceição Evaristo. Não houve o intento de encontrar dissertações, teses sobre as duas artistas. Neste caso, o artigo “Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da escrevivência”, de Luciana Barreto Machado Rezende, tornou-se o único estudo encontrado para a pesquisa. O estudo traça um paralelo entre as quatro mulheres que deram voz à sua luta como forma de um ato de resistência

e de manifestação tanto estética quanto crítico-sociorracial, como defende Rezende. Conceição Evaristo inaugura, segundo Rezende, a expressão negra e feminina por meio da escrevivência, que, de certa forma, já havia em Elza Soares, Maria Auxiliadora e Carolina de Jesus.

Racionais MC's, grupo de rap paulistano, sempre abordou em seus versos o racismo, os problemas sociais, a exclusão do povo de periferia, bem como o branqueamento como elemento “do inimigo racista” apresentada na canção “Júri racional”, presente no disco “Raio-x Brasil”. Dois artigos foram encontrados na plataforma SCIELO, porém o artigo encontrado na plataforma na área de “Literatura”, que melhor aborda a temática, encontra-se sob o título “Racionais MC's, Marighella e o branqueamento do Brasil”, de Paulo Dutra. Dutra aponta como a obra dos Racionais MC's denuncia esse dispositivo de branqueamento na sociedade brasileira, bem definida por Carneiro (2023, p. 60) quando afirma que

assim sendo, a morte do outro — que é Outro porque degenerado e de raça inferior — permite ao biopoder promover a vida da raça mais sadia e mais pura. Em outras palavras, o racismo é indispensável para que o poder, enquanto biopoder e com função primordial de promover a vida, venha a tirar a vida.

Quadro 5 - Demonstrativo dos artigos encontrados na plataforma SCIELO

PALAVRA-CHAVE	ARTIGOS ENCONTRADOS	ARTIGOS UTILIZADOS
Antirracismo	19	01
Educação antirracista	19	03
Lima Barreto	07	01
Elza Soares	01	01
Conceição Evaristo	01	01
Racionais MC's	02	01

Fonte: Elaborado pelo autor. Dados da pesquisa.

Quadro 6 - Demonstrativo dos artigos encontrados na plataforma SCIELO

PALAVRA-CHAVE	NOME DOS AUTOR(ES)	TÍTULO	ANO
Antirracismo	Matilde Ribeiro	Descortinando e ampliando horizontes: ações afirmativas e antirracismo como estratégias de inclusão educacional	2022
Educação antirracista	Nathália Pereira de Oliveira. Regina Lúcia Sucupira Pedroza, Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino	Escrevivências: possibilidades para uma educação antirracista	2023
	Ana Paula dos Santos de Sá	Por um cânone escolar antirracista no ensino médio: um olhar aos livros didáticos de Português	2021
Lima Barreto	Thiago Venícius de Sousa Costa	Lima Barreto e a política dos sentidos em Numa e a Ninfa: um estudo da expressividade do corpo	2021
Elza Soares	Luciana Barreto Machado Rezende	Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da escrevivência	2022
Conceição Evaristo	Luciana Barreto Machado Rezende	Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da escrevivência	2022
Racionais MC's	Paulo Dutra	Racionais MC's, Marighella e o branqueamento do Brasil	2020

Fonte: Elaborado pelo autor. Dados da pesquisa.

3 DISPOSITIVO RACIAL, COLONIALISMO E NECROPOLÍTICA NO BRASIL

A questão racial perpassa o preconceito de cor, uma vez que também nega ou apaga a existência do Outro, ou seja, o negro. E, ao negar sua existência, confirma o dispositivo racial que anula oportunidades de ascensão de corpos negros, ao objetificá-los. Mbembe (2018, p. 78) reflete sobre esta questão ao afirmar que “[...] o processo de transformação das pessoas de origem africana em ‘negros’, isto é, em corpo de exploração e em sujeito de raça, obedece, em vários aspectos a uma tripla lógica de ossificar, envenenar, calcificar”.

O dispositivo racial, tal como analisado por Sueli Carneiro (2023), pode ser melhor entendido como um conjunto de mecanismos estruturais e discursivos que operam de forma contínua na sociedade, produzindo e reproduzindo as desigualdades raciais e as hierarquias baseadas na racialidade. Esse dispositivo não se limita às ações explícitas de discriminação, mas se manifesta também nas instituições, nas práticas culturais e nos discursos que naturalizam e perpetuam a marginalização dos corpos racializados. Assim, o dispositivo racial funciona como uma lógica que insere o racismo no cotidiano, moldando subjetividades e consolidando estruturas de poder que dificultam a emergência de uma sociedade verdadeiramente igualitária. Compreender esse conceito é fundamental para a análise das dinâmicas de opressão racial e para a formulação de estratégias de resistência e transformação social.

Biopolítica, necropolítica e racismo são eixos que se encontram no mesmo princípio de exercício de soberania, sob o estado de exceção imputado aos corpos negros, segundo Mbembe (2016, p. 124). O estado de exceção sempre esteve presente no Brasil, desde que foi oficializada a sua invasão em 1500. Os primeiros a sofrerem com esse dispositivo foram os indígenas, uma vez que o branco europeu não respeitou costumes, cultura e religiosidade dos nativos. A catequização institucionalizada pelos portugueses ainda no começo do século XV por meio dos jesuítas corroboram com esta afirmação. Mais tarde, surge o modelo escravista, tornando o negro uma fantasmagoria, como afirma Mbembe.

O colonialismo manteve-se firme durante o Império, porém com outras estruturas que o fundamentaram no Brasil do século XV. Mesmo após a promulgação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, a população negra continuou escravizada, porém por outros dispositivos que buscaram anulá-lo na sociedade, renegando-o a um papel de serviçal, nunca o de protagonista. O mito da democracia racial configurou este país como uma nação gentil, harmoniosa com todas as raças, o que se mostrou o contrário, de acordo com Fernandes (1989, p. 31):

Os negros não foram somente espectadores passivos dessa revolução social espontânea. Mas dela foram banidos, de imediato e ao longo de mais de três décadas, postos à margem da condição dos agentes do processo de redefinição do trabalho livre como categoria histórica.

Para entender a necropolítica, a biopolítica e o racismo, é preciso aprofundar-se na história do Brasil e a sua colonização despendida pelas invasões europeias, as quais impunham sua episteme de forma voraz às populações das terras do Novo Mundo. Assim, a biopolítica agiu pelo racismo, pois “o racismo é indispensável para que o poder, enquanto biopoder e com função primordial de promover a vida, venha a tirar a vida” (Carneiro, 2023, p. 60).

A partir de 1530 a colônia portuguesa inicia a escravização no Brasil, por considerar o trabalho braçal algo inferior, viu no indígena o primeiro ser como seu agente. Devido à dificuldade de adaptação e também das doenças que os nativos contraíam, os portugueses inauguraram o modelo de exportação dos africanos por meio de escambo. Começa o processo mais cruel que se tem conhecimento na história moderna, o que considerou as populações negras uma mercadoria. Neste sentido, é que “Empregando a máxima do “deixar viver e deixar morrer” como expressão do biopoder, Foucault identifica o racismo como legitimador do direito de matar, que será exercido pelo Estado por ação ou omissão, de forma direta ou indireta” (Carneiro, 2023, p. 62).

Um passado inglório que repercute ainda no século XXI. O racismo ganhou novas formas, às quais se enraizaram na sociedade brasileira demonstrando que a escravidão mantém acesa o preconceito contra o negro. Uma abolição não libertou negros escravizados, pelo contrário, só potencializou a ideia de fantasmagoria quanto ao negro, pois “para o racista, ver o negro é não ver que ele não está lá; que ele não existe; que ele mais não é do que o ponto de fixação patológico de uma ausência de relação” (Mbembe, 2018, p. 66).

A abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, oficializada por uma mulher branca no paço imperial – princesa Isabel (1846-1921) – provocou o apagamento de personalidades negras que lutaram pela libertação dos negros escravizados nos processos histórico-sociais, já que “O 13 de Maio delimita historicamente a eclosão da única revolução social que se realizou no Brasil. [...] A ela se seguiu uma revolução política, com a implantação da República”. (Fernandes, 1989, p. 31).

Cem anos depois, em 1988, grupos dos movimentos negros ainda questionavam a data de 13 de maio como um marco de libertação da raça negra, sendo que pleiteavam a data da morte de Zumbi dos Palmares como um dia para buscar-se a conscientização da negritude do Brasil. Mas antes já havia esse movimento nas décadas de 1960 e 1970, em que o negro chega

à consciência de um racismo institucional, como bem pontua Fernandes, “e, aproveitando estratégias vinculadas à luta de classes, combate as mistificações da ‘democracia racial’, as versões da ‘história oficial’ sobre a fraternidade da raça ou da democracia racial, correntes entre os brancos e mesmo entre os negros”. (Fernandes, 1989, p. 32).

Em 1971, no Centro de Porto Alegre, jovens negros reuniram-se em grupo e, após estudos, sugeriram que 20 de novembro substituísse o 13 de maio como data comemorativa da libertação de ex-escravizados, uma vez que a Lei Áurea representava essa libertação pelas mãos brancas do império, enquanto 20 de novembro – dia da morte de Zumbi dos Palmares – seria símbolo de luta por liberdade e de resistência, além de gerar reflexão para as questões raciais. A data passou a ser comemorada a partir do ano de 2003, quando aprovada pelo senado, passando a fazer parte do calendário escolar.

Ainda assim, 20 de novembro, como feriado, não era comemorado em todo o país, apenas em algumas capitais. Somente em 21 de dezembro de 2023, o então presidente da república Luís Inácio Lula da Silva sancionou a Lei que consagra o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra como feriado em todo o Brasil, há exatos 52 anos após a reivindicação do Grupo Palmares, pois para Antônio Carlos Côrtes a Lei Áurea assinada pela princesa Isabel era uma “lei incompleta”, uma vez que não garantiu aos ex-escravizados direito ao trabalho, educação e moradia.

O grupo de jovens negros que se reuniu em Porto Alegre era denominado por Grupo Palmares, nome escolhido para fazer referência ao quilombo. Formavam o Grupo Palmares: Antônio Carlos Côrtes, Oliveira Silveira, Ilmo da Silva, Vilmar Nunes, Jorge Antônio dos Santos (Jorge Xangô) e Luiz Paulo Assis Santos.

Cabe ressaltar que outros grupos existiram logo após a abolição da escravatura, dentre os quais não se pode deixar de citar o Centro Cívico Cruz e Souza (1918), em Lages, pois

Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação (Domingues, 2007, p. 103).

Segundo Domingues, há uma divisão temporal no que tange ao surgimento de grupos e movimentos negros: a primeira fase que inicia após a abolição da escravatura em 1888 - Primeira fase do Movimento Negro organizado na República (1889-1937): da Primeira República ao Estado Novo; a Segunda fase do Movimento Negro organizado na República (1945-1964): da Segunda República à ditadura militar; a Terceira fase do Movimento Negro

organizado na República (1978-2000): do início do processo de redemocratização à República Nova. Entre a segunda e a terceira fases, que abrange o período do regime militar ditatorial, houve perseguições a membros e líderes dos grupos e movimentos negros, o que é apagado nos livros didáticos de História, e instituiu como maniqueísmo o mito da democracia racial, uma verdadeira distopia, uma vez que o racismo estrutural estava cada vez mais latente no próprio inconsciente popular, pois

o golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do "preconceito de cor" no país. Como consequência, o Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil (Domingues, 2007, p. 111).

Após esse período ditatorial, a reorganização política da pugna antirracista voltou à luta no final dos anos 1970. Lógico que houve movimentos e articulações negras anteriores a esse período, como, por exemplo, o surgimento do Grupo Palmares (1971), primeiro a defender a substituição do 13 de maio para o 20 de novembro.

Todos os grupos negros antecessores à criação tanto da Lei nº 10639/03, quanto do Dia da Consciência Negra em 20 de novembro, são responsáveis para que se fomentasse uma luta antirracista. O Brasil mantém o racismo estrutural e institucional em sua gênese de forma eufêmica para retratar um país democraticamente racial, o que não condiz com casos violentos e índices que apontam o extermínio de corpos negros referendados pelo Estado.

A importância da lei que transforma 20 de novembro não só em feriado nacional, mas como um dia para a consciência negra e de valorizar a história do herói Zumbi dos Palmares é de fundamental importância, segundo Fernandes (1989, p. 33):

O 13 de Maio se contrapõe ao 20 de novembro. A escravidão não impediu que o seu agente de trabalho e sua vítima construísse sua própria história, independentemente dos mitos consagrados pela 'história oficial'. [...] Essa conquista pressupõe que os negros redefinam a história, para situá-la em seus marcos concretos e entrosá-la com seus anseios mais profundos de autoemancipação coletiva e de igualdade racial.

Desta forma, a percepção da necropolítica evidencia-se na Lei Áurea, ao transformar os negros ex-escravizados no Outro a ser ou ignorado, ou marginalizado, acarretando a fantasmagoria, como formula Mbembe (2018, p. 78): “Produz-se o Negro, isto é, [...] o sujeito de raça, ou ainda a própria figura daquele que se deve manter a uma certa distância – de que podemos desembaraçar-nos quando *aquilo* deixa de ser útil”.

A Lei 10.639/03 e o Dia da Consciência Negra ainda não são suficientes para deter o racismo no Brasil, uma vez que esse dispositivo está entranhado na sociedade em forma de piadas, gestos, costumes. Neste século, com o avanço de uma extrema direita, cujo totalitarismo e apego ao neoliberalismo atraem mais adeptos, o que se tem visto é um constante aumento de grupos neonazistas, especialmente nos estados da região Sul do país, demonstrando que a segregação racial ainda é uma chaga aberta. Nunca o Estado matou tantos negros depois do fim da escravidão como no fim do século XX e, conseqüentemente, neste século XXI. É a necropolítica em constante sintonia com a forma de tratar o Negro, demonstrando a força do Branco, já que

a força do Branco teve sucesso, porque, por fim, tornou-se o cunho de um modo ocidental de estar no mundo, de uma determinada figura de brutalidade e crueldade, de uma forma singular de predação e de uma capacidade desigual de submissão e de exploração de povos estrangeiros (Mbembe, 2018, p. 87).

Ou seja, “nos dados que vêm sendo produzidos por diferentes agências de pesquisa sobre mortes violentas no Brasil, ecoa a afirmação de Foucault de que “o direito de vida e de morte só se exerce de uma forma desequilibrada, e sempre do lado da morte.”, como define Carneiro (2023, p. 62). O Estado deixa viver, como também exerce o direito de matar pessoas negras, especialmente pobres de periferia, com o disfarce de manter a ordem e combater a criminalidade, porque “Sob o capitalismo competitivo, o negro emergia dos porões da sociedade e, para muitos, parecia que ele se igualaria ao branco rapidamente, apesar do ‘preconceito de cor’ e da discriminação racial” (Fernandes, 1989, p. 35).

Os conservadores do século XIX opunham-se ao movimento abolicionista, e defendiam fazendeiros e donos de dezenas de escravizados. Sendo assim, os conservadores da política já apontavam o que se pode perceber: a força do neoliberalismo forjando leis que visam favorecer apenas aqueles que detinham o poder econômico no Brasil.

A racialidade encontra nesses conservadores políticos os meios para permitir que o negro viva ou morra, de acordo com a explanação de Carneiro (2023, p. 62): “A racialidade no Brasil determina que o processo saúde-doença-morte apresente características distintas para cada um dos seus vetores. Assim, branquitude e negritude detêm condicionantes diferentes quanto ao viver e ao morrer.”

Outrossim, deve-se ao fato a criação da Lei dos Sexagenários em 28 de setembro de 1885, aprovada pelo Barão de Cotegipe, porém, antes, esta lei foi proposta por Manuel Dantas e reformada por Antônio Saraiva, a qual não agradou os abolicionistas, uma vez que previa que os escravos que atingissem 60 anos deveriam permanecer por mais 3 anos trabalhando para

seus senhores como forma de indenização, ou seja, os sexagenários ex-escravizados ainda permaneciam servindo aos caprichos do capitalismo, uma vez que “O escravo de origem africana no Novo Mundo representa assim uma figura relativamente singular de negro, pela particularidade de ser uma *engrenagem* de um processo de acumulação à escala mundial”. (Mbembe, 2018, p. 90).

Anterior a essa lei, a Lei do Ventre Livre, considerada precursora da Lei Áurea, determinava que a partir de 28 de setembro de 1871 as mulheres escravizadas dariam à luz bebês livres, entretanto os bebês não seriam livres realmente. A Lei do Ventre Livre previa que os filhos permaneceriam juntos de suas mães escravizadas até os 8 (oito) anos de idade em cativeiro, e, dos 8 aos 21 anos deveriam continuar na propriedade do senhor, caso ele não os quisesse, estes então ficariam sob a tutela do Estado. Mais uma vez, a necropolítica apresenta seu dispositivo racista, por meio de leis ineficazes, especialmente nesse período do século XIX, estendendo-se ao século XXI, em leis que são ignoradas ou não são cumpridas, ou, quando cumpridas, suas penas são brandas, pois, como afirma Hebe Maria Matos: “Raça e cidadania são duas noções construídas de forma interligada no continente americano, ao longo do século XIX, em estreita relação com o dilema teórico entre liberalismo e escravidão”. (Matos, 2000, p. 13). Mbembe, em “Larga medida, o termo ‘Negro’ assinala este estado de diminuição e enclausuramento. É uma espécie de balão de oxigênio num contexto de opressão racial, e, por vezes, desumanização objectiva”. (Mbembe, 2018, p. 92).

O motivo de a Lei do Ventre Livre estender por tanto tempo os filhos de mães escravizadas, é que em 4 de setembro de 1850 foi aprovada a Lei 581, conhecida como Lei Eusébio de Queiroz, cuja finalidade foi a de estabelecer medidas de repressão ao tráfico de escravos oriundos da África. Havia, desta maneira, o temor de fazendeiros sobre o fim de escravos africanos para o trabalho.

Com a intensificação dos abolicionistas, a pressão de políticos conservadores apoiadores dos senhores de escravos para que essas leis citadas anteriormente se tornam corruptíveis por meio de lacunas ganharam destaques, as quais buscavam beneficiar aqueles que se sentiram lesados por perder suas “propriedades”, mão-de-obra, por terem de substituí-las por homens e mulheres que passariam a ser remunerados. Nesse sentido, Fernandes (1989, p. 33) expõe concisamente:

A Abolição não passara de uma artimanha, pela qual os escravos sofreram a última espoliação. Do próprio negro dependia uma “Segunda Abolição”, que o convertesse em um cidadão investido dos requisitos econômicos, sociais, culturais e morais para assumir os papéis históricos que ainda se reduziam a uma ficção legal.

Realmente, é irrefutável a afirmação de Fernandes sobre o fato de que o negro dependia de uma “Segunda Abolição”, pois que a Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888 sob a Lei Áurea era inconsistente, composto por somente dois artigos: “Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil. Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.”

No entanto, a Lei Áurea pôs fim a quase quatro séculos de escravidão no Brasil – de forma burocrática, diga-se de passagem –, uma vez que este foi um dos últimos países do mundo a libertar os escravizados negros. A Lei Áurea, em sua pequena dimensão legalista, não propunha nenhum tipo de incentivo por parte do Estado aos ex-escravizados, denotando, assim, a vulnerabilidade dos negros, com bem descreve Carneiro (2023, p. 77):

Portanto, estando o negro deslocado da esfera do trabalho depois da abolição, ele foi alijado das técnicas disciplinares do trabalho. Mesmo assim, não deixou de ter sua existência social subordinada a essa nova tecnologia de poder. As técnicas disciplinares são aplicáveis ao corpo que produz, e no período pós-abolição os postos de trabalho foram destinados aos imigrantes, e não aos ex-escravos.

Sendo assim, o negro, agora liberto, viu-se preso pelas leis criadas pela sociedade branca, como forma de controlar os ex-escravizados que, no contexto da República Velha (1889 – 1930), viu uma forma de promover a “higienização urbana” por meio penal. Embora não tipificasse o negro no Código Penal de 1890, a lei visava os egressos da escravidão como contraventores. Antes, pelo Código Penal do Império de 1831, a criminalização da vadiagem já existia, porém não tipificava o negro, por este ser tratado como mercadoria, estando preso sob o regime escravista. Ou seja: a liberdade não passava de uma quimera, cuja vertigem decorreu do racismo visto agora de outra forma: se antes o negro era considerado mão-de-obra essencial; pós-abolição, passa a ser visto como um mal a ser combatido, um ser afeito ao trabalho, enquadrado no Código Penal por vadiagem, já que

Os mecanismos de controle social dessa massa para a qual não há projeto de inclusão irão se inscrever no âmbito das tecnologias oriundas do biopoder por meio das quais o Estado exercitará o seu direito de matar ou de ‘deixar morrer’ (Carneiro, 2023, p. 77).

Sem qualquer inserção social contemplada pela Lei Áurea, os ex-escravizados não eram absorvidos pelo mercado de trabalho, os quais se destinavam ao trabalho informal ou a mendicância, estando, desta forma, à mercê da tipificação de vadio e ao aparelho repressor e ideológico do Estado, pois

Fica evidente que os dispositivos dizem respeito também a tecnologias de poder que visam o adestramento do corpo, sobretudo para o trabalho. São técnicas de controle e aperfeiçoamento do rendimento do corpo, como se viu no Brasil, por exemplo, sob a égide do esforço de modernização no pós-abolição (Carneiro, 2023, p. 80).

Já no início do século XX sob a égide desse conceito de higienização social, surge a eugenia, uma vez que “Tradicionalmente, as elites educadas receavam a violência e o perigo que representavam os negros e mulatos, retratados como preguiçosos, doentes, bêbados e em permanente estado de vagabundagem” (Stepan, 2004, p. 337).

Embora a eugenia tenha surgido em 1883, por Francis Galton, que justificava a exclusão dos negros, imigrantes asiáticos e deficientes de todos os tipos sob o argumento de uma intelectualidade proveniente da hereditariedade, chamou a atenção da elite brasileira, bem como intelectuais e cientistas, entre eles, Renato Kehl, considerado o pai da eugenia no Brasil.

A ideia de que as epidemias brasileiras eram culpa do negro recém-liberto pela Abolição da Escravatura ganhou força nos primeiros anos do século XX, e Renato Kehl, nesse sentido, acreditava que a melhoria racial viria a partir de um projeto que favorecesse o predomínio da raça branca – a eugenia.

Desta maneira, a eugenia torna-se um dispositivo racista, à qual

Estrutural e cientificamente, a eugenia brasileira era congruente, em termos gerais, com as ciências sanitárias, e alguns simplesmente a interpretavam como um novo ‘ramo’ da higiene. Daí a insistência em que ‘sanear é eugenizar’. Olegário de Moura, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, afirmou que saneamento era a mesma coisa que alguns chamavam ‘eugenia’, acrescentando que seria melhor chamá-la saneamento para compreensão do público, ainda que eugenia fosse melhor ‘cientificamente’. Moura equacionava-as da seguinte maneira: “Saneamento-eugenia é ordem e progresso” (Kehl, 1919, p. 83).

Em contrapartida à eugenia, surgiram movimentos negros, especialmente entre as décadas de 1920 e 1940, que buscavam por melhores condições de trabalho, educação e saúde, como justifica Fernandes (1989, p. 36):

O protesto negro das décadas de 20, 30 e 40 lançou suas raízes no após Primeira Guerra Mundial. [...] O negro entrou na corrente histórica e interrogava-se por que o imigrante tivera êxito e a massa negra continuava relegada a uma condição inferior e iníqua.

A eugenia britânica era completamente diferente da eugenia brasileira: aquela focava seus estudos nas classes inferiores; esta, focava na raça e no aprimoramento racial, tendo visto as doenças prevalentes entre os pobres, ou seja, a população negra ou mestiça, descrito por Stepan (2004, p. 356) da seguinte forma: “Se na cena pública a literatura eugênica utilizava a

palavra ‘raça’ invariavelmente, no singular, para referir-se ao ‘povo brasileiro’, na esfera privada ela significava a ‘raça negra’”.

No governo de Vargas, a eugenia encontrou guarida e foi abraçada pelo então presidente do país, o qual viria a criar em 1937 o Instituto Nacional de Puericultura, subordinado ao novo Ministério da Educação e Saúde. Como funcionava dentro do Hospital Arthur Bernardes, os médicos realizavam exames conhecidos como eufrênicos (de higiene eugênica mental) nas crianças que eram encaminhadas para estudos pelos centros de detenção juvenil. Como organização independente sobreviveu até 1946, mas as características eugênicas permanecem no brasileiro, uma vez que a “composição do dispositivo de racialidade com o biopoder se torna mecanismo de dupla consequência: promoção da vida dos brancos e multicídios de negros na esfera do biopoder” (Carneiro, 2023, p. 80).

O racismo sempre esteve presente em todas as leis criadas como forma de reduzir atos escravocratas, embora a elaboração destas relaxavam os senhores de escravos, para não os prejudicar financeiramente, demonstrando a força colonialista e seus dispositivos que,

por princípio de raça, subentende-se, aliás, a forma espectral de divisão e de diferença humana susceptível de ser mobilizada para fins de estigmatização e de exclusão, de segregação, pelos quais tenta isolar, eliminar e, até, destruir fisicamente determinado grupo humano (Mbembe, 2018, p. 102).

Pós-Segunda Guerra Mundial, Fernandes descreve que houve a disseminação de novas impulsões de radicalização, entretanto, o negro fictício, por assim dizer, seguia o padrão branco e acabara por excluir de seu convívio o “negro trânsfuga”. ¹Houve sim uma chamada ficção social – “classe média de cor” – cujos dispositivos racistas estavam ali, de forma subentendida, porque “a moralidade burguesa transpõe as fronteiras que divorciam o ‘mundo do negro’ do ‘mundo dos brancos’, mas sob custos raciais e psicológicos muito altos” (Fernandes, 1989, p. 39).

Sendo assim, a racialidade, como dispositivo da necropolítica, fortaleceu-se ainda mais, por separar os negros também por classes sociais, embora a luta por ascensão não fosse justa, conforme aponta Fernandes (1989, p. 37) que

No fundo surgem duas repulsas: a de conformar-se com as condições de vida imperantes e a de conformar-se com as ideias simplistas de que o negro tinha aberta diante de si a estrada que lhe concederia a cidadania e tudo o que pudesse conquistar através dela.

¹ O trânsfuga de classe, em referência àquele que deserta de suas origens, é o conceito comumente acionado para representar tal movimento. O conceito carrega um sentido negativo, o de deserção, atribuído à experiência de mover-se entre estratos sociais distintos, perfazendo um caminho de ascensão social.

Em convergência com essa premissa de Fernandes, Mbembe (2018, p. 104) discorre de forma exata que “A sua manutenção provém de modos de exercício de poder cujas funções passam por fabricar raças, no sentido literal, classificando-as, e estabelecendo as necessárias hierarquias entre si”, o que, no caso do Brasil, segue-se o mote de que neste país as raças convivem harmoniosamente. Esse mote carrega em si uma inverdade, uma vez que o Estado sempre promoveu o extermínio de pessoas negras sob a ótica de manter a ordem, demonstrando sua força de que o “dispositivo de racialidade com o biopoder se torna mecanismo de dupla consequência: promoção da vida dos brancos e multicídios de negros na esfera do biopoder”. (Carneiro, 2023, p. 80).

Dadas as consequências racistas que os negros sofriam, em 3 de julho de 1951, pelo então presidente Getúlio Vargas, foi promulgada a primeira norma brasileira de combate ao racismo, a Lei 1.390, mais conhecida como Lei Afonso Arinos, em referência ao autor desta.

O fato que chama atenção na criação da Lei Afonso Arinos, é que ela não foi criada para atender pautas dos movimentos negros especificamente, mas partir de uma situação racista sofrida um ano antes pela dançarina e coreógrafa norte-americana Katherine Dunham (1909-2006). A artista denunciara aos repórteres que cobriam sua estreia no Teatro Municipal de São Paulo que o gerente do Hotel Esplanada se recusara a hospedá-la nas instalações sob o argumento de que ela era uma “mulher de cor”. Dada a repercussão internacional, a discussão sobre uma lei que coibisse tais atitudes surgiu, realmente, porque Dunham também era ativista social e antropóloga. Artistas brasileiras sofriam atos racistas como a dançarina e coreógrafa, entretanto nunca houve interesse pela sociedade em levantar uma pauta que culminasse em lei antirracista (Grin; Maio, 2013).

A Lei Afonso Arinos vigorou de 1951 até 1989, causando baixo impacto, porém trouxe o reconhecimento do Estado sobre a existência discriminatória contra negros, ao mesmo tempo em que mostra ser a democracia racial um mito, conforme aponta Fernandes (1989, p. 46):

O negro continua nos ‘porões da sociedade’ e ‘emparedado’. Um século depois de sua ‘emancipação’, ele continua coletivamente sem a liberdade de ser, preso aos grilhões invisíveis da tutela do branco e às cadeias visíveis da miséria, da exclusão dissimulada e da desigualdade social.

Instalada a Nova República, o então presidente José Sarney assina a Lei Nº 7.437, de 20 de dezembro de 1985. A lei incluía como contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil, dando nova redação à Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951 - Lei Afonso Arinos. Entretanto, ainda não tipificava como crime o

racismo, tornando-se assim outra lei que não tipificava as discriminações raciais na sua totalidade, resultando em uma lei que, embora já apontasse para uma tentativa de tipificar o preconceito racial, ainda tinha lacunas por sua pena ser considerada uma contravenção, mantendo características colonialistas da Lei Áurea, de certa forma, e também o epistemicídio analisado por Carneiro (2023, p.83):

O que está em questão é a possibilidade ou impossibilidade de ruptura com o paradigma de exclusão e com um tipo de integração que significa um adentrar subordinado dos Outros mantidos na condição de colonizados, tutelados e dependentes.

Em 05 de janeiro de 1989, é promulgada a Lei nº 7.716 (Lei do Crime Racial), que define crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, 101 anos após a Abolição da Escravatura. Mesmo assim, o negro precisava lutar por uma Segunda Abolição, como definiu Fernandes (1989, p. 49) no mesmo ano da promulgação da Lei do Crime Racial:

A Segunda Abolição, ao contrário do que imaginavam os líderes dos movimentos negros do passado, é exigida por uma enorme massa de pessoas, que forma excluídas da condição humana e mantidas fora dela, acima dos ditames da consciência responsável e da razão.

Um Brasil cada vez mais violento e racista apresenta-se nas décadas finais do século XX, por ainda não conseguir assimilar a negritude como elemento crucial da formação de seu povo. Neste sentido, houve uma reformulação da Lei nº 7.716 (Lei do Crime Racial), sendo alterada para a Lei nº 14.532 de 11 de janeiro de 2023. Esta lei visa “tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público”.

A violência no Brasil apresenta-se não somente na forma física, mas também psicológica e simbólica, quando não se valoriza ou deturpa a cultura e a história africana que muito influenciou e influencia a cultura brasileira. Por esse motivo a importância da Lei nº 10.639/03 para fomentar a História da África e a cultura afro-brasileira. Personalidades negras que fizeram parte da história e cultura brasileira precisam ser resgatadas como forma de apresentar que o Brasil teve heróis e intelectuais negros. Nesse sentido, é que se pode deter o epistemicídio analisado por Carneiro (2023, p. 83) e normalizado nas escolas, cuja prática

implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e

produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.

Sendo assim, uma educação antirracista precisa estar atrelada ao processo de reivindicar a História da África e a cultura afro-brasileira a partir do ponto de vista da intelectualidade negra, porque como critica Fernandes (1989, p. 51): “A descolonização não chegou ainda tão longe e tão fundo no Brasil para permitir e fomentar essa modalidade vigorosa e revolucionária de superação, que impõe uma descolonização completa e global do intelectual negro”.

Com o avanço da extrema direita no mundo todo, inclusive no Brasil, o que se tem percebido são narrativas cuja pretensão é desvincular o negro como intelectual, ou torná-lo intelectual a partir do conceito do mundo dos brancos, negando a importância que a África exerceu sobre este país. Fernandes (1989, p. 52) radicaliza seu discurso quando afirma:

Para superar-se, o intelectual negro precisa superar, ao mesmo tempo, a sua falsa identidade: ele precisa deixar de ser ‘negro’ e de ser ‘brasileiro’ no sentido convencional das elites intelectuais, que fixam todos os padrões (de gosto, de consumo, de produção e avaliação etc.). Ele precisa descobrir por uma impulsão interior que só quando renega o estilhaçamento mental e a acomodação intelectual, é que poderá ser negro, brasileiro e fecundo.

A partir da colocação acima de Fernandes (1989), pode-se ligar ao que descreve Mbembe (2018) como violência imposta por um regime colonial que se apresenta como eterno. Ou seja, esse regime se metamorfoseia em três dimensões de violência: no comportamento cotidiano; a respeito do passado; e na injúria a respeito do futuro.

Nesse sentido, é importante avaliar a Lei 10.639/03 como um instrumento para uma educação antirracista. A decolonialidade sendo apontada como vetor para fomentar o Outro como ser denotador de uma episteme cuja grandeza ressalta-se sob a perspectiva avaliada por Mbembe (2018): “Podemos aprender com o passado, mas conceitos morais como dever e responsabilidade, ou ainda a obrigação, decorrem directamente do nosso entendimento de futuro”.

A racialidade permanece incólume perante o sistema neoliberal cuja necropolítica ganha espaço para agir, assim como o racismo, e toma formas flutuantes, no sentido de mutação constante seja por piadas, programas de TV, redes sociais e, principalmente, na política da extrema direita. O negro, como uma fantasmagoria, o que “Paradoxalmente, para que ele emerja na ordem do visível, a sua figura não deve sobretudo evocar a violência fundadora que, tendo-o previamente destituído da sua pura e simples humanidade, o reconstitui precisamente enquanto ‘negro’” (Mbembe, 2018, p.122), continua sendo vitimizado pelo sistema racista.

Sendo assim, a partir de recorrentes atitudes racistas advindas de uma sociedade brasileira pluridiversa que tem dificuldades de compreender sua formação enquanto povo/nação, é que por meio de uma educação antirracista se busca promover debates quanto ao racismo e, conseqüentemente, ao dispositivo racista, tão presentes nos bancos escolares que, em uma dicotomia, ausente em atitudes legais para a execução de denúncias aos vitimados por tais atitudes preconceituosas, pode-se quebrar os muros da intolerância. Neste sentido, a Lei 10.639/03 torna-se um elemento para que se possa apresentar o negro e sua história, porque, como denota Fernandes (1989, p. 98): “Enfim, a luta racial tem de caminhar junto à luta de classes. Separá-las numa sociedade multirracial, é incorreto”.

Conforme Carneiro (2023, p. 47): “[...] o discurso que molda as relações raciais é o mito da democracia racial. Sua construção e permanência até os dias atuais evidencia, por si, sua função estratégica, sobretudo como apaziguador das tensões étnico-raciais”. Desta maneira, o racismo mantém-se internalizado na elite brasileira branca sob o falso argumento de não haver preconceito racial, entretanto a precarização do trabalho, e como já foi supracitado anteriormente, a televisão, redes sociais, a política da extrema direita associadas ao capitalismo, visam expor o negro objetivado. Todas as leis que foram criadas no século XIX demonstram o quanto o racismo se tornou um dispositivo bem engendrado pela elite branca eurocêntrica. Ainda no século XX, sob movimentos negros que reivindicavam direitos humanos, o racismo manteve uma diáspora social, cultural e religiosa no Brasil. Mesmo com a criação de leis como Afonso Arinos (1951), Crime Racial (a partir de 1985 e suas alterações, até a definitiva em 2023), 10.629/03, estas últimas do século XXI, buscam mobilizar uma conscientização de compreensão da História da África, da cultura afro-brasileira, bem como as religiões de matrizes africanas, as quais vem sofrendo ataques por meio de discursos de ódio atrelados ao preconceito racial. Essa demonização do povo africano – que forma o povo brasileiro – emergiu pela política genocida. A educação antirracista preconiza a valorização da história e a cultura afro-brasileira e africana, bem como promover a igualdade de direitos e oportunidades a todos, mas não basta estar municiada apenas pelo discurso; a prática por meios de ações que provoquem questionamentos dos estudantes sobre o racismo presente em atitudes simples alhanará o aviltamento negro. Mbembe (2018, p. 223) descreve essa visão demonizada que se tem sobre a África e o Negro:

[...] afirmou-se como, ao longo do período moderno, as duas noções de ‘África’ e de ‘Negro’ foram mobilizadas em processo de fabricação de raça – cujo aviltamento é o traço maior, assim como a característica de pertencer a uma humanidade à parte, amaldiçoada, de dejectos do homem.

As leis criadas até então não conseguiram desmascarar o racismo incrustado na sociedade; a criação destas confirmam a existência do racismo e seus dispositivos letais. O mito da democracia racial é uma artimanha capitalista que evoca a ilusão da meritocracia, de que todos os cidadãos têm as mesmas oportunidades para atingirem seus objetivos, por outro lado, não revela a distribuição desigual da oportunidade de viver e morrer – oriundos do sistema neoliberal atual, como afirma Mbembe (2018, p. 148):

Na democracia liberal, a igualdade formal pode portanto ir a par do preconceito que o opressor carrega, para, após a alforria do escravo, desprezar aquele que durante tanto tempo foi seu inferior. No entanto, sem a destruição do preconceito, esta igualdade é apenas imaginária.

Indubitavelmente, as leis 14.532/23 e 10.639/03 podem contribuir para essa desmitificação da democracia racial, bem como apontar para a compreensão sobre a História da África e da cultura afro-brasileira em um país que se mostra distópico como o Brasil. Fernandes (1989) especifica que o racismo existe não só porque se é negro, mas também porque se é negro e pobre. São duas barreiras simultâneas: a racial e a econômica. A partir do momento em que vencer a barreira social, o negro tem ainda a racial. Nesse sentido, a educação antirracista possibilita fortalecer a negritude, e também tencionar um olhar crítico aos estudantes quanto à sua posição no mundo, como agentes capazes de lutar por um país menos racista, não silenciarem frente a casos de intolerância racial nem negar a problemática racial existente no país, como defende Carneiro (2023).

Ainda, conforme Carneiro (2023, p. 49), o mito da democracia racial “presta-se à construção de uma identidade positiva para um país cuja realidade concreta impede a realização efetiva de uma ocidentalização, seja racial ou cultural”. Essa positividade tóxica provoca genocídios, violência contra a população negra. Por isso, quando se pensa em uma educação antirracista, apresentar os sistemas neoliberais, necropolítica, racialidade e biopoder como dispositivos racistas têm sua relevância para que a aplicabilidade dessas leis seja decisiva para também desmitificar a miscigenação, a qual vem sendo adotada há muito tempo como instrumento de embranquecimento, segundo Carneiro (2023).

O Outro ainda mantém-se preso pelo racismo colonialista em pleno século XX, mesmo diante de leis brasileiras que intentassem combalir tal atitude, o Negro vale-se da decolonialidade, por meio de uma educação antirracista, assim como foi o centenário da Abolição em 1988, quando o Partido dos Trabalhadores (PT) publicou o artigo intitulado “O centenário da antiabolição”, cujo movimento negro dentro do partido resolveu participar dos festejos de forma crítica e desmistificadora, segundo afirma Fernandes (1989).

Saber como valer-se dessas leis suscita trabalhar a decolonialidade para a tentativa de êxito dentro de uma educação antirracista, pois a colonialidade permanece sendo um reflexo para que ações pedagógicas ainda não consigam romper totalmente com essa natureza tão arraigada na educação, cultura e costumes brasileiros.

O que não se pode negar é como a necropolítica via neoliberalismo torna persistente a ideia colonialista, a ponto de ser sensível mostrar o quão importante é a decolonialidade nas esferas escolares para a representatividade de uma educação antirracista. Neste sentido, a decolonialidade vem para imprimir o reconhecimento de múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, assim como as múltiplas e heterogêneas reações das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder.

Por mais que ações tentem um novo modelo de aprendizado para os estudantes a partir da decolonialidade, a escola traz em si a herança eurocêntrica colonialista, a qual diminui ou despreza a cultura, costumes dos povos subalternizados. Neste sentido, pontua Mbembe: “Nesse paradigma, a razão é a verdade do sujeito, e a política é o exercício da razão na esfera pública. O exercício da razão equivale ao exercício da liberdade, um elemento-chave para a autonomia individual” (Mbembe, 2016, p. 124). Torna-se desafiador a decolonialidade como forma transformadora, uma vez que em pleno século XXI atitudes racistas passaram a ser potencializadas por grupos extremistas, especialmente no Brasil, onde a miscigenação e o sincretismo religioso não são aceitos como elemento da pluridiversidade deste país. O racismo está presente nas escolas, por isso a importância de que a decolonialidade seja abordada nesse ambiente, uma vez que a violência parte tanto de forma física quanto psicológica, causando traumas e transtornos à vítima. Esses elementos que estão atrelados à necropolítica e ao neoliberalismo influenciam o colonizado a não sentir-se pertencente ao povo do qual está inserto, causando-lhe o distanciamento e a alienação quanto à sua formação brasileira referente à ancestralidade de povos africanos e originários, a ponto apenas de admitir-se etnicamente eurocêntrica.

A necessidade de uma conscientização quanto ao racismo perpassa por uma educação antirracista advinda de estéticas insurgentes que proporcionem o debate nas escolas, não somente de forma pontual no dia 20 de novembro, mas de forma efetiva. Objetivar-se-á, deste modo, compreender decolonialidade como elemento de resistência, e também de desconstrução de padrões, conceitos impostos aos povos subalternizados, cuja função ganhará aspecto social nas escolas para uma educação antirracista.

Desta forma, é necessário aplicar formas de aprendizagem que desconstruam narrativas da história do Brasil, em que sempre o herói tem o tom de pele branco e foi um desbravador

que não dizimou povos originários e escravizou africanos, e apontar que houve resistência desses povos. Há de se valorizar os costumes e culturas dos povos que formaram a sociedade brasileira, eludir-se do estereótipo eurocêntrico para que os estudantes compreendam o quão importante se torna uma educação antirracista nas escolas, uma vez que o racismo está presente no próprio ambiente escolar, seja de forma implícita, seja de forma violenta dentre atitudes físicas quanto psicológicas. É preciso que o cidadão desta nação brasileira se reconheça como um ser miscigenado de ancestralidade de diferentes etnias, embora esteja impregnado pela colonização eurocêntrica: “Consequentemente, o apagamento da história dos povos colonizados contribui para a perpetuação da inferiorização de suas identidades e produz a percepção de não pertencimento, que pode ser entendida como contrária a qualquer projeto democrático” (Sousa, 2021, p. 167).

Somente dentro dessa perspectiva haverá um arcabouço para o desenvolvimento de um trabalho intelectual produzido conscientemente, endossando a importância do tema a ser tratado nas escolas por meio de atividades realmente consistentes, cujo discurso antirracista não caia no lugar-comum e cause desconforto ou desconfiança aos estudantes seja por meio da música, seja por meio da literatura brasileira. Pesquisas dessa natureza devem ser criteriosas justamente por esse motivo, pois permeia a educação e será a bússola para crianças e adolescentes no presente que se farão adultos no futuro próximo sem as amarras eurocêntricas e racistas impostas por uma necropolítica avalizada pelo neoliberalismo, sem, no entanto, cair na armadilha de que surgirá uma nova consciência a quem já vem de suas origens com o racismo estrutural fortemente endossado por seus pares.

A decolonialidade é uma direção para a ruptura e resistência das culturas embranquecidas e eurocentradas e de desconstrução de conceitos que subalternizam alguns grupos, a fim de superar os conceitos coloniais por trás da modernidade, do neoliberalismo e do controle advindos das transformações econômicas dos colonizadores e dos colonizados. Em um contexto geral, a decolonialidade permite às vozes serem ouvidas e aos invisíveis ganharem em visibilidade, produzindo maiores condições para a construção da autonomia social, econômica e cultural. E na educação, é preciso pensar na decolonialidade para buscar a reinvenção e participar ativamente desta reinvenção, denunciando uma necropolítica e racialidade, cujos tentáculos buscam subverter o respeito em ausência deste, pois ainda há resquícios de uma educação eurocêntrica que apontam a história sob a ótica do colonizador, a qual transferia toda a heroicidade aos brancos por libertar os então negros escravizados. Respeitar a história negra e suas lutas é de suma importância para que se entenda as reivindicações dos movimentos e grupos negros, como pontua Carneiro (2023, p. 307):

A ausência de respeito ao direito de autonomia aparece na desqualificação das formas de luta. Em geral os brancos se posicionam sobre as questões dos negros com a atitude de quem sabe o que é melhor para eles, ditando os termos aceitáveis em que os negros devem reivindicar ou não.

Portanto, a abordagem da decolonialidade no ambiente escolar oferece diretrizes essenciais para a implementação de uma educação antirracista, especialmente por meio da seleção de textos relacionados ao tema, que atuam como instrumentos capazes de captar as subjetividades dos estudantes. Somente por meio de um aprofundamento teórico e prático sobre o tema pesquisado é possível alcançar resultados eficazes na elaboração de uma análise concisa e precisa, evitando equívocos. Nesse sentido, é fundamental que os textos utilizados estejam alinhados à episteme da decolonialidade e aos princípios da educação antirracista, garantindo assim uma abordagem crítica, transformadora e coerente com os objetivos de desconstrução das estruturas racistas presentes no contexto educacional. É importante que busque o fundamento epistemológico sobre decolonialidade dentro do que se pretende como uma educação antirracista, para que cada estudante compreenda de forma sucinta o tema abordado sobre essa questão ainda tão pouco afeita a melhores abordagens, mesmo perante a Lei 10.639/03.

4 DE LIMA BARRETO A CONCEIÇÃO EVARISTO: A LITERATURA COMO INSURGÊNCIA AO RACISMO

Lima Barreto e Conceição Evaristo, embora de épocas distintas, retratam a resistência da população negra para sobreviver ao colonialismo que permanece no cerne do povo brasileiro. Lima Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881, ou seja, ironicamente sete anos antes da promulgação da Lei Áurea. Viveu no subúrbio carioca e, viu-se como arrimo de família após seu pai ficar demente. Preto e pobre, sentiu na pele a desigualdade social tão bem retratada nas suas obras. Já, Conceição Evaristo, nasceu na cidade de Belo Horizonte/MG em 29 de novembro de 1946. Assim como Lima Barreto, preta e moradora do subúrbio carioca, quando se mudou muito cedo para a cidade do Rio de Janeiro, também enfrentou as injustiças da sociedade, devido à sua cor. A denúncia do racismo está presente nas obras dos dois. A vida marcada pelo racismo é perpassada em suas personagens. Os autores são o retrato do preto de periferia que tenta romper as barreiras racistas da sociedade brasileira. Afinal,

para uma sociedade que se deseja branca e civilizada nos parâmetros da cultura ocidental, o corpo negro é, em si, uma transgressão. O tipo ideal é, então, o negro de alma branca, ou seja, um negro ajustado, governado por um alter ego branco (Carneiro, 2023, p. 310).

Essa afirmação de Carneiro (2023) reflete o pensamento racista que atravessa as instituições centrais do Estado brasileiro e sua burocracia. Lembra perfeitamente o conto “O pecado”, de Lima Barreto, publicado inicialmente na Revista Souza Cruz, em 1924, dois anos após a morte do autor (1922). Em seu conto, Barreto descreve o céu como um júri, onde um dos mortos identificado pelas iniciais P.L.C. é impedido de adentrar o lugar celestial. São Pedro não entende como uma pessoa com tantas virtudes descritas no livro dos mortos não mereceria “assentar-se à direita do Eterno”. Intrigado, o porteiro do céu vai ao encontro do seráfico burocrata buscar uma resposta aprazível, no que este, ao folhear o Registro, assenta que não houve engano, que a alma do bom homem não entraria no céu por ser a alma de um negro, sendo destinada ao purgatório.

A estética desse conto aponta características que permearam a obra de Lima Barreto: o preconceito enfrentado pelos ex-escravizados e por negros em uma sociedade racista; as desigualdades sociais. O autor traz para si uma luta para apontar como a sociedade ainda escravocrata e racista via os negros pobres, tal qual uma caricatura. Nesse sentido, sua escrita passa a ter elementos denunciadores dessa sociedade.

Analogicamente, Carneiro (2023) também descreve como a sociedade cria a figura do negro sempre visto no papel de malandro, mulata, negro de alma branca, o menor e o marginal, o intelectual subalterno, o negro *entertainment*, o ativista, o elitizado, enfim, os estereótipos de um país violentamente racista, que nega seu racismo, mas deixa evidente o dispositivo de racialidade. “Todavia, no domínio da resistência existe a possibilidade de uma ética renovada que se insurge aos modos de subjetivação e à moral social que lhes corresponderiam” (Carneiro, 2023, p. 310).

Na literatura brasileira, Lima Barreto passa a ser uma *persona non grata* por seu método de escrita considerada por literatos, ou como o autor preferia chamar, de “República da Letras”, pelo fato de ele ser um autor que causou incômodos à crítica e à inteligência da época por não se dobrar a uma escrita de configuração de circunstâncias sociais e literárias. Pois Lima Barreto buscou sempre denunciar a elite brasileira, o jornalismo, o funcionalismo público, o que provocou uma horda de desafetos nesse sentido. Também não poupou críticas a Machado de Assis, por acreditar que este deveria tratar a temática sobre o preconceito racial por ser um “homem de cor”, segundo o próprio Lima Barreto. Para ele, Machado de Assis assume uma literatura amaneirada em que estavam na secura de alma, na falta de simpatia, bem como também tinha o autor criticado medo de se expor, já que Machado também era negro, assim como Lima Barreto (Oliveira, 2008).

Machado de Assis utiliza uma escrita rebuscada e, embora tratasse o ser humano como medíocre, não apontava em suas obras temas sociais e o racismo, dos quais Lima Barreto aprofundou-os em seus livros, por ser ele preto e periférico. Há ainda a divergência quanto a sua origem, pois algumas biografias como “Lima Barreto – Triste visionário” (Lília Moritz Schwarcz, 2017), “A vida de Lima Barreto” (Francisco de Assis Barbosa, 2017) afirmam que Lima Barreto era filho de pai branco e mãe preta, enquanto outras biografias apontam os dois pais dele como pretos. Essas divergências quanto a sua biografia operaram também a partir do embranquecimento de seu desafeto literário Machado de Assis, bem como o próprio autor do conto “O pecado”. Um apagamento do negro na literatura brasileira: Machado de Assis, considerado o maior escritor do Brasil, enquanto Lima Barreto se via ignorado por seus próprios contemporâneos literatos – ambos por serem pretos.

Essa insurgência aos modos de subjetivação já estava presente nas obras de Lima Barreto, vítima de racismo durante toda sua vida e que levou esse preconceito sofrido para a sua literatura. Escriturário do Ministério da Guerra, Lima Barreto denunciava o racismo ao afirmar que sempre fora confundido como contínuo, sendo ele um intelectual concursado.

Lima Barreto expôs o racismo em suas obras, bem como as mazelas sociais de um negro dos subúrbios cariocas. *Clara dos Anjos* (1948) – obra concluída em 1922, ano de morte do autor, e publicada somente em 1948, embora Lima Barreto tenha publicado antes em forma de conto e também escrito várias versões para o final da história – revela o racismo quando introduz personagens de classes sociais distintas: Cassi Jones (branco, de classe média) e Clara dos Anjos (negra e pobre). O romance entre ambos revela uma sociedade racista que não aboliu a escravidão do povo negro, mesmo após Abolição da Escravatura. São indícios de um país que resiste em admitir que é racista e impõe padrões eugenistas, cuja função é depreciar aqueles sujeitos “de cor”.

Lima Barreto encontra-se nesse cenário em que literatos discutiam de fraque em pleno calor do verão carioca sobre a beleza de um iceberg. Nessa observação, Barreto alicerça a importância que seus pares escritores tinham com uma cultura eurocêntrica, causando um apagamento de toda cultura africana que formou a cultura brasileira. O carnaval, por exemplo, passa a ser questionado, no qual a burguesia buscava implantar nessa festa africana personagens italianas, como colombinas, pierrôs, arlequins, “daí o vitupério contra os cordões, os batuques, as pastorinhas e as fantasias populares preferidas: de índio e de cobra viva” (Sevcenko, 1989, p. 33).

Nesse período do início do século XX a sociedade lutava contra as trevas e ignorância, pois era preciso a implantação do progresso e da civilização para que o país se mostrasse sério, sem as formas de cultura e religiosidade populares. Esse aburguesamento reflete-se em um Rio de Janeiro remodelado, embelezado, ajardinado e europeizado (Sevcenko, 1989).

Lima Barreto vem a público denunciar um país dividido em massacrar pobres, especialmente os das periferias que foram arrastados do centro da cidade para as margens e morros, como também apresentar um país cruel para com seu povo na Primeira República ou República Velha, uma vez que os primeiros anos foram governados pelos militares Marechal Deodoro – este de forma provisória, até que uma nova Constituição fosse elaborada – e Floriano Peixoto, que governou o país até o ano de 1894. E é sobre o governo de Floriano Peixoto que Lima Barreto foca sua visão de um Brasil que buscava o progresso advinda por costumes europeus assimilados pela burguesia, e pelo desprezo à cultura popular ao importar costumes do Velho Mundo. Floriano Peixoto passa a ter sua imagem de herói a sanguinário na escrita do autor em “Triste fim de Policarpo Quaresma”.

Neste livro, Lima Barreto aponta o quão cruel o Estado é ao seguir a lógica da necropolítica, ao decidir quem deve morrer e quem deve viver. Quando a personagem principal se opunha à vilania do então presidente da República Velha, Floriano Peixoto, ao denunciar por

meio de uma carta que os opositores de seu governo estavam sendo assassinados sem direito à defesa, sendo então Policarpo Quaresma condenado ao fuzilamento.

Está presente em suas obras a insurgência como forma de expor contundentemente uma sociedade violenta, diferente da condição harmoniosa em que o Brasil sempre foi vendido para o mundo. Essa insurgência revela uma literatura comprometida com o povo marginalizado que até então fora pouco retratado na literatura brasileira. Havia obras que pautavam esse povo, mas ainda assim de forma gourmetizada. Em Lima Barreto não há filtros. Esse processo mascarado de felicidade revela uma consciência satisfeita da “justa conquista”, embora haja um desapontamento nessa evolução, pois soterra o paladar artístico apurado, para dar lugar ao “gozo grosso” (Sevcenko, 1989), ou seja, uma sensação de prazer mais bruta ou intensa, diferente de formas mais sutis ou refinadas de gozo. Sobre essa visão é que entra Lima Barreto para desmitificar uma sociedade burguesa feliz em sua ignorância social.

A revelação da sociedade “necrótica” faz da obra deste artista um divisor na literatura brasileira, pois ele mesmo foi um crítico de Machado de Assis ao cobrar desse outro escritor de que ele não abordava as questões raciais em suas obras, mesmo sendo um homem preto. Essa atitude demonstra uma preocupação de como a literatura pode revolucionar o pensamento do leitor por meio de obras cuja temática insurgente aborda situações em que Machado de Assis não tratou em seus livros, como o racismo.

Autor avesso aos maneirismos literários da época como o Parnasianismo, o Simbolismo e Realismo, Lima Barreto não conseguiu com que suas obras atingissem o público como os livros de Machado de Assis, pelo contrário. Muitos críticos tacharam a escrita de Lima Barreto como desleixada, por este ter uma preocupação em transcrever a linguagem do povo, por não atender a uma sociedade ao retratar as mazelas dos subúrbios cariocas, o preconceito racial, os desmandos dos políticos e os vícios do funcionalismo público, sendo ele mesmo um homem negro declarado e funcionário público.

A escrita de Lima Barreto busca nos infortúnios de pessoas pobres denunciar um país que abandonou seu povo, especialmente os ex-escravizados que sofreram preconceitos e ataques mesmo após a Abolição da Escravatura, uma vez que a Lei Áurea em sua elaboração não garantiu aos libertos direitos básicos como educação, saúde, moradia e trabalho, empurrando-os à miséria e, conseqüentemente, à margem da sociedade. Sevcenko traz essa análise em “Literatura como Missão” quando aponta uma sociedade preocupada com o progresso, a qual criou leis para punir até mesmos cidadãos que, por não terem condições financeiras, andavam descalços na cidade. É nessa sociedade que a pena de Lima Barreto traça o perfil em suas obras.

Em uma análise no que tange ao preconceito racial, encontram-se o conto “O pecado” e a obra “Clara dos Anjos” (ambos citados anteriormente).

As personagens são construídas de forma a revelar preceitos e preconceitos intrinsecamente inerentes ao passado recente pós-Abolição. É indissociável racismo e costumes burgueses que passam a tratar qualquer trabalhador livre como escravizado, o que não passava de um engodo para apresentar o capitalismo como solução para a construção de uma sociedade justa. Nesse sentido, é que surge o pai de Clara dos Anjos, um carteiro preto e habitante do subúrbio, o qual retrata o apagamento dessas pessoas trabalhadoras e negras.

Clara dos Anjos é uma moça negra e sem consciência quanto ao racismo e sua cor. Isso traz uma discussão de quanto ainda pessoas pretas não assimilaram o preconceito como um dispositivo que os leva à condição de meros subalternos na sociedade, estando sempre à margem. Esse traço posto por Lima Barreto aponta para a reflexão de que em muitos casos o próprio negro não percebe que está sofrendo racismo, por entender como um processo da sociedade capitalista.

Além do racismo exposto por Lima Barreto, há ainda as desigualdades sociais latentes quando o autor coloca frente a frente uma família de classe média contra uma família pobre, cujo intento prevalece no mais abastado. Sidney Chalhoub (1999, p. 19) descreve bem essas diferenças quando reflete sobre a forma de lidar com a diversidade urbana no fim do século XIX na cidade do Rio de Janeiro, berço das histórias de Lima Barreto: “O primeiro é a construção da noção de que ‘classes pobres’ e ‘classes perigosas’ – para usar a terminologia do século XIX – são duas expressões que denotam, que descrevem bastante a mesma ‘realidade’”. Neste aspecto entra a literatura didaticamente classificada de Pré-Modernismo de Lima Barreto, cuja lente de um cronista da sua realidade declara sua luta contra o racismo e contra os desmandos do governo direcionados ao povo pobre, que neste período já tivera sido empurrada dos cortiços para os morros, formando o que se convencionou chamar de favelas, hoje chamadas de comunidade. O eufemismo atenuou o nome, mas não os ataques ao povo pobre e preto.

Por este motivo Lima Barreto teve sua existência apagada por um bom tempo, mesmo em vida, pois suas obras insurgentes não tinham espaço na Belle Époque. Ele não estava interessado em agradar a burguesia, pelo contrário, estava disposto a retratar um país violento para com seu próprio povo. Sua obra manteve-se firme em denunciar uma sociedade escravocrata. Por isso, ainda mais com o advento dos modernistas de 1922, Lima Barreto praticamente desapareceu como autor. Só começou a haver uma leve valorização de suas obras por volta da década de 1950, enquanto Machado de Assis continuava a ser laureado pelas

academias de letras pelo Brasil afora. Isso retoma a ideia de Chalhoub (1999, p. 19-20) sobre as pessoas negras e pobres consideradas como “classes perigosas”:

[...] trata-se da crença que haveria uma racionalidade extrínseca às desigualdades sociais urbanas e que deveria nortear então a condução não-política, “competente”, “eficiente”, das políticas públicas. Essas duas crenças, combinadas, têm contribuído muito, em nossa história, para a inibição do exercício da cidadania, quando não para o genocídio mesmo de cidadãos.

Essa reflexão de Chalhoub emerge como os povos negros e pobres tiveram suas histórias apagadas seja por meio de afastá-los do Centro da cidade, seja por matá-los por meio de uma política de extermínio. Lima Barreto estava sob a mira desse dispositivo racista. Tanto é que, como apontado anteriormente, há divergências quanto à sua formação étnica. Entretanto, o artigo como “Educação e ancestralidade em Lima Barreto: um narrador em busca da reconciliação com o passado”, de Carlos Eduardo Gomes Nascimento (2018, p. 90) aponta a formação étnica de seus pais da seguinte forma:

Afonso Henriques de Lima Barreto — segundo filho de Amália Augusta, professora, e João Henriques que trabalhava como tipógrafo da Imprensa Nacional —, neto de escravos, nasceu no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881, data em que sete anos mais tarde seria abolida a escravidão no Brasil através da Lei Áurea.

Desta forma, mostra-se o autor jovem negro insurgente contra uma sociedade escravocrata que sente dificuldade ou má vontade em conhecer os livros de Lima Barreto. Em consequência disso, o autor trava uma luta para denunciar o racismo apresentado por meio da ciência da época, cujo objetivo era fomentar o preconceito racial contra brasileiros negros e descendentes de ex-escravizados, bem como o pensamento positivista aliado a essa lógica homicida (Nascimento, 2018).

Sendo assim, a obra “Clara dos Anjos” contém essas características barretianas como elementos insurgentes para uma educação antirracista a ser aliada à pesquisa em questão, por fazer emergir preconceitos tanto social quanto racial ainda latentes na sociedade brasileira e que devem ser denunciados por meio de leituras e produção de textos para que os estudantes se conscientizem de que atos discriminatórios estão presentes em suas vidas e, ainda assim, passam despercebidos, como aconteceu com a personagem Clara dos Anjos, cuja falta de consciência quanto à sua cor e à sua condição social fê-la iludir-se pelo personagem branco e de classe média Cassi Jones. Além dessas características, a obra também revela o abandono e a exploração sofrida pelas mulheres negras na época.

Coadunam o conto “O pecado” e a obra “Clara dos Anjos”, uma vez que ambos possuem a mesma estética insurgente de denunciar o racismo e o descaso das autoridades relacionadas à população pobre e preta deste país. Lima Barreto, por ser insurgente, incomoda por abordar temas que até então eram romantizados, no sentido figurado da palavra, e que passam a ser tratados sob a ótica do homem preto e pobre. Para Neto (1997, p. 8), Lima Barreto incomoda por conter em suas obras as seguintes características:

- 1º O preconceito racial, o racismo mesmo de que encharcada a cultura brasileira, devido à nossa larga tradição colonial, escravocrata e patriarcal.
- 2º O absoluto descaso e o desmando de nossas elites para como o país e os problemas mais gritantes de sua população.
- 3º A insubstancialidade de nossa Cultura Oficial.
- 4º O mandarinato das letras, etc.

Lima Barreto aborda em suas insurgências os aspectos sobre o valor humano e o histórico, além de retratar na obra “Clara dos Anjos” a condição feminina de uma época em que se objetificava a mulher, o que ainda permanece neste século XXI. Por isso suas obras causam impacto, por serem atuais, por retratar uma sociedade impregnada de preconceitos raciais e sociais que se reproduzem ao longo do século XX, período de publicação de suas obras, chegando até o século XXI.

O conto “O pecado” também expõe de forma sarcástica o racismo, em um ambiente celestial que se transforma ao longo do texto no tribunal que julga quem deve ou não entrar para o céu. A personagem julgada que aparece apenas pelas iniciais P.L.C., cujas qualidades são dignas de um santo (casado, casto, honesto, caridoso, pobre de espírito, meigo como o próprio Cristo) é destinado ao purgatório por ser a sua alma a de um negro. Nesse sentido, Lima Barreto abre o diálogo para destacar uma sociedade escravocrata: a alma de um sujeito com qualidades beirando à santidade condenada por ser a de um preto; a menina Clara dos Anjos, que, desiludida pela mãe do pai de seu filho que carrega ao ventre, termina a história com o argumento mais duro e real das personagens que habitaram as obras de Lima Barreto: “Nós não somos nada nesta vida” (Barreto, 1948, p. 77). Nesse sentido é que Lima Barreto pode estar presente nas escolas como um autor que trouxe à tona discussões de um país dividido que ainda insiste em manter camuflado o racismo e o dismantelo da população de periferia (composta em sua maioria por pessoas pretas).

Assim como Lima Barreto, Conceição Evaristo, autora nascida no século XX, com seu primeiro livro publicado no século XXI, denuncia o racismo por meio de suas “escrevivências”. Isto é, por meio de relatos de vidas de sua ancestralidade, que sofreram com o racismo, cujo

apagamento insiste em negar o devido lugar ao negro na história do Brasil. Em seu poema *Vozes-mulheres*, Conceição Evaristo toma também para si a feminilidade e o quanto a mulher negra teve-sua condição psíquica afetada pelo trabalho – essa é a escrita da autora, que apresenta um passado que se reflete no presente, mas que busca um novo horizonte para o futuro.

Nesse sentido, entra uma nova forma de escrita denominada por Conceição Evaristo de “escrevivências” – uma forma de resgatar a memória dos antepassados, de entender o presente e fortalecer um futuro de luta e resistência aos descendentes. Ela, que assim como Lima Barreto, também veio da favela de Belo Horizonte – MG, que trabalhou como doméstica até cursar Letras e mais tarde concluiu o mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense; ela, que assim como Barreto, não foi compreendida por intelectuais literatos ao não elegê-la como a primeira mulher negra imortal na Academia Brasileira de Letras para ocupar a cadeira nº 7, cujo patrono é o poeta abolicionista Castro Alves.

A insurgência de uma mulher negra que descerra não somente o racismo quanto dispositivo letal, mas o racismo contra a mulher, que precisa sobreviver e cuidar de sua família por ser arrimo desta. Esta insurgência estética poderá resultar no caminho viável para estudantes oriundos de famílias e comunidades em que essas situações de vida descritas por Conceição Evaristo são pertencentes à vida deles, o que poderá levá-los à compreensão de um novo meio de resistência contra o racismo, como enunciadores de suas próprias realidades (Pimenta; Araújo; Rodrigues; Câmara, 2021).

As gerações descritas no poema *Vozes-mulheres* de Conceição Evaristo resultam dessa abordagem nas escrevivências – o relato da passagem do tempo e da transformação da resistência contra o machismo e o racismo, quando aponta em forma de lamento os acontecimentos de seus ancestrais que só se fará ouvir pelas novas gerações:

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade. (Evaristo, 2017, p. 24-25).

Mas, Conceição Evaristo também aponta o sujeito negro como fantasmagoria, um objeto abjeto pelos olhos da sociedade racista no poema “Certidão de óbito”:

Os ossos de nossos antepassados

colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros. (Evaristo, 2017, p.17).

Esse poema, de forma eficaz, apresenta como o negro ainda continua sendo alvo de uma necropolítica, como também reflete sobre a consciência negra quanto aos óbitos causados às pessoas de cor preta. Sendo assim, a proposta do poema emite provocações para discussões em sala de aula sobre como uma educação pode ser antirracista ao apontar questionamentos em vista de políticas públicas e leis que não são cumpridas para coibir atitudes que ocasionam em mortes de pretos pobres. A literatura passa a ser um instrumento para atrair a atenção dos estudantes e para instigá-los a pensar como a educação fará deles cidadãos em busca de romper com os padrões impostos pela sociedade do consumo que silencia e apaga a história e a cultura afro-brasileira de forma mascarada, porém cruel. As escrivências de Conceição Evaristo transformadas em relatos pelos estudantes pode possibilitar a revelação de um olhar crítico para que a escola seja um ambiente não só de discussões acerca do tema sobre racismo, mas também uma demonstração do poder transformador que a literatura é capaz quando apresentada sob uma nova ótica, mais dinâmica e presente relacionada às experiências vividas pelos estudantes no seu cotidiano.

O livro “Poemas da recordação e outros movimentos”, de Conceição Evaristo cria pontes entre o passado e o presente, uma visão de como a sociedade eurocêntrica ainda dita padrões, costumes e cultura, silenciando a voz afro-brasileira, como no poema “Recordar é preciso”:

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas. (Evaristo, 2017a, p. 11).

Nessa conjectura do poema, Conceição Evaristo apresenta a memória como forma de insurgir na luta por seus direitos ora usurpados por escravocratas lusitanos. Essa escrevivência resulta em um movimento constante, pois

Para as pessoas negras, a recordação e o resgate memorial significam resistência contra as opressões impostas pela colonização e pela escravização. Apesar dos oceanos do colonialismo serem fundos, a paixão profunda, que é a boia que as emerge, é a perseverança e exigência de serem vistas como sujeitos dignos. Recordar é preciso: essas memórias de dor não serão mais silenciadas (Dourado; Camargo, 2023, p. 3).

Ao apresentar “Recordar é preciso”, existe a possibilidade de aliá-lo ao tema em questão, uma vez que abordar uma educação antirracista tendo a instrumentalização das estéticas insurgentes como a literatura e a música objetiva a formação de uma nova consciência quanto ao próprio ser outro aos estudantes, ampliando seu campo de visão, pois a partir do momento em que se regionaliza suas experiências/vivências, universaliza suas concepções em relação ao mundo. A negritude também é reforçada no poema, bem como nas escrevivências de Conceição Evaristo, por meio da ancestralidade exposta pela luta. A poesia desta autora sugere a reflexão de como o passado reflete no presente.

A literatura não se resume em transmitir histórias e versos como forma de entretenimento ou elemento a ser estudado didaticamente como objeto de conhecimento por meio de habilidades e competências; sua função semântica plena perpassa para as subjetividades de cada estudante quando avalizadas pelas obras “O pecado” e “Clara dos Anjos”, ambos de Lima Barreto; e os poemas “Vozes-mulheres”, “Certidão de óbito” e “Recordar é preciso”, de Conceição Evaristo; questiona o preconceito contra os afro-brasileiros em épocas distintas, porém de mesma intensidade excludente e exterminadora – as correntes agora são marcadas pela sociedade que vê o povo negro ainda como “perigoso”, a julgar pela cor – cuja lógica está no princípio de quem deve ou não viver, ascender ao poder e ser respeitado por sua etnia e classe social.

Esses dois autores não se furtaram em denunciar o racismo presente em seu tempo, não seguiram padrões estipulados pela literatura aburguesada. Apontaram que a literatura é uma estética insurgente quando se utiliza da retórica do Outro, quando consegue transformar o grito de dor, o banzo como uma arma para lutar contra a crueldade de uma sociedade escravocrata que insiste em manter aceso o orgulho eurocêntrico que causou e causa mortes de pessoas pretas e pobres. Nesse sentido, é que a literatura age como conhecimento fundamental para despertar

novos olhares por meio de métodos de escrita e leitura capazes de trazer pensamentos para uma nova era aos estudantes.

Dois olhares diferentes sobre os mesmos temas: racismo e preconceito social. Lima Barreto e Conceição Evaristo, visto que ambos transcreveram os fenômenos históricos de suas respectivas épocas uma inquietação voltada para os processos de mudança, prontos a assumir a perplexidade intensa inédita, e dedicados a exprimir uma literatura pretensa a alcançar o seu controle, fosse racional, artística ou politicamente (Sevcenko, 1989). Esses olhares divergentes de autores não atrelados a uma literatura burguesa revolucionam e encampam formas e novos meios de se compreender as subjetividades do povo brasileiro dentro de uma insurgência necessária para expor um país dentro de suas mazelas não solucionadas, pois, segundo Pierre Bourrlieu (2006, p. 49) em seu livro “A Partilha do Espaço Urbano e a Questão do Outro Próximo”:

As artes de viver dominadas – que, praticamente, nunca receberam expressão sistemática – são quase sempre percebidas, por seus próprios defensores, do ponto de vista destruidor ou redutor da estética dominante, de modo que sua única alternativa é a degradação ou as reabilitações autodestrutivas (“cultura popular”).

Sendo assim, Lima Barreto e Conceição Evaristo refletem sobre a degradação oriunda de uma sociedade alicerçada em princípios eurocêtricos indissociáveis do racismo e da percepção do dispositivo de racialidade que se detém em ignorar a luta e a cultura negra, bem como apagar a história dos ex-escravizados. A cultura popular está refletida nos dois literatos quando estes traduzem de forma dura todo sofrimento do negro pós-Abolição, pós-Velha República, por meio de seus romances, contos e poemas. A esfera literária rompe com as reabilitações autodestrutivas, não só como um enaltecimento desse povo brasileiro, mas como uma erudição deste perante a um sistema excludente, cujo branqueamento era voraz no período de Lima Barreto e camuflado no período de Conceição Evaristo. Coube a esses autores não aceitarem a imposição de uma sociedade em que o potentado colonialista preencheu a vida das cidades com estátuas de genocidas como heróis, de cultura e linguagem que modelaram o discurso como

Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade e que visa o controle de mentes e corações (Carneiro, 2023, p.84).

O caminho da loucura de Lima Barreto em criar uma literatura negra que exprimisse o discurso contundente, as escrevivências de Conceição Evaristo que retratam as experiências de cada ser Negro em suas subjetividades, resistem como intelectuais de “cor” contra um sistema que classifica e nega oportunidades a seus pares, efetivando o epistemicídio sobre esses homens e mulheres tratados como seres inferiores à raça humana. Esses autores desmantelam farsas e provocam leitores a questionar o poder disciplinar de igualdade que ignora o afro-brasileiro e/ou o desenvolve como um ser sem o devido apreço para estar presente na sociedade como um ser insurgente capaz de mudar sua rota de vida para uma nova visão antirracista.

5 DE ELZA SOARES A RACIONAIS MC'S: A MÚSICA COMO INSURGÊNCIA AO RACISMO

A música sempre esteve presente na humanidade desde os primórdios desta, mesmo que ainda não a se definisse como música propriamente dita, era o som que comunicava. O som dos tambores transmitia de forma marcial o momento de estar preparado para a guerra, o ritmo da dança, a união de povos por meio de cerimônias e rituais. Esta estética mantém ainda a ideia de comunicabilidade entre bolhas, antes as tribos, os povos, as religiões. Mas a música continua sendo tida como um meio comercial, de entretenimento. Há artistas que fogem a essa regra, por compreenderem a sua função como um instrumento capaz de produzir mensagens, estimular rebeliões, construir laços indelévels que transformem o modo de agir e pensar de cada um, isto é, a valorização das subjetividades como um meio de apresentar elementos insurgentes, seja na música, seja na letra, mecanismos indutores de sinapses, o que pode auxiliar na aprendizagem, bem como desenvolver as funções cognitivas.

Artistas negros da música, de épocas distintas, Elza Soares e Racionais MC's, entenderam que sua arte é uma arma poderosa para apresentar o racismo presente em todas as esferas nacionais. De um lado, uma mulher preta, pobre que não se furtou a levantar bandeira contra o racismo e contra a misoginia, em suas últimas produções mostrou a verve insurgente de versos criados por ela mesma no seu disco póstumo “No tempo da intolerância” (2023), Elza tornou-se o grito feminista que a sociedade brasileira viu resistir, mesmo quando na década de 1980 quase entrou no ostracismo, viu sua força e talento serem resgatada por jovens no final dos anos 1990. Do outro lado, um grupo de rap composto por quatro rapazes da periferia de São Paulo no final dos anos 1980, com discurso contundente como o da Elza Soares, porém mais “agressivo” no verbo, na abordagem de temas comuns ao povo pobre preto. O que ambos têm em comum, além da cor da pele e da condição social? A força da palavra e o comprometimento em manter acesa a chama da africanidade brasileira, expressa nas canções “Coragem” (2023) – “Se você é preto/Não se iluda, meu bem/Entre eles e nós/A lei protege quem?” – e “Negro drama” (2002) – “Nego drama/Cabelo crespo e a pele escura/A ferida, a chaga, à procura da cura” –, respectivamente interpretadas por Elza Soares e Racionais MC's.

Um processo de ruptura e de insubordinação à exploração que geram as desigualdades e subalternidades revelam artistas preocupados não com a arte pela arte, como preocupava-se o Parnasianismo, mas uma arte voltada para o Outro e suas subjetividades. Nesse sentido, a música tem o poder de adesão de massa, por ultrapassar as barreiras do *mainstream*, por estar presente como manifestação de tribos desde os primórdios da humanidade; por não respeitar

reis e rainhas, essa estética ganha elementos populares dos então subalternizados e corporificando-se na cultura sem o aval dos ditos nobres.

Antes utilizada como meio de catequização dos jesuítas aos indígenas no século XV, a música serviu pela Companhia de Jesus como instrumento para esse fim até meados do século XVIII, quando a atenção dos “missionários” passou para os centros urbanos. A música logo foi percebida pelos jesuítas como um meio sedutor e eficaz de convencimento dos indígenas, embora a Companhia de Jesus fosse pouco afeita a práticas musicais, viram nessa estética a catequização a partir da observação em cerimônias religiosas e eventos profanos, na visão dos padres (Holler, 2005).

Elza Soares e Racionais MC's fortaleceram o discurso negro, reforçaram o sentido de luta em uma sociedade apegada ao racismo recreativo, ao cordialismo racial, cuja lógica sempre foi a de depreciar a luta negra milenar e manter o pensamento escravista aos negros ao considerá-los subalternos e, portanto, sua cultura de submundo, a qual não deve ser aprendida nas escolas tal qual a história africana. Esses artistas souberam mostrar a importância de sua estética insurgente para desmitificar a negritude como um mero desalinho de, apenas, entreter. A arte, nas mãos desses artistas, elevou-se, traduziu o canto para além do lamento, mas para uma bandeira de luta e conscientização da população preta. Versos como os da Elza Soares na canção “Intro: Justiça”, do disco póstumo “No tempo da intolerância” transmite sua verve de sempre estar à frente de seu tempo como cantora e, por último, afirmando-se compositora:

Aqui fica meu pedido, simples, honesto
De uma mulher lutadora
De uma mulher negra
Que sabe que pra chegar aqui, o quanto foi difícil.

Justiça
Justiça, pra nossa negritude
Pras nossas mulheres
Justiça” (2023)

Elza Soares soube transgredir o sistema escravista que ainda vê a cultura afro-brasileira de segunda classe, indigna de estar nos bancos de escola, de ser assimilada pelos estudantes. Mesmo após a promulgação da Lei nº 10.639/03, ainda há muito o que debater para que ela se efetive e se torne realidade, pois o que se tem visto são apenas ações pontuais no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra). A música é um dispositivo vivo e real para uma educação antirracista, pois seu ritmo, rima e a força das ideias contidas em artistas como Elza Soares corroboram com essa ideia, tal qual estão presentes nos versos “A carne”, gravada no disco “Do cóccix até o pescoço” (2002), o que trouxe à luz para o tema da pesquisa em questão:

A carne mais barata do mercado
 É a carne negra!
 Que vai de graça pro presídio
 E para debaixo do plástico
 Que vai de graça pro subemprego
 E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado
 É a carne negra!

Que fez e faz história pra caralho
 Segurando esse país no braço, meu irmão.
 O gado aqui não se sente revoltado
 Porque o revólver já está engatilhado
 E o vingador é lento, mas muito bem-intencionado
 Esse país vai deixando todo mundo preto
 E o cabelo esticado
 E mesmo assim,
 Ainda guardo o direito

De algum antepassado da cor
 Brigar por justiça e por respeito
 De algum antepassado da cor
 Brigar, bravamente, por respeito
 De algum antepassado da cor
 Brigar

Carne negra! (Seu Jorge/Marcelo Yuka/Ulisses Cappelletti, 2002)

Inicialmente, essa canção foi gravada no disco “Moro no Brasil” (1998), do grupo carioca “Farofa Carioca”, mas só ganhou força a partir da gravação da cantora Elza Soares, demonstrando sua força para quebrar barreiras de gerações e transformar seu discurso em um catalisador para promover a luta negra pela garantia dos direitos civis, sim, pois ainda é possível acompanhar notícias e relatos de crimes racistas contra a população que, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022 – 56,1% da população brasileira declarou-se preta ou parda. O que muda completamente o panorama do Brasil, mostrando como houve um ganho em autoestima ao povo brasileiro declarar-se preto ou pardo.

Pode-se afirmar que os movimentos negros têm mérito para que isso acontecesse, bem como a cultura que começou a valorizar a negritude a partir dos anos 1960, ganhando força no final dos anos 1980 com o surgimento do rap aqui no Brasil, embora o movimento Hip Hop já houvesse nascido nos EUA nos anos 1970, por meio das raízes africanas. No Brasil, os precursores como Thaíde e Dj Hum trouxeram o rap, sigla que em inglês significa “Ritmo e poesia”, focou o discurso mais nas questões raciais e sociais.

O grupo de rap Racionais MC’s surgiram em 1988. Formado por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay, as letras apontaram para um novo caminho na música brasileira e no próprio rap, pois eram mais contundentes, mais agressivas no sentido mesmo de expor a fratura

de uma sociedade racista e pronta para exterminar a minoria por meio do dispositivo do sistema capitalista. Isso aparece já no primeiro disco do grupo intitulado “Holocausto urbano” (1990). Nesse LP há letras cuja poesia não pede licença, entra chutando a porta da frente com versos presentes nas seis canções. Não há apelo, há o discurso real de um povo preto, pobre de periferia que sofre todas as consequências de um sistema que aprisiona e mata em um tribunal de rua, cuja necropolítica age com rigor e marginaliza duramente o Outro, por causa da cor, por causa da origem, como o grupo problematiza na canção “Beco sem saída”:

Eu vou dizer porque o mundo é assim
 Poderia ser melhor, mas ele é tão ruim
 Tempos difíceis, está difícil viver
 Procuramos um motivo vivo, mas ninguém sabe dizer
 Milhões de pessoas boas morrem de fome
 E o culpado, condenado disto é o próprio homem
 O domínio está em mão de poderosos, mentirosos
 Que não querem saber, porcos, mas querem todos mortos
 Pessoas trabalham o mês inteiro
 Se cansam, se esgotam, por pouco dinheiro
 Enquanto tantos outros nada trabalham, só atrapalham
 E ainda falam que as coisas melhoraram
 Ao invés de fazerem algo necessário
 Ao contrário, iludem, enganam otários
 Prometem 100%, prometem mentindo, fingindo, traindo
 E na verdade, de nós estão rindo
 Tempos, tempos difíceis [...] (Edi Rock/KL Jay, 1990).

Voltando ao conceito de classes perigosas, já citado anteriormente por Chalhoub (1996), que segundo Mary Carpenter, era destinado a pessoas que houvessem passado pela prisão. No Brasil esse conceito passou a ser utilizado pela Câmara dos Deputados do Império nos meses que se seguiram à Abolição da Escravatura e que continua como termo para definir o povo preto. No entanto, Racionais MC’s aproveitaram-se desse termo para subvertê-lo semanticamente como classe perigosa a população preta que se conscientiza, estuda, movimenta-se para transformar seu ambiente, sua vida em resistência por meio das estéticas insurgentes, e a música é uma dessas estéticas fomentadora e instigante para o povo preto. Passados mais de 100 anos pós-Abolição, ainda é possível encontrar discursos racistas sobre a periculosidade da classe negra cunhado por líderes políticos e religiosos calcados nas teorias eurocêntricas, como aconteceu no Brasil Império e na República Velha.

A semântica subvertida por Racionais MC’s baseia-se em outro grupo de rap contemporâneo “DMN” nas canções “4P (Poder Para o Povo Preto)” e “Precisamos de nós mesmos”, transmutados nos versos da canção “Negro limitado”, do disco “Escolha seu caminho” (1992):

[...]Negro Limitado

- É, consciência, consciência, e os outros manos,
você é consciente sozinho?"
Faça por você mesmo e não por mim.
Mantenha distância de dinheiro fácil.
De bebidas demais, policiais e coisas assim.
Enfim, de modo eficaz.
Racionais declaram guerra.
Contra aqueles que querem ver os pretos na merda.
E os manos que nos ouvem irão entender.
Que a informação é uma grande arma.
Mais poderosa que qualquer PT carregada.
Roupas caras de etiqueta, não valem nada.
Se comparadas a uma mente articulada.
Contra os racistas otários é química perfeita
Inteligência, e um cruzado de direita.
Será temido, e também respeitado.
Um preto digno, e não um negro limitado. [...] (Edi Rock/Mano Brown, 1992).

Dentro da semântica subvertida por Racionais MC's, descrito no trecho da canção acima, percebe-se que classes perigosas para o grupo estão atreladas não somente à conscientização quanto também ao incentivo aos estudos. Essa percepção do grupo foi o indutor de muitos jovens a compreender que a leitura e o estudo transformam o preto em um ser perigoso na sociedade (não na concepção da marginalidade, mas na concepção de que quando se começa a pensar, questionar, torna-se um ser perigoso contrário ao capitalismo), pois a partir do momento em que torna atuante e consciente pelo intelecto, a mente torna-se uma arma potente contra o racismo.

O rap representa uma contracultura capaz de atrair os jovens para encontrar uma representatividade, uma voz do excluído e dar a eles conteúdo para combater as desigualdades sociais e raciais. O disco "Sobrevivendo no inferno" (1997) traz uma carga densa, expõe sem filtros o cotidiano violento das periferias, o descaso do Estado ao matar ou deixar matar pelas mãos da polícia o povo preto e pobre; é o primeiro disco independente a vender mais de 1,5 milhão de cópias em um período já dominado pela pirataria, tamanha a força da palavra e do discurso do grupo Racionais MC's. No sentido necropolítico, Racionais MC's argumentam sobre uma política cuja centralização está na produção da morte em larga escala. A morte tem cor, escolhe pessoas pela sua tez, considerando-as incultas, incapazes de demonstrar laços humanos e, ao mesmo tempo, esses manos subvertem a morte pela astúcia advinda da intelectualidade malandra que é viver (Cerruti, 2020, p. 35).

A "malandragem de verdade é viver" exposta na canção "A fórmula mágica da paz" torna-se o mote do disco "Sobrevivendo no inferno" (1997). Por outro lado, mostra uma

abordagem agressiva para o convencimento de que o preto deve dar-se ao valor e constantemente lutar contra o sistema escravista pelas mãos do capitalismo em pleno século XX:

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar
 Eu tô em cima, eu tô afim, um, dois pra atirar
 Eu sou bem pior do que você tá vendo
 O preto aqui não tem dó, é 100% veneno
 A primeira faz bum, a segunda faz tá
 Eu tenho uma missão e não vou parar
 Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
 Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição
 Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
 E tem disposição pro mal e pro bem (Capítulo 4, versículo 3, Mano Brown, 1997).

Avessos aos apelos da mídia brasileira, Racionais MC's demonstram a força que o grupo tem, a ponto de não se sujeitar aos princípios mercadológicos, expostos nos versos acima, e contrariando o mito da democracia racial que muitos ainda insistiam em defender na década de 1990. Após um século da promulgação da Lei Áurea, esses rapazes pretos da periferia de São Paulo evocaram todas as periferias do Brasil e denunciaram por meio do ritmo e poesia o racismo endêmico e as mazelas presentes de forma imposta à população afrodescendente. O cotidiano periférico de São Paulo é também um reflexo de todas as outras comunidades pobres do país. (Dutra, 2020).

Nesse sentido que a obra dos Racionais MC's encontram lugar para ser apresentada aos estudantes para construir uma educação antirracista e propõe questionamentos acerca do Dia da Consciência Negra não estar presente somente no dia 20 de novembro, mas o ano todo para que se concretize o que está previsto na Lei 10.639/03, para que se desmitifique a democracia racial, para que a juventude negra tenha “voz ativa”, como cantado pelo grupo na música de sua autoria.

A demonstração de interesse dos estudantes por Racionais MC's suscita uma revolução de pensamento quanto ao preconceito causado pela cor do indivíduo enquanto cidadão, pois

Na práxis cotidiana, através da história, criou-se um paradigma no mundo objetivo que se estendeu ao campo simbólico e que rege as relações humanas no Brasil em todos seus níveis. Tal paradigma se baseia na pigmentação da tez, que gradativamente se naturalizou, determinando atribuição de valores (morais, éticos, econômicos, etc.) atrelados à cor da pele do indivíduo (Dutra, 2020).

A música é, na maior parte dos estilos criados, africana ou afrodescendente; tem o poder de aproximar, transmitir mensagens, dar o ritmo da vida de cada ser. Seja no ruído rosa, na

folha que sibila no galho de uma árvore, no talo de uma flor. Música que na época do Trovadorismo teve importante participação para a criação das cantigas de amor, de amigo, de escárnio e de maldizer, dando surgimento aos menestréis e jograis, aliando a poesia à melodia, ao ritmo dentro da métrica textual.

Os tambores da África ecoam na ancestralidade brasileira seja nos diversos estilos oriundos da africanidade como o samba, o choro, a embolada, o maracatu, o coco; por outro lado, as religiões de matriz africana também necessitam dos batuques para evocar suas entidades, como a umbanda, o candomblé, a quimbanda. Essa estética, por possuir variações de estilos, vertentes africanas que se espalharam pelo mundo, fomentou no continente Americano fusões, exemplificado na letra da canção “O Ariano e o africano”, presente no disco “Carnaval na obra”, de 1998, da banda recifense Mundo Livre S/A:

Há quatro séculos a alma humana tem sido um motor
Da inquietação, da resistência, da transgressão
O negro sempre quis sair do gueto
Fugir da opressão fazendo história
Ganhando o mundo com estilo
O africano foi levado para sofrer no Norte e gerou
Entre outras coisas, o jazz, o blues, gospel, soul
R&b, funk, rock'n'roll, rap, hip hop
No Centro, o suor africano fomentou o mambo, o ska
O calipso, a rumba, o reggae, dub, ragga
O merengue e a lambada, dancehall e muito mais
Mas é o ariano que ignora o africano ou
É o africano que ignora o ariano?"
E ao Sul a inquietude negra fez nascer
Entre outros beats, o bumba, o maracatu, o afoxé
O xote, o choro, o samba, o baião, o coco, a embolada
Entre outros, os Jacksons e os Ferreiras
Os Pixinguinhas e os Gonzagas
As Lias, os Silvas e os Moreiras
A alma africana sempre esteve no olho do furacão
Dendê no bacalhau, legítima e generosa transgressão
É Dr. Dre e é maracatu
É hip hop e é Mestre Salu
Mas é o ariano que ignora o africano ou é o
Africano que ignora o ariano? (Fred Zero Quatro/Apollo 9/Mundo Livre S/A).

Nesse sentido é que se faz presente a estética musical para uma educação antirracista, pois suas raízes estão calcadas na africanidade ancestral, de acordo com a letra da banda Mundo Livre S/A. O canto e a força da mensagem nas vozes de Elza Soares e Racionais MC's representam não somente a ancestralidade africana, mas também séculos de resistência em uma sociedade impregnada de preconceito racial e ódio à população preta pobre e periférica, cujas leis criadas como a do Novo Ensino Médio (nº 14.945/2024) ainda continua tecnicista focada mais no mercado de trabalho do que nas individualidades e subjetividades, o que sufocam a Lei

nº 10.639/03 para que a escola possa projetar uma educação antirracista. Há, além da falta de iniciativa do poder público, uma elite que insiste em menosprezar a luta dos movimentos negros e tratar como uma inversão racial abordar os anseios das minorias tão massacradas.

A música perpassa toda essa inversão racial e aponta meios viáveis por meio desses artistas para apontar técnicas de ensino-aprendizagem para a realidade de muitos estudantes, e mesmo aqueles que não vivam essa realidade de uma sociedade escravocrata, ainda assim desmitificar a democracia racial a ponto de provocar discussões relevantes sobre esse assunto. A temática desta pesquisa busca essas abordagens, cujo objetivo é o aprofundamento da educação antirracista efetiva, e não como vem sendo aplicado na maioria das escolas pelo Brasil afora, de forma pontual, sem debates que possibilitem a valorização das subjetividades, uma vez que este país é pluridiverso, e essa pluridiversidade requer uma exploração para que o empírico realmente aconteça.

Essa estética consegue sair da abstração para entrar na concreção, pois

Na grande arte a realidade se revela ao homem. A arte, no sentido próprio da palavra, é ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem desde as representações e os preconceitos sobre a realidade, até à própria realidade e à sua verdade. Na arte autêntica e na autêntica filosofia revela-se a verdade da história: aqui a humanidade se defronta com a sua própria realidade (Kosik, 1995, p. 130).

Defrontar a realidade dos estudantes com as estéticas insurgentes revela a autenticidade de uma educação antirracista que objetiva desmitificar a democracia racial – que ainda permanece como dispositivo racista –, conduzi-los à compreensão de dispositivos raciais tão comuns no cotidiano que, na maioria das vezes, passam despercebidas por eles, devido a atitudes normalizadas pela sociedade capitalista, em que o lucro vale mais que vidas humanas. As estéticas insurgentes representam não só o grito dos excluídos, mas a percepção de uma educação capaz de transformar a sua própria realidade de forma concreta.

Lima Barreto, Conceição Evaristo, Elza Soares e Racionais MC's – cujas lutas sempre foram antirracistas em suas respectivas épocas, perpassando o final do século XIX até a década de 20 do século XXI. Dos quatro artistas em questão, Lima Barreto adentrou até a década de 1920, quando faleceu em 1922, em decorrência do alcoolismo, doença ocasionada devido à vida difícil que qualquer cidadão negro de periferia enfrenta neste país, fê-lo sucumbir aos reveses de um país racista. Elza Soares faleceu em 2022, deixando um disco-protesto (“No tempo da intolerância” – lançado postumamente em 2023) como letrista, algo raro na carreira da cantora. Conceição Evaristo e Racionais MC's permanecem na ativa atraindo público pela contundente

arte que ambos criam de forma ímpar. E, mesmo que ambos tenham trabalhos distintos, a escrevivência faz-se presente em suas obras.

6 PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE: ESTÉTICAS INSURGENTES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A percepção de buscar métodos que se coadunam com os artistas desta pesquisa-ação participante teve início em 02 de outubro de 2025, sendo encerrada no dia 19 de novembro de 2025. A pesquisa foi realizada com estudantes da terceira série do Ensino Médio de uma escola de educação básica estadual na cidade de Lages/SC, totalizando 31 estudantes. A participação de todos/as deu-se de forma consentida a partir da assinatura do TCLE. O primeiro passo para a organização do processo de pesquisa foi criar uma sequência didática que assegurasse a interação entre estudantes e professor. Tanto para o desenvolvimento da experiência proposta, quanto para que se desse conta de cumprir com o desenvolvimento curricular em curso na disciplina, tendo em vista tratar-se de uma turma regida pelo professor-pesquisador. Ao mesmo tempo, uma prática de pesquisa-ação que fornecesse condições para que as subjetividades dos estudantes fossem respeitadas, em sua multiplicidade e diferença, e que aprofundasse as competências e habilidades de cada partícipe nesse processo.

Outrossim, pensar qual prática da pesquisa-ação participante deveria ser priorizada para a elaboração e aplicação do projeto, implicou refletir sobre o modo como o racismo atua na educação e na escola. Isto é, de que modo uma educação antirracista poderia ser abordada, quando se considera de saída que a própria educação formal ocidental é um elemento central no processo que envolve o colonialismo e o racismo. Afinal,

A educação não deve ser absolvida de uma crítica antirracista/decolonial, ao mesmo tempo em que indica a necessidade do debate no âmbito dos processos educativos, sejam eles experienciados nas instituições escolares ou em outros contextos. O racismo/colonialismo esteve/está estrategicamente presente nos modos de educação praticados pelas instituições dominantes, seja nas formas concretas ou simbólicas de violência inferidas aos grupos historicamente subalternizados. A evidência ressaltada são os efeitos do colonialismo/racismo epistemológico/cognitivo e o fortalecimento de práticas pedagógicas que contribuíram para o fortalecimento do ideário colonial (Rufino, 2019, p. 281).

Tendo em vista a dimensão racista/colonial em que a escola se encontra implicada, seria necessário refletir sobre como os artistas negros, e sua projeção na recepção dos estudantes, forneceria para esta encruzilhada pedagógica o ebo necessário para desfazer o “carrego colonial” da escola (Rufino, 2019). A saída, foi desenhar uma proposta pedagógica antirracista, cujas entidades nacionais representadas por Lima Barreto, Conceição Evaristo, Elza Soares e Racionais MC’s evidenciassem a arte como uma tecnologia de insurgência anticolonial, permitindo colocar em movimento epistemologias antirracistas por meio da

atividade empírica e da subjetividade dos estudantes.

Considerou-se, neste sentido, que Lima Barreto, Conceição Evaristo, Elza Soares e Racionais MC's trazem em sua arte formas de insurgência, cujo o contorno poderia ser melhor abordado à luz do que Michel Foucault define como parresia e cuidado de si. Isto é, ambas formas de constituição de uma estética da existência, a qual se configura a partir da arte negra como modo de vida. A escolha destas duas formas conceituais deu-se pela compreensão de que seriam as que melhor evocavam a noção ético-estético-política destes artistas. A parresia, “que em latim se refere à liberdade ou a falar francamente – uma modalidade que o educador deve possuir em suas práticas de si, de forma refletida” (Santos, 2021, p. 26), por permitir pensar um dos significados centrais às estéticas insurgentes, qual seja, a de uma arte que se comunica por meio do escândalo e da coragem da verdade, da fala franca. Como no rap, uma palavra que não faz curva, que se dirige ao coração do projeto racista/colonial e que implica o corpo em uma posição de risco necessário, ante as tecnologias necropolíticas do Estado colonial. Por sua vez,

O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no percurso da existência (Foucault, 2014, p. 9).

Deste modo, buscou-se considerar estes dois movimentos conceituais como parte integrante da arte negra, considerando tratar-se de uma arte composta por sujeitos subalternizados pelo racismo/colonialismo, e que diante dos processos de sujeição a eles imputados encontram na insurgência estética um modo de vida, uma estética da existência. Estética esta que permite constituir experiências de cuidado consigo e com os seus, ao mesmo tempo em que implica uma ética da coragem, na medida em que obriga a uma relação de risco com seu próprio corpo e subjetividade. Risco imputado pelo próprio projeto racista/colonial, mas que se amplifica quando se assume a revolta e a insurgência como as principais estratégias no processo de emancipação.

Do mesmo modo, quando o professor se propõe a apresentar uma educação antirracista por meio desses artistas, ele também exerce o cuidado e a parresia, pois se encontra situado e comprometido eticamente com um projeto de educação antirracista e anticolonial. Assim, ele se encontra exposto, bem como disposto à percepção dos estudantes quanto ao caminho a ser percorrido e desvendado pelas subjetividades de cada ator envolvido no processo da pesquisa-ação. Encontra-se, portanto, comprometido na dimensão pública da escola, a dimensão que

permite o encontro do comum (Masschelein; Simon, 2023), mas também as tensões e atenções em torno das diferenças e das temáticas sensíveis que tocam a cada um distintamente.

Sendo assim, ao militar pela igualdade racial, contra o racismo e o colonialismo, o professor militante assume um compromisso ético com a educação como prática da transgressão, não se abstendo de certo compromisso com a verdade, como vetor para o que Michel Foucault (2011) chama de *parresia*. Mesmo que isso implique expor sua vida e/ou ofício a riscos, ao optar por artistas insurgentes, o docente assume uma relação de compromisso ético, estético e político com estes mesmos artistas, com suas histórias e memórias. O que em tempos de perseguição docente e disputa de narrativas sobre o lugar da escola e do professor, significa assumir posição em defesa da escola e da educação como lugares públicos, laicos, democráticos e abertos à diferença.

Neste sentido, ao se pensar a noção de estética neste trabalho, buscou-se refletir sobre a interação entre arte e existência como forma de subjetivação. Mais especificamente, procurou-se pensar a arte produzida por artistas negros e negras como tecnologias que permitem construir um certo estilo de existência. Ou seja, compreendeu-se que o processo de criação de músicas, letras e poemas acaba por criar o músico, o letrista e o poeta. Esta inter-relação entre a obra artística e a vida do artista, entre criação artística (obra) e a criação do artista (sujeito de sua obra), é o que demarca a noção de estética da existência. No caso específico de artistas negros e negras, considerou-se que ao se produzir formas artísticas (como o rap ou a literatura negra), elaboradas por sujeitos marcados pelo colonialismo e pelo dispositivo de racialidade, a arte converte-se em uma forma estético-política de reelaboração e reafirmação da existência. De onde deriva, portanto, o seu caráter insurgente, isto é, a inscrição de formas de transgressão ao capitalismo, ao colonialismo e ao racismo. Neste sentido, a noção de insurgência aparece como uma força política que emerge no interior da experiência estética, posto que a arte se converte em um modo de vida demarcado pela transgressão.

Ao passo em que o trabalho buscou articular as noções de estética e insurgência na produção de artistas negros e negras, propôs-se o exercício de práticas pedagógicas que permitissem constituir experiências de elaboração de estéticas insurgentes por meio de oficinas de escrita e da realização de uma exposição final com cartas e cartazes pelos estudantes. Deste modo, a noção de estética insurgente foi duplamente pensada, tanto no campo da música e da literatura negras, quanto na experiência de pesquisa junto aos estudantes.

Importante salientar que, por mais que a Lei nº 10.639/03 ampare a aplicação de

projetos de relações étnico-raciais e educação antirracista, ainda existem segmentos na comunidade escolar que se demonstram reativos, muitas vezes por alegarem partidarismo político na aplicação da temática, o que demonstra o recente fenômeno de despolitização da esfera pública da escola, orientada por políticas públicas de caráter conservador e neoliberal no Brasil e em Santa Catarina.

Neste capítulo, essas impressões far-se-ão presentes como forma de análise do percurso tomado pela pesquisa-ação participante e deste pesquisador, tendo como atores estudantes de uma escola da rede pública estadual situada em Lages/ SC.

6.1 O EXERCÍCIO DE SUBJETIVIDADES ANTIRRACISTAS EM CONTEXTOS ADVERSOS

O processo de preparação da pesquisa e organização das atividades previstas com os estudantes no ano de 2025 tiveram como pano de fundo político um conjunto de medidas legislativas em Santa Catarina que, em certa medida, visavam constranger atividades pedagógicas, seja sob o pretexto de prevenção à apologia ao crime, uso de drogas ou conteúdos de cunho sexual ou erótico, seja sob argumentos meritocráticos e de combate ao suposto “racismo reverso” na política de cotas.

Primeiramente, a Lei Estadual nº 19.233/2025 que, dentre outras coisas, “Dispõe sobre a vedação de execução de músicas e vídeos com letras e coreografias que façam apologia ao crime, ao uso de drogas, ou expressem conteúdos verbais e não verbais de cunho sexual e erótico, nas unidades escolares da rede de ensino do Estado de Santa Catarina” e que se encontra atualmente em vigência. Utilizando a estratégia política do pânico moral, esta lei acaba por coibir a liberdade de cátedra, o livre exercício docente e o acesso à diferentes linguagens estéticas como instrumento formativo.

Por sua vez, no final de 2025, ano corrente desta pesquisa, foi aprovado na Alesc – Assembleia Legislativa de Santa Catarina – o Projeto de Lei (PL) nº 753/2025, de autoria do deputado Alex Brasil (PL), que procurava proibir a adoção de cotas raciais, bem como outras políticas de ações afirmativas pelas universidades públicas do estado de SC e instituições que recebem verba do governo catarinense. Aguardava-se o veto do então governador Jorginho Mello (PL), entretanto, no dia 22 de janeiro de 2026, este sancionou o PL nº 753/2025, contrariando a Constituição Federal de 1988, a qual defende o sistema de cotas raciais e afirmativas. Entretanto, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) considerou inconstitucional a lei de Santa Catarina que proibia o uso de cotas étnico-raciais em

instituições de ensino que recebessem verbas do Estado no dia 17 de abril de 2026. Foi unânime a decisão dos ministros do STF.

Neste cenário, o desenvolvimento da pesquisa-ação participante converteu-se em uma atividade pedagógica de risco, ao tornar perigoso abordar linguagens como o rap em sala de aula. Neste sentido, o pesquisador precisou assentar-se de coragem, compromisso ético e de uma certa dose de parresia cínica – único caminho possível para a realização integral da proposta de pesquisa, mesmo sabendo dos riscos que colocariam este pesquisador perante o cenário em vigência.

Sendo assim, amparada pela Lei nº 10.639/03, iniciou-se o percurso de desenvolvimento da pesquisa-ação, a qual teve como fundamentação teórica autores como Mbembe e Carneiro, como base estruturante das reflexões sobre o racismo/colonialismo, como também de Foucault, base para a reflexão em torno dos significados dos processos de subjetivação, permitindo refletir sobre a pesquisa-ação como um exercício de elaboração de subjetividades antirracistas. Deste modo, considerou-se que

[...] a subjetividade não parte de uma teoria prévia e universal do sujeito, para Foucault, pois não está com uma concepção originária ou fundadora do que seja o sujeito. Só pode haver sujeito mediante relação com a verdade e nesse sentido, a subjetividade consiste nas transformações e constituição dessa relação (Meireles, 2020, p. 19).

Isto significa dizer que refletir sobre os processos de subjetivação implica problematizar o racismo em sua dimensão ontológica. Isto é, significa considerar de saída que o sujeito universal, racializado, branco, ocidental, precisa ser questionado, caso se queira desmontar a narrativa de um sujeito modelar, civilizado e fundado no dispositivo racial da branquitude. Assim, produzir subjetividades significa operar relações que mais do que partirem de uma verdade definitiva, são o resultado de operações discursivas, simbólicas e relacionais, que imprimem nos sujeitos e em seus corpos a imagem de uma humanidade qualificada ou desqualificada. Neste sentido, pensar formas de subjetivação antirracistas, mais do que fundar uma nova ontologia, significa refletir sobre quais exercícios são capazes de constituir sujeitos antirracistas. Quanto a isso, McGushin (2018, p. 176) propõe que a

[...] a subjetividade não é alguma *coisa* que nós *somos*; é uma atividade que nós *fazemos*. A subjetividade é relacional, dinâmica e inquieta, potencialmente indisciplinada e imprevisível. Mas, se a subjetividade é um *dever* ativo em vez de um ente fixo, então a busca de descobrir ou descobrir ou encontrar a si mesmo – na forma de uma essência ou substância – é fútil. Além disso, ao focar nossa atenção nesse sujeito e nossa energia em tentar ‘expressá-lo’, negligenciamos o nosso *dever*

subjetivo, o qual é assumido pelos processos de treinamento disciplinar e normalização

Ao partir do princípio das estéticas insurgentes como exercícios de subjetivação, seja na música ou literatura, observou-se também que a arte pode não mudar completamente o sujeito, mas pode provocar exercícios de implicação. Ou seja, exercícios em que a atenção, a sensibilidade, o afeto passam a ser mobilizados, constituindo experiências de implicação, o que significa construir condições para que os sujeitos se sintam parte de uma condição ou de um problema. Seja por meio de desconfortos, o que, de fato, aconteceu quando da exibição de alguns curtas-metragens sobre a temática do racismo, seja por meio da sensibilização e empatia diante do que antes talvez não fosse sentido e percebido do mesmo modo, permitindo um modo de voltar-se para fora de si mesmo, implicando-se com o mundo e retornando de um modo diferente para si. Foucault já preconizava essa tensão nas práticas de subjetivação ao afirmar que

esta arte do eu mostra-nos que a prática da subjetividade não implica necessariamente voltarmos o nosso olhar para dentro, enfocando e essencializando o eu interior. Em vez disso, há poderosas artes de viver que nos projetam no mundo, nos afastando ainda mais de nossos pressupostos acerca da autodescoberta e da autoexpressão. Ser sincero consigo pode de fato envolver enfocar nossa atenção no mundo natural ou na história e na sociedade – em outras palavras, voltar-se para fora ao invés de para dentro (Foucault, 2018, p. 182).

Tomando como referência a perspectiva de Michel Foucault sobre os exercícios de subjetivação, a pesquisa-ação participante tomou como metodologia e como fundamento ético não obrigar uma direção aos estudantes, mas deixá-los participarem da guiança desta experiência, por vezes permitindo que guiassem também este professor/pesquisador. Por isso, não só a música e a literatura negra tornaram-se a bússola desta pesquisa – outras formas de arte ganharam espaço para fomentar meios de comunicação e direcionamento sobre as subjetividades de cada estudante - valorizando-as seja na produção de cartazes, cartas ou relatos sobre os autores escolhidos no desenvolvimento da pesquisa em questão.

Por conseguinte, este pesquisador estruturou uma sequência didática, não como um plano fechado a ser seguido a rigor, mas como forma de ter uma base sobre quais elementos poderiam provocar o olhar e a atenção dos estudantes para fora, tal como proposto por Foucault, respeitando as subjetividades dos estudantes a cada oficina proposta.

A sequência didática, então, deu-se da seguinte maneira:

Dia 02 de outubro: Apresentação sobre o projeto “A carne mais barata do mercado”: estéticas insurgentes para uma educação antirracista.

Dia 09 de outubro: Leitura dos textos “O pecado”, de Lima Barreto; “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo; “A carne”, de Elza Soares.

Dia 15 de outubro: Leitura e audição da canção “Coragem”, de Elza Soares e “Negro Drama”, de Racionais MC’s. Analogia entre as canções e imagens do período escravocrata no Brasil. Após isso, elaboração intertextual, como cópias das letras das canções e cartolina para a confecção de cartazes sob nova perspectiva de interpretação dos estudantes.

Dia 22 de outubro: Leitura da obra “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto e Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo. Apresentação de imagens de Marc Ferrez e pinturas do alemão Johann Moritz Rugendas. Verbalização crítica em relação às imagens a partir da associação dos textos apresentados em sala de aula. Elaboração de cartazes, para que os estudantes apresentem a intertextualidade das imagens e pinturas confrontadas com os textos.

Dia 29 de outubro: Exibição do documentário “Cores e Valores” e apresentação da canção “Cores e valores”, de Racionais MC’s. Debate sobre as obras e sobre como manifestar uma educação antirracista por meio de frases de impacto espalhadas pelas estruturas da escola.

Dia 05 de novembro: Exibição do curta-metragem “Dúdú e o Lápis Cor da Pele”; apresentação da canção “Coragem”, de Elza Soares. Criação de uma estética antirracista.

Dia 12 de novembro: Por meio do conhecimento sobre os autores e obras de Lima Barreto, Elza Soares, Racionais MC’s e Conceição Evaristo, escrever uma carta direcionada a estes sobre o impacto que a arte causou a cada estudante e também em suas subjetividades.

Dia 19 de novembro: Devolutiva no projeto Afro-brasileiro sob o tema “A carne mais barata do mercado”: estéticas insurgentes para uma educação antirracista, a partir de todo material desenvolvido nas oficinas em sala de aula.

Quadro 7 - Sequência Didática- Ensino Médio

Área do conhecimento	Linguagens e suas tecnologias
Componente curricular:	Língua Portuguesa e Literatura
Ano/ série:	3º ano 03
Habilidades:	(EM13LP09) -Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma padrão na escola.

Objetos do conhecimento em estudo:	Estéticas insurgentes: literatura e música de Lima Barreto, Conceição Evaristo, Elza Soares e Racionais MC's.
Critérios de avaliação:	Oficinas a partir da interpretação de textos e imagens.
Caminho metodológico para desenvolvimento da habilidade:	Leitura e interpretação de textos; criação de intertextualidade.
Instrumentos avaliativos utilizados:	Textos, imagens.
Número de aulas necessárias para desenvolvimento das atividades:	14

Fonte: Elaborado pelo autor. Dados da pesquisa.

Figura 1 - Estudantes assistindo aos curtas-metragens



Fonte: Acervo do autor.

6.2 EXPERIÊNCIAS PRELIMINARES E FUNDAMENTOS CURRICULARES PARA A PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE

Inicialmente, o projeto desta pesquisa previa a participação dos estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Lages/SC e, na ocasião, ainda não havia a definição de qual turma a pesquisa seria aplicada.

Com o decorrer do tempo, alinhou-se que a turma em que seria desenvolvida a pesquisa deveria ser da terceira série do Ensino Médio, por estarem na faixa etária dos 17 e 18 anos, por estes terem compreensão acerca da educação antirracista e por manifestarem desde a primeira e a segunda série do Ensino Médio suas opiniões sobre o racismo, expondo seus comentários quando havia atividades por meio de textos que abordassem esse tema. Outro fator que também foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, é que a maioria dos estudantes da turma é constituída por pessoas brancas, sendo somente três estudantes negros.

Esses estudantes envolvidos na pesquisa tiveram atividades sobre racismo no ano de 2024 por meio de poemas e canções que, em uma analogia, pudessem comparar artistas de séculos diferentes, como por exemplo, o poema “O navio negreiro”, de Castro Alves, do século XIX, aliado à canção “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, da banda O Rappa, do final do século XX. Outra proposta foi apresentar a esses estudantes o poema “Ismália”, de Alphonsus de Guimarães (1920) e a canção também de mesmo título, de Emicida (2021). Essas estéticas tratavam da dor e do racismo, bem como do cuidado de si, tal como pensado por Foucault.

Esse movimento no ano anterior (2024), foi desenvolvido para que os estudantes que no ano seguinte estariam na terceira série do Ensino Médio já compreendessem a natureza da pesquisa em questão e para que também emitissem suas considerações sobre o racismo e sobre o impacto que as estéticas insurgentes poder-lhes-iam causar.

Elementos de subjetivação compuseram o currículo escolar, porém a partir de métodos de interpretação textual para abrir espaço para a formação de uma educação antirracista desta pesquisa. A literatura já estava em primeiro plano como meio catalisador, depois, a música foi sendo inserta para fomentar a escrevivência de cartas, dirigidas aos professores, buscando resgatar olhares de experiências vivenciadas pelos estudantes, ora como uma forma de manifestar suas subjetividades, ora com o intuito de apontar outros aspectos de ensino-aprendizagem. Deste trabalho para a elaboração de cartas para professores, realizado em 2024, é que se suscitaria em 2025 o experimento com cartas, agora não mais direcionadas aos professores, mas aos artistas propostos para o desenvolvimento da presente pesquisa: Lima Barreto, Elza Soares, Racionais MC's e Conceição Evaristo. A presença desses artistas na sala de aula trouxe condições para que os estudantes pudessem compreender a importância da literatura e música negra como elementos propiciadores de um novo olhar sobre uma educação antirracista.

É importante observar que o trabalho desenvolvido se encontra amparado em alguns marcos curriculares. Inicialmente, na Proposta Curricular de Santa Catarina (2015, p. 57) a

qual apresenta como fundamental que o currículo escolar vislumbre os segmentos sociais:

Assim, podemos afirmar que os sujeitos da diversidade somos todos nós, mas há que destacar os grupos que vivenciaram processos de preconceito e discriminação, principalmente, no percurso formativo. É para aqueles que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/1996) diz ser obrigatório o ensino de seus conteúdos históricos nas escolas, quais sejam, os afro-brasileiros e indígenas; é para aqueles que as diretrizes encaminham formas específicas de ensinar, aprender e de organizar a escola, como é o caso dos indígenas, dos quilombolas, sujeitos do campo, sujeitos da educação especial que têm garantido o seu direito à educação e à acessibilidade por meio de atendimento educacional especializado às suas necessidades específicas; e também para aqueles que se reconstróem em seus direitos, em suas identidades, nos movimentos de direitos humanos, nas relações de gênero e na diversidade sexual.

Assim sendo, esta pesquisa partiu da premissa de que as experiências realizadas para a educação antirracista devessem considerar a Proposta Curricular de Santa Catarina (2015), ao mesmo tempo em que a diversidade dos próprios estudantes. Neste sentido, a construção de cartas, textos, cartazes, e opiniões dos estudantes participantes, foram registrados por este pesquisador ao longo do processo da pesquisa ação-participante, tendo em vista contemplar a diversidade de percepções, de formas de envolvimento, de uso do tempo no processo de aprendizagem.

Axiologia/Ideologia - Ética/estética são conceitos e princípios organizadores da área contemplados no campo de atuação presentes no Caderno do Território Catarinense (2021), aliado à BNCC, cujos conceitos de “Estética enquanto experiência sensível, política, ética nas relações entre subjetividades, identidades, coletividades e diversidades” encontram-se contemplados para referendar esta pesquisa.

Quando as habilidades sugeridas pela BNCC como “Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc.” fazem-se presentes na elaboração das oficinas para a pesquisa-ação participante, isso reflete que houve o compromisso do pesquisador em respeitar as propostas curriculares para o ensino das relações étnico-raciais, uma vez que o planejamento seguiu a ideia de habilidades e competências, e apontou a pesquisa para o patamar de uma aula real, cujas oficinas buscaram traduzir as subjetividades dos estudantes por meio de produções concretas, uma vez que o Caderno de Política de Relações Étnico-Raciais de SC (2018, p. 38) também afirma que “O comprometimento dos componentes curriculares com essa realidade representa um primeiro passo para que se reinterprete, a partir dos valores da negritude, a pintura, a dança, as brincadeiras, as produções literárias, o vocabulário, as manifestações orais, os movimentos corporais e tantas outras realidades que são abordadas na Área das

Linguagens”. Sendo assim, esta pesquisa abordou a temática do racismo e de uma educação antirracista por meio da literatura e música negra brasileira ao sugerir novas interpretações e apontar para a valorização não somente das subjetividades dos estudantes, bem como da negritude dentro das perspectivas das linguagens. A imagem a seguir apresenta os estudantes na elaboração de cartazes.²

Figura 2 - proposta de intertextualidade; cartazes elaborados pelos estudantes; exposição desses cartazes na devolutiva da pesquisa “A carne mais barata do mercado”: estéticas insurgentes para uma educação antirracista



Fonte: Acervo do autor.

O desenvolvimento da pesquisa teve poucos percalços, mais relacionados ao calendário ou demandas da escola que adiaram uma ou outra proposta da pesquisa a ser aplicada, porém o que estava previsto na sequência didática, foi cumprido. Portanto todo esse percurso de ensino-aprendizagem culminou na participação dos estudantes, a partir da

² Nos ANEXOS A, B, C – QUADRO COM AS PROPOSTAS DE INTERTEXTUALIDADE.

assinatura do TCLE³ (termo de consentimento livre e esclarecido). Em momento algum os atores envolvidos na pesquisa em questão recusaram-se a participar das oficinas, debates, questionários e, por fim, da devolutiva.

Todo esse processo de aceitação por parte dos estudantes só foi possível por meio da restituição sistemática, de Fals-Borda (1988), a qual consiste em:

1. Comunicação diferencial: restituição dos materiais históricos adequados e adaptados de acordo com o nível de desenvolvimento político e educacional do grupo; 2. Simplicidade de comunicação: apresentação de resultados em uma linguagem acessível a todos; 3. Autoinvestigação e controle: o pesquisador não deve determinar sozinho o que deve ser investigado, pois há a necessidade de consultar o grupo para ser tomada uma decisão conjunta; 4. Popularização técnica: o pesquisador deve reconhecer a generalidade das técnicas mais simples para torná-las acessíveis aos estudantes.

6.3 OFICINAS: A RECEPTIVIDADE DOS ESTUDANTES AOS ARTISTAS DE GERAÇÕES DIFERENTES

Desafiador é transcrever pensamentos de épocas diferentes advindos de artistas de gerações diferentes a estudantes do século XXI, em que a velocidade da web, das informações são vertiginosas, da mesma forma que são criados ídolos instantâneos em um toque de tela no celular. Nesse sentido, apresentar aos estudantes artistas de gerações diferentes, mas com o discurso afinado contra o racismo não aconteceu de forma imediata. Como relatado anteriormente, este trabalho foi desenvolvido nos dois anos anteriores por meio de pequenos textos de Lima Barreto, Conceição Evaristo, Elza Soares e Racionais MC's. Alguns textos foram revistos na terceira série do Ensino Médio, como “O pecado” (1924), de Lima Barreto; Vozes-mulheres (2017), de Conceição Evaristo. Elza Soares e Racionais MC's tiveram outras canções analisadas nos anos anteriores que mantinham o mesmo teor de abordagem sobre o racismo.

A insurgência por meio das estéticas apresentadas aos estudantes trouxe, sim, manifestações de estranheza por ainda constatarem o fato de viverem em um país cujo discurso harmonioso não confere com as atitudes racistas presentes no cotidiano escolar e na sociedade. Seja na utilização de imagens do século XIX, feitas pelo fotógrafo Marc Ferrez e as pinturas criadas pelo pintor alemão Johann Moritz Rugendas, seja na exibição dos curtas-metragens “Cores e Valores” (2020), “Dúdú e o Lápis Cor da Pele” (2018), nos clipes musicais “Cores e Valores, de Racionais MC's (2014) e “Coragem” (2023) de Elza Soares, bem como

³ ANEXO D - TCLE

nos textos “O pecado” (1924) de Lima Barreto e o poema “Vozes-mulheres” (2017) de Conceição Evaristo, a proposta não deixou de contemplar o que se encontra na Proposta Curricular de Santa Catarina, nos Cadernos do Território Catarinense e BNCC.

Para que as gerações de épocas distintas pudessem soar coesas aos estudantes, este pesquisador, dentro da sequência didática, buscou apresentar conjuntamente autores da literatura – Lima Barreto e Conceição Evaristo –, e autores da música – Elza Soares e Racionais MC’s. Depois, deu-se a aproximação de todos estes autores, aliando as vozes para apontar a relação de proximidade temática que todos expunham em suas obras, ou seja, o racismo e a luta antirracista. Sendo assim, as oficinas foram elaboradas com o intuito de intervenção estética, em que fosse possível a percepção dos estudantes quanto ao cuidado de si foucaultiano, da necropolítica, da racialidade e do mito da democracia racial, no período de 02 de outubro de 2025 até a sua culminância no dia 19 de novembro de 2025. Após as oficinas, ainda houve no mês de dezembro de 2025 a coleta de relatos dos estudantes quanto à participação destes nas oficinas.

No dia 02 de outubro de 2025, oficialmente esta pesquisa teve seu início com a apresentação do projeto “A carne mais barata do mercado”: estéticas insurgentes para uma educação antirracista. Nesse momento, foi relatado aos estudantes quais seriam os objetivos da pesquisa e como dar-se-ia seu desenvolvimento. O próprio título retirado da canção “A carne” (2002), de Elza Soares, já expunha aos partícipes a proposta de construção de uma educação antirracista.

Mesmo havendo pressões externas e subentendidas da sociedade, que ainda insiste em evitar ou acreditar que temas como o racismo está superado, e que pautas dessa natureza tendem a dividir a nação, este pesquisador optou por adotar um tom entre conciliador e denunciador. Nesse mesmo período, entre os meses de outubro e novembro, a SED (Secretaria de Educação de Santa Catarina) sugeriu um projeto para o Dia da Consciência Negra que se limitava apenas a exigir dos professores que elaborassem trabalhos didáticos sobre a história e cultura de países do continente africano, sem, no entanto, propor debates ou questionamentos acerca do racismo. Esse projeto advindo da SED e aprovado pela CRE (Coordenadoria Regional de Educação) - Lages/SC, quase tornou inviável a elaboração desta pesquisa, por, de forma paralela, os estudantes estarem entre a participação da pesquisa em questão e o prazo estipulado para entregar e apresentar os trabalhos exigidos.

Criar um ambiente diferente do trabalho proposto pela CRE – Lages/SC foi de suma importância para que este pesquisador obtivesse a participação de todos os estudantes da turma, quando estes compreenderam que a participação deles não estava atrelada a alguma

avaliação somatória trimestral, mas à disposição de construir com eles uma educação antirracista.

Ficou estabelecido que as oficinas ocorreriam entre às quartas-feiras e quintas-feiras, de acordo com a necessidade do calendário escolar ou com imprevistos, como a aplicação do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) – aplicada a cada dois anos pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas –, justamente em um desses dias.

No dia 09 de outubro de 2025, a proposta da oficina foi o de leituras dirigidas sobre os textos de Lima Barreto – “O pecado” (1924), Conceição Evaristo – “Vozes-mulheres” (2017) e a letra da canção “A carne” (2002), de Elza Soares. A proposta dessa oficina foi a de descortinar o mito da democracia racial, que persiste no Brasil, mesmo em forma de recreação. O racismo apresenta-se em forma de brincadeiras que tendem a corporificar os negros como objetos a serem bestializados pela sociedade, como exemplifica Alessandra Devulski (2023, p. 167):

Forçar o balizamento de corpos negros brasileiros a um corpo dificilmente visto até na Suécia, composto de compleições, de uma tez ou de um modo de se expressar e de portar que não tem absolutamente nenhuma relação com o que vemos nas ruas, becos, bares e esquinas, indica o quanto esse arquétipo branco ideal é profundamente neurótico e inalcançável no Brasil. E isso é um projeto, ou seja, trata-se de uma estratégia para manter negros e negras eternamente convencidos de que não são bons ou belos o bastante para ocupar os espaços que poderiam se não fosse a organização artificialmente posta da sociedade.

Essa percepção foi um dado apontado pelos estudantes quando da troca de experiências com este pesquisador, o quanto os textos de Lima Barreto, Conceição Evaristo e a canção de Elza Soares remetem a um país que aceita a subalternidade da população negra. Dessa forma, os estudantes elaboraram textos curtos para mais tarde inseri-los em outra oficina, até alcançar a devolutiva da pesquisa em questão.

A recepção do dia 15 de outubro dos estudantes para a oficina que trazia em seu bojo canções de Elza Soares “Coragem” (2023) e Racionais Mc’s “Negro drama” (2002), a qual propunha uma reflexão acerca do racismo e suas consequências da objetificação e abjeção de corpos negros. A cultura ainda tem sido uma forma de resistência do povo negro e, por meio desta, é que os estudantes puderam compreender o quanto o racismo persiste no país e o quanto essas estéticas sinalizam insurgências que revelam as subjetividades de artistas negros, como define Devulsky (2023, p. 69):

Gerações de negros e negras morreram com seus “dons verdadeiros abafados dentro de si”, e revendo as atuações brilhantes de Ruth de Souza e Chica Xavier, ouvindo Milton Nascimento e Elza Soares, é possível dar dimensão ao tamanho da perda humana que esses processos causaram em todo mundo. É preciso uma dose extra de coragem e ousadia para enfrentar as múltiplas engrenagens do racismo para se fazer como criador de cultura.

Por conseguinte, a cultura exerce nos estudantes o poder de debater as consequências que o racismo imprime na população negra, bem como sugere novos olhares sobre o cuidado de si, ao observar que implica uma relação de cuidado empático com o outro. Isso motivou os estudantes a reinterpretar os textos apresentados a eles para serem utilizados nas demais oficinas. Isto pode-se perceber no seguinte relato de um dos estudantes após a devolutiva em que afirma: “Sempre tive noção da importância, mas agora vejo a necessidade de acontecer. A educação antirracista é algo que devia estar nas escolas para ontem”. Ou ainda no relato de outro estudante: “Passei a prestar mais atenção no aspecto das nossas atitudes que por mais que pareçam coisas bobas, na verdade, impacta bastante”.

A quarta oficina ocorreu no dia 22 de outubro. Nessa oficina, a proposta deste pesquisador aos estudantes detinha-se, a princípio, em quatro elementos principais: a) na leitura da obra “Clara dos Anjos”, que segundo Neto (1997, p. 10), “fica patente sua profunda ligação com os miseráveis, com os excluídos da vida, com aqueles que são massacrados por uma sociedade elitista, racista, preconceituosa e medíocre”; b) o poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, cuja temática revela o racismo estrutural que atinge a família do eu lírico até a quarta geração; c) imagens: fotografias de Marc Ferrez e pinturas de Johann Moritz Rugendas. A proposta apresentada era a leitura dos textos e, posteriormente, a verbalização como troca de impressões, demonstrando a intertextualidade entre texto e imagem, identificada pelos estudantes. Os estudantes apresentaram suas impressões sobre a leitura do conto, poema e das canções, aliados às imagens (fotografias e pinturas) de Marc Ferrez e Johann Moritz Rugendas, como é possível ver nas imagens nos anexos⁴.

⁴ ANEXOS E, F – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARITICIPANTE.

Figura 3 - Estudantes confeccionando cartazes a serem utilizados na devolutiva desta pesquisa



Fonte: Acervo do autor.

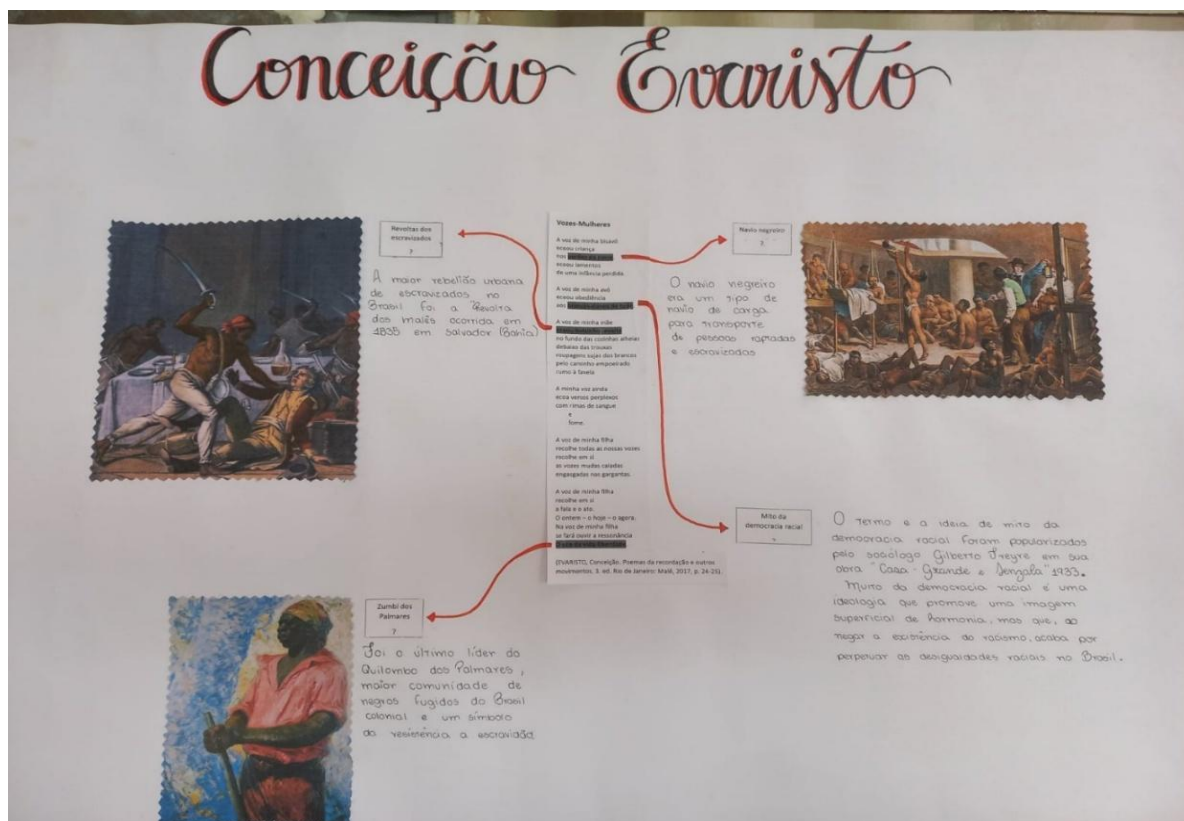
Em seguida, foram elaborados cartazes. Esses cartazes não se tratavam apenas de colagens de textos e imagens, mas de apresentar uma intervenção estética referente à intertextualidade, pois aliar imagens (pinturas, fotografias, gráficos e/ou notícias sobre racismo – estes dois últimos recursos foram pesquisados pelos estudantes) e textos revelou as subjetividades de cada estudante, resultado fundamentado de uma pesquisa que iniciara antes de sê-la na primeira e segunda séries do Ensino Médio, e que codificados os signos, traduziram elementos de uma educação antirracista pelas mãos dos jovens envolvidos e a intencionalidade de compreender o mundo que os cerca. Os cartazes não foram somente um material construído pelos estudantes, mas uma forma de tensionar novos olhares de jovens que observam conceitos outros e os remetem com um olhar de um sujeito que entende as identidades étnico-raciais e questiona o racismo presente no cotidiano escolar.

Os cartazes foram guardados para serem utilizados posteriormente na devolutiva da pesquisa em questão, uma vez que ainda haveria mais oficinas, de acordo com o calendário exposto anteriormente. As oficinas, embora tivessem técnicas diferentes para que os estudantes compreendessem que estavam participando de um processo para uma educação

antirracista, seriam interligadas na última oficina que objetivava a devolutiva desta pesquisa.

A seguir, imagem de um cartaz criado pelos estudantes a partir dessas estéticas insurgentes:

Figura 4 - A intertextualidade aliada ao conceito de restituição sistemática de Fals-Borda



Fonte: Acervo do autor.

Esse cartaz reflete como os estudantes buscaram tensionar a intertextualidade por meio de imagens que expusessem os séculos de escravidão, mas também de luta do povo negro. O poema “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo carrega em si essa reflexão quando a autora retrata em suas escritas a dor de seus antepassados, a voz do eu lírico que intenta contra um sistema escravocrata, e a da sua filha, que se afirma como uma voz que combate o racismo por intermédio de outras vozes advindas de seus ancestrais.

Desta forma, os estudantes compreenderam que o poema apresentado pelo pesquisador necessitava de imagens e textos que apontassem concisamente um levante contra o racismo, bem como essa forma de preconceito continua enraizada na sociedade brasileira. Por isso vê-se no cartaz Zumbi dos Palmares, o porão de um navio negreiro, negros escravizados em revolta e, ainda, uma informação pesquisada pelos estudantes sobre como o termo “mito da democracia racial” surgiu. Para os estudantes, havia no poema “Vozes-mulheres” uma ligação

histórica que deveria ser explorada por meios de imagens e textos, os quais foram pesquisados por estes compreenderem que o povo negro sofreu/sofre pela herança de uma colonização de quase 400 anos, subalternizando seus ancestrais, outrora considerados mercadorias, corpos objetificados.

Conceição Evaristo, em suas escritas, despertou nos estudantes a pesquisa de imagens e informações que fortalecessem a história e a luta do povo negro. A proposta do cartaz, que vislumbasse a intertextualidade apresentada pelo pesquisador, fez com que os estudantes ressignificassem o poema “Vozes-mulheres” a partir de um trabalho de pesquisa que aliou formas outras de expressão além da palavra escrita.

Portanto, os estudantes, por meio das estéticas insurgentes, transcreveram as escritas do poema de Conceição Evaristo pela intertextualidade ao apontar conceitos de Mbembe, Fernandes e Carneiro, quando apresentam as raízes históricas do racismo no cartaz em questão.

Em escola pública pode acontecer imprevistos, ou seja, palestras que não estavam agendadas por um longo período, o que ocasionou no dia 29 de outubro em uma oficina mais curta do que já estava exposto na sequência didática pensada por este pesquisador. A solução foi dividir em duas oficinas para que os estudantes pudessem assistir aos documentários e clipes musicais cujas abordagens das produções audiovisuais estavam relacionadas ao racismo no Brasil. Nesse dia houve a exibição do curta-metragem “Cores e valores” (2020), dirigido e roteirizado por Marcos Leal, cuja sinopse é a de Sandro, um adolescente que tem duas simples tarefas: comprar uma camisa e retirar em uma ótica os óculos que sua mãe comprou. No entanto, por ser negro, sofre racismo em ambos os ambientes. E também do clipe de Racionais MC’s, de mesmo título do curta-metragem. A canção “Cores e nomes” foi lançada no ano de 2014, e revela o valor que o negro precisa ter em meio à realidade de uma sociedade racista nos seguintes versos:

Nuvens e Ovelhas negras desde sempre /acompanham-me/Na fase negra vem era
nós também sim/Na linha pontilhada vou indo indo indo/Na terra cujo herói matou
um milhão de índios/Pelas marginais os pretos agem como reis/Gostar de nós tanto
faz tanto fez/Me degradar pra agradar vocês? Nunca.

Essa canção aponta não só para o racismo, mas também para a valorização da negritude, o que de fato representa a educação antirracista, o cuidado de si e a parresia. Quando Mano Brown recita versos, sua performance e seus gestos, sua voz grave e suas palavras, demonstram uma espécie de coragem cínica, que procura apontar para as contradições

inerentes ao mundo civilizado dos *playboys*, erigido pelo colonialismo e pela morte de mais de “um milhão de índios”.

As oficinas até o momento estavam despertando o interesse dos participantes em criar algo que chamasse a atenção de outros colegas estudantes e também de professores, coordenação e gestão. Para fundamentar as ideias que os estudantes apresentavam verbalmente e para reforçar a proposta de uma educação antirracista, no dia 05 de novembro foram exibidos o curta-metragem “Dúdú e o lápis cor da pele” (2018), dirigido por Miguel Rodrigues – o enredo gira em torno de Dúdú, menino negro que entra em crise quando tenta entender qual seria o lápis cor da pele –, além do clipe “Coragem” (2023), de Elza Soares – canção retirada do disco póstumo intitulado “No tempo da intolerância” e que revela uma Elza Soares não só intérprete, mas também letrista. A letra, em seu refrão, incentiva a luta antirracista aos negros brasileiros: “Se você é preto/Não se iluda, meu bem/Entre eles e nós/A lei protege quem?//Se você é preto/Coragem, meu bem/Porque o medo da morte/Leva a vida também” (Elza Soares / Jefferson Junior / Pedro Loureiro / Umberto Tavares).

Após a exibição do documentário e do clipe, este pesquisador propôs um acordo para a criação de uma intervenção estética, o que foi bem recebido pelos estudantes. Da mesma forma que a exibição dos audiovisuais da oficina anterior refletiu na proposição de uma exposição sobre os trabalhos produzidos pelos estudantes, este pesquisador acatou a ideia dos estudantes que a exposição deveria ser em forma de mostra contra o racismo e em favor de uma educação antirracista no dia 19 de novembro, em alusão ao Dia da Consciência Negra no dia seguinte. Para os estudantes, esse método revelaria que os trabalhos produzidos por eles, embora estivesse exposto na semana em que seria o Dia da Consciência Negra, não eram pontuais, dado que esta forma de compreender a luta e a educação antirracista já vinha sendo trilhada ao longo dos dois anos anteriores por este pesquisador juntamente aos estudantes.

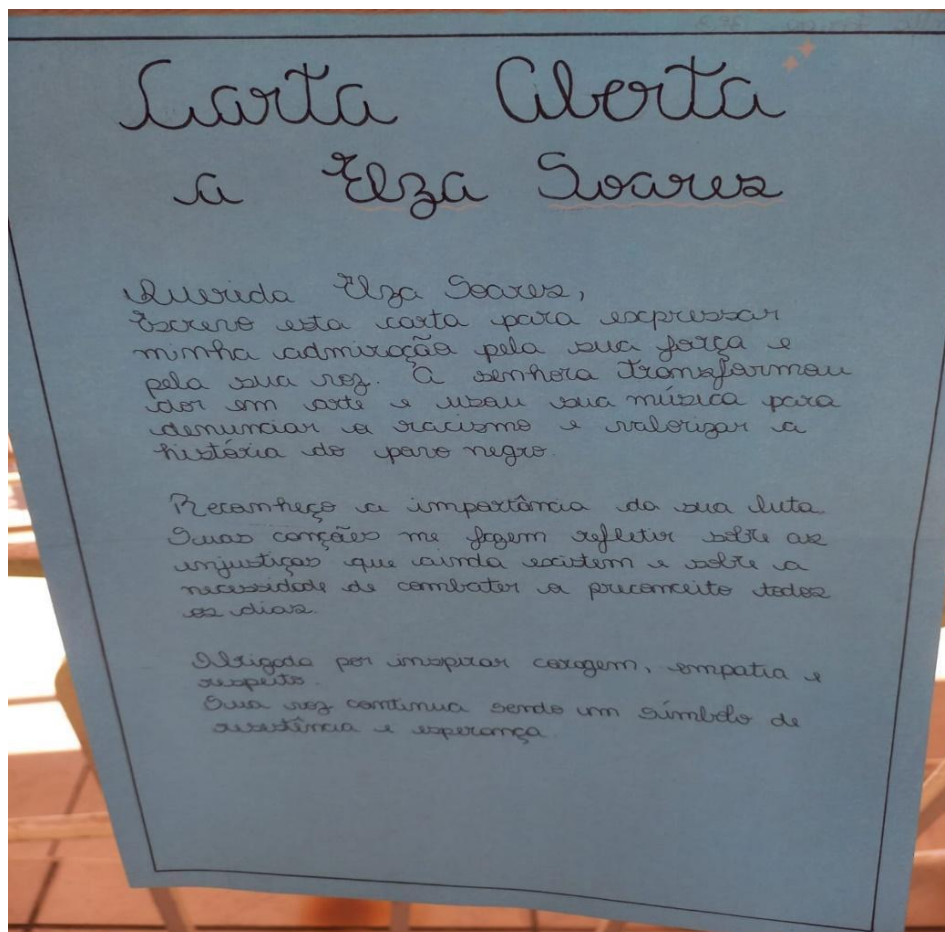
A última oficina desta pesquisa foi ministrada no dia 12 de novembro, uma quarta-feira, uma semana antes para a devolutiva da pesquisa a ser realizada, conforme acordo entre este pesquisador e os estudantes. Nessa oficina, a sugestão foi a criação de cartas (que os estudantes estavam habituados a escrever nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura) que fossem remetidas a um dos quatro artistas, na qual os participantes relatariam a importância destes para a construção de uma educação antirracista e para a vida de cada um.

O percurso da pesquisa em questão, a partir das cartas criadas pelos estudantes, buscou demonstrar aos partícipes a importância do cuidado de si, de estarem atentos à necropolítica e aos seus tentáculos, ora sutis, ora objetivos e objetificadores, como a incidência sobre os corpos negros por meio da violência física e dos discursos de ódio. Esse é um exercício das

suas subjetividades, uma forma de compreender a sociedade da qual eles estão inseridos, pois, para Foucault (2014, p. 9), o verdadeiro “cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira [...]”.

Portanto, quando os estudantes elaboraram cartas aos artistas negros/as apresentados a eles a partir da música, da literatura, ou mesmo no audiovisual, na fotografia e na pintura, houve a ressignificação de sentidos e experiências para o enfrentamento ao racismo e para novos rumos para uma educação antirracista. As cartas são o reflexo de um trabalho desenvolvido desde a primeira série do Ensino Médio até a sua conclusão no último estágio da educação básica, como é possível atestar pela reprodução de algumas cartas escritas pelos estudantes, bem como na imagem desta, a seguir:

Figura 5 - Carta aberta endereçada à cantora Elza Soares



Fonte: Acervo do autor.

Carta 1: Carta aberta a Elza Soares

Querida Elza Soares, escrevo esta carta para expressar minha admiração pela sua força e pela sua voz. A senhora transformou dor em arte e usou sua música para denunciar o racismo e valorizar a história do povo negro.

Reconheço a importância da sua luta. Suas canções me fazem refletir sobre as injustiças que ainda existem e sobre a necessidade de combater o preconceito todos os dias.

Obrigada por inspirar coragem, empatia e respeito.

Sua voz continua sendo um símbolo de resistência e esperança.

Carta 2: Carta aberta

Elza, tua voz virou força e coragem, transformou dor em mensagem. Cantaste a luta e a negritude, mostrando ao mundo nossa atitude.

Tua arte é resistência e amor, grito firme contra a dor. Obrigada por dar voz à verdade e cantar contra o racismo com liberdade.

Carta 3: Carta aberta Elza Soares

Querida Elza, sua voz continua viva, forte e necessária. Você transformou dor em resistência e fez do racismo uma pauta que ninguém mais pode ignorar.

Em cada canção, você denunciou o preconceito, deu força a quem era calado e mostrou que ser negra é motivo de orgulho, não de vergonha. Sua coragem abriu caminhos e inspirou gerações a lutar por igualdade e respeito.

Elza, obrigada por nunca se calar. Sua arte segue gritando por justiça e seguimos ecoando sua voz.

Com admiração, estudante...

Carta 4:

Querido Lima Barreto, li seu conto “O Pecado” e fiquei impressionado com a forma como o senhor denuncia o racismo de um jeito tão sutil e ao mesmo tempo forte, o final é como um soco. Ver um homem justo ser rejeitado no céu apenas por ser negro mostra o quanto o preconceito é cruel, até quando se disfarça de moral.

Você faz a gente perceber que o verdadeiro pecado não é do ser, mas sim da sociedade, que continua julgando sem enxergar o valor humano. Acho incrível como um conto tão curto pode dizer tanto.

Com muita admiração, estudante...

Carta 5: Para: Os Racionais MC's

Bom, quero começar essa carta aberta reconhecendo a dor e a luta que vocês enfrentam diariamente. O racismo é uma ferida que afeta não apenas a vida de vocês, mas toda a sociedade. É uma questão que ultrapassa barreiras e toca em pontos sensíveis da nossa humanidade.

Entendo que a raiva e a indignação são respostas naturais às injustiças que vocês enfrentam. A luta por igualdade e respeito é um direito que deveria ser garantido a todos, independentemente da cor da pele. Porém, sabemos que a realidade é bem diferente.

Eu acredito que a educação e o diálogo são ferramentas importantes para combater o racismo. Temos que nos esforçar para vermos a perspectiva do outro, precisamos abordar ambos os lados para criar um mundo mais justo.

A luta contra o racismo é de todos nós, e juntos podemos fazer uma diferença.

Com respeito e compreensão.

Carta 6: 400 anos depois

Eu quero mandar um salve para Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay porque o que vocês criaram atravessa o tempo e continua atual. O grupo Racionais MC's é uma escola de consciência e uma verdade das ruas. “Voz ativa” mostrou que pensar é resistir. Em “Negro drama” mostrou que ser preto no Brasil é viver sob o peso da história.

Vocês deram nome pra revolta que muitas pessoas guardaram dentro de si. Ensinararam que ser preto, pobre e periférico não é um sinal de fraqueza, mas sim de resistência. Que o rap é mais que rima: é verdade, denúncia e indignação.

Mais de trinta anos se passaram desde seu primeiro disco, e ainda sim, o Brasil ainda sangra, pois o racismo continuou, a desigualdade aumentou, mas a voz de vocês continua sendo abrigo, guia e coragem.

Suas letras são mais que músicas, são o retrato vivo da história da dor do povo preto

e periférico.

Isso é só um agradecimento por transformar a favela e a periferia em poesia, a dor das pessoas em palavras e a palavra em liberdade.

Com respeito e gratidão, de um jovem periférico, que cresceu ouvindo suas músicas e aprendeu a lutar contra o sistema e jamais abaixar a cabeça pra povo da Elite.

Carta 7: Carta aberta para Racionais MC's

Queridos Racionais MC's:

Escrevo esta carta aberta como forma de respeito e gratidão. Vocês sempre foram mais do que um grupo de rap, foram e ainda são voz, resistência, e consciência em um país que insiste em esconder o racismo atrás de sorrisos e falsas igualdades.

Ser negro ainda é um sinônimo de luta diária.

Mas a música de vocês transformou dor em força. Com letras como "Negro drama", "Vida loka" e "Da ponte pra cá" vocês ensinaram que consciência é poder e que cada jovem preto pode e deve se orgulhar de sua história. Vocês deram nome e voz a quem o sistema queria calar.

Hoje mais do que nunca precisamos manter essa luta viva. O racismo ainda mata, exclui e silencia. Que cada palavra, cada batida e cada gesto de resistência continue ecoando, abrindo caminhos para uma geração que não aceita ser mais invisível.

Obrigada por transformarem dor em arte e arte em consciência. Enquanto houver desigualdade, o som dos Racionais continuará sendo resistência.

Com respeito e admiração.

As cartas produzidas pelos estudantes tiveram como destinatários os autores explorados nesta pesquisa, não somente como meio de apontar a episteme foucaultiana, mas também compreender a identificação da turma com a temática. Dentro dessa corporeidade dos estudantes, o que se pôde inferir é como a relação étnico-racial desenvolveu neles uma identificação com os autores abordados, pois a maioria trouxe em seus relatos nas trocas de experiências com este pesquisador o fato de haver algum antepassado negro, enquanto outros afirmaram pertencer a alguma religião de matriz africana. Sendo assim, as cartas passam a ser registros de sujeitos que desenvolveram o exercício identitário com as questões étnico-raciais a partir da produção textual.

Neste sentido, as cartas 1,2 e 3 revelam o processo de formação de si e o exercício de liberdade. Quando o autor da carta 3 descreve que "Sua coragem abriu caminhos e inspirou gerações a lutar por igualdade e respeito. Elza, obrigada por nunca se calar. Sua arte segue gritando por justiça e seguimos ecoando sua voz.", aponta que o sujeito compreendido é transformável, modificável [...] "é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através dos exercícios, das práticas, das técnicas, etc." (Gros, 2007, p. 128). Esse apontamento também está presente no trecho da carta 2, quando o autor afirma que "Cantaste a luta e a negritude, mostrando ao mundo nossa atitude". De forma foucaultiana, as cartas 1, 2 e 3 traduzem os signos do cuidado de si quando os autores se retiram de si mesmos para projetar os discursos presentes não só nas canções de Elza Soares, mas também nas suas atitudes antirracistas materializadas nas suas impressões como uma intensificação da

presença de si para com o outro.

Dentro das possibilidades dos quatro artistas negros que os estudantes poderiam destinar suas cartas, Lima Barreto teve apenas uma endereçada a ele, cuja transcrição revela que o autor da carta 4 uma surpresa e, ao mesmo tempo, em seu posicionamento sobre o conto “O pecado” – “Acho incrível como um conto tão curto pode dizer tanto”. A carta 4 expõe um estudante que percebe o quanto a racialidade permanece como define (Carneiro, 2023) que a racialidade foi constituída em desfavor dos negros e não dos brancos, constituindo-a como um domínio. O autor da carta 4, compreende que Lima Barreto apresenta os elementos de uma racialidade negra não como uma exceção no Brasil, mas como uma regra ao descrever o final do conto “como um soco”.

Caso já esperado por este pesquisador deu-se no número de cartas em maior quantidade endereçadas aos Racionais MC’s, pelo fato de a música do grupo falar diretamente uma linguagem sem preciosismos e por relatar a realidade do povo pobre, preto, de periferia. Os estudantes partícipes da pesquisa-ação já haviam demonstrado interesse na obra do grupo Racionais MC’s nas primeira e segunda séries do Ensino Médio quando este pesquisador apresentara a eles o livro “Sobrevivendo no Inferno” (2018), oriundo do disco de mesmo título lançado no ano de 1997. Esse início do que viria a tornar-se esta pesquisa deu-se com a leitura dos versos da canção “Capítulo 4, versículo 3”:

... Minha intenção é ruim, esvazia o lugar
 Eu tô em cima, eu tô a fim, um, dois pra atirar
 Eu sou bem pior do que você tá vendo
 Preto aqui não tem dó, é 100% veneno
 ... A primeira faz bum, a segunda faz tá
 Eu tenho uma missão e não vou parar
 Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
 Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição
 ... Na queda ou na ascensão minha atitude vai além
 E tenho disposição pro mal e pro bem
 Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico
 Juiz ou réu, um bandido do céu
 ... Malandro ou otário, padre sanguinário
 Franco atirador, se for necessário
 Revolucionário, insano ou marginal
 Antigo e moderno, imortal
 ... Fronteira do Céu com o Inferno
 Astral imprevisível, como um ataque cardíaco no verso
 Violentamente pacífico, verídico
 Vim pra sabotar seu raciocínio
 ... Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo
 Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro louco
 Número um guia terrorista da periferia
 Uni-duni-tê o que eu tenho pra você
 ... Um Rap venenoso ou uma rajada de PT
 E a profecia se fez como previsto

1997, depois de Cristo
 A fúria negra ressuscita outra vez
 Racionais, capítulo 4, versículo 3 (Mano Brown, 1997)

Essa canção surgiu, a princípio, como uma forma de apresentar aos estudantes que a poesia não precisa conter palavras rebuscadas, mas a força do ritmo e do discurso capaz de envolver e dar um novo sentido à literatura. Mais tarde, houve a necessidade de retomar a canção sob o prisma de denúncia ao racismo. O grupo Racionais MC's declaram ao longo da canção qual é a sua intenção: combater o racismo. A partir desse pressuposto, a maioria dos estudantes perceberam que poesia e discurso estão associados à linguagem jovem, da qual eles utilizam para comunicar-se, bem como à vivência de muitos deles, por pertencerem à periferia.

Desta forma, as cartas 5, 6 e 7 apontam autores oriundos de periferia que sentem *in loco* o racismo, o preconceito, a fúria e o despreparo policial para o povo pobre dessas comunidades.

Na carta 5, o autor reconhece o valor de uma educação antirracista, ao escrever que “Eu acredito que a educação e o diálogo são ferramentas importantes para combater o racismo. Temos que nos esforçar para vermos a perspectiva do outro, precisamos abordar ambos os lados para criar um mundo mais justo”. O estudante reconhece que as estruturas da sociedade precisam ser rompidas para que esta seja mais justa.

Quando o autor da carta 6 escreve que “‘Voz ativa’ mostrou que pensar é resistir. Em ‘Negro drama’ mostrou que ser preto no Brasil é viver sob o peso da história”, coaduna com Carneiro (2023) ao refletir sobre como o epistemicídio estreita laços com o dispositivo de racialidade, sem, no entanto, também apontar o cuidado de si (Foucault, 2006), refletida como uma maneira de integrar-se em um tecido social que constitui um motor de ação política – esses elementos fazem-se presentes na carta 6, intitulada “400 anos”, em que o estudante se autodeclara “um jovem periférico, que cresceu ouvindo suas músicas e aprendeu a lutar contra o sistema e jamais abaixar a cabeça pra povo da Elite”.

O mito da democracia racial (Fernandes, 1989) continua a retardar as mudanças estruturais de um Estado que mata negros/as, como aponta a carta 7 no trecho, cuja argumentação confirma isso ao ratificar que “O racismo no Brasil é uma ferida que não cicatriza, porque muitos fingem que ela não existe. Está nas escolas, nas empresas, nas ruas e até nas mentes. A cor da pele ainda define oportunidades, olhares e julgamentos”.

O conjunto das cartas 5, 6 e 7 apresentam que uma educação antirracista precisa ser atuante nas escolas, não como um elemento à parte, pontual, mas de forma efetiva, pois ações esporádicas podem não surtir o efeito esperado sobre a cultura e história africana contemplada

na Lei nº 10.639/03.

Das 31 cartas escritas pelos estudantes, não houve nenhuma destinada à Conceição Evaristo, embora estes tivessem estudado sobre a autora e sobre seu método de escrevivência durante a pesquisa ação-participante. Mesmo assim, a autora esteve presente nas cartas de forma subentendida, uma vez que as escrevivências dos autores estão presentes na produção textual ao valorizar suas subjetividades, suas experiências advindas das oficinas propostas por este pesquisador.

Por fim, toda a produção dos estudantes foi reunida para uma intervenção estética articulada por eles e por este pesquisador, paralelamente ao projeto sobre o continente Africano em curso na escola. A coleta das cartas transcritas nesta pesquisa traça um cenário de estudantes que desenvolveram suas intervenções estéticas por meio das oficinas, as quais propuseram a intertextualidade diante de textos literários, canções, imagens e pinturas, como consta nos anexos⁵.

6.4 QUATRO VOZES DISTINTAS PARA UM MESMO PROPÓSITO: UMA INTERVENÇÃO ESTÉTICA

Uma manhã quente de novembro, precisamente o dia 19, foi escolhido para a devolutiva da pesquisa “A carne mais barata do mercado”: estéticas insurgentes para uma educação antirracista, justamente no dia em que a equipe gestora da escola também organizou para a exposição dos trabalhos do projeto sobre o continente Africano, ao desenvolver uma pesquisa paralela à proposta do projeto enviado pela CRE – Lages/SC, sob ordens da SED, por revelar as subjetividades dos estudantes envolvidos na pesquisa em questão, por denunciar o racismo estrutural no país e o preconceito letal que objetifica corpos negros dentro de uma necropolítica disfarçada de democracia racial. Entretanto, houve a possibilidade de aproveitar algumas situações do projeto proposto pela CRE – Lages/SC, como forma de valorizar a cultura negra apontada na pesquisa-ação participante.

Seria presunçoso por parte deste pesquisador afirmar que os jovens estudantes mudaram a forma de ater-se ao racismo e a uma educação antirracista, mas é possível constatar que as estéticas insurgentes das quais eles tiveram contato provocaram reações as quais os participantes não esperavam sentir, por acreditarem tratar-se de mais um projeto didático. Entretanto, pôde-se ouvir em vários momentos nas oficinas comentários de indignação dos

⁵ ANEXOS H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE

estudantes sobre atitudes racistas das quais eles presenciaram ou ouviram/assistiram através dos meios de comunicação, bem como nas próprias oficinas: os textos, as imagens, os audiovisuais.

A pesquisa em questão buscou aliar as vozes de Lima Barreto, Conceição Evaristo, Elza Soares e Racionais MC's a Achille Mbembe, Sueli Carneiro, Florestan Fernandes e Michel Foucault, dentro de uma episteme que ecoasse a valorização da cultura negra brasileira e das próprias subjetividades dos estudantes nesse processo de cuidado de si ao cuidado do outro, um olhar de fora para dentro, como premissa de “redescobrimento” de si por meio de experiências estéticas e de escrivência. Outros autores participaram sutilmente, mas deixaram suas impressões, como pode ser constatado nas imagens da devolutiva ocorrida no dia 19 de novembro de 2025.

Esta pesquisa teve um percurso longo até chegar a sua conclusão, pois foi iniciada de forma espontânea em 2023, sem a intenção de configurar-se em uma pesquisa de mestrado em Educação, mas à medida que os estudantes foram amadurecendo com a exposição de suas subjetividades, também foi amadurecendo a proposta de que seria possível torná-la em material para o ensino-aprendizagem desses jovens, uma forma de compreender a noção de “que só pode haver sujeito mediante a relação com a verdade e nesse sentido, a subjetividade consiste nas transformações e constituição dessa relação” (Meireles, 2020, p. 19). Isso é o que se pode avaliar tanto na devolutiva da pesquisa em questão, quanto após o término das oficinas, quando este pesquisador solicitou que os estudantes, dentre 31 que compunham a turma, escrevessem suas impressões sobre o projeto. Na sequência, imagem da devolutiva com a presença deste pesquisador:

Figura 6 - Uma parte da devolutiva da pesquisa realizada pelos estudantes com o pesquisador



Fonte: Acervo do autor.

O resultado apontou para estudantes preocupados com o racismo presente no cotidiano escolar. O cuidado de si foucaultiano transpareceu nos cartazes, cartas e na elaboração da exposição da intervenção estética no dia 19 de novembro de 2025. Essa intervenção estética planejada durante as oficinas pelos estudantes e por este pesquisador teve como intuito, por meio do material produzido pelos estudantes, chamar a atenção para um tema que acaba por ser normalizado nos trabalhos escolares, cujo objetivo dos estudantes está relacionado somente à obtenção de uma nota no seu boletim. Neste caso, da devolutiva, a intenção dos estudantes não estava atrelada à nota a ser recebida pela disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, uma vez que, para eles, havia o compromisso de entregar à comunidade escolar a produção que estes organizaram durante as oficinas propostas pelo pesquisador. O que se pode inferir dos sujeitos envolvidos na pesquisa foi a determinação de apontar que o racismo persiste na sociedade brasileira de forma brutal, seja pelas políticas de Estado, seja pela truculência da polícia.

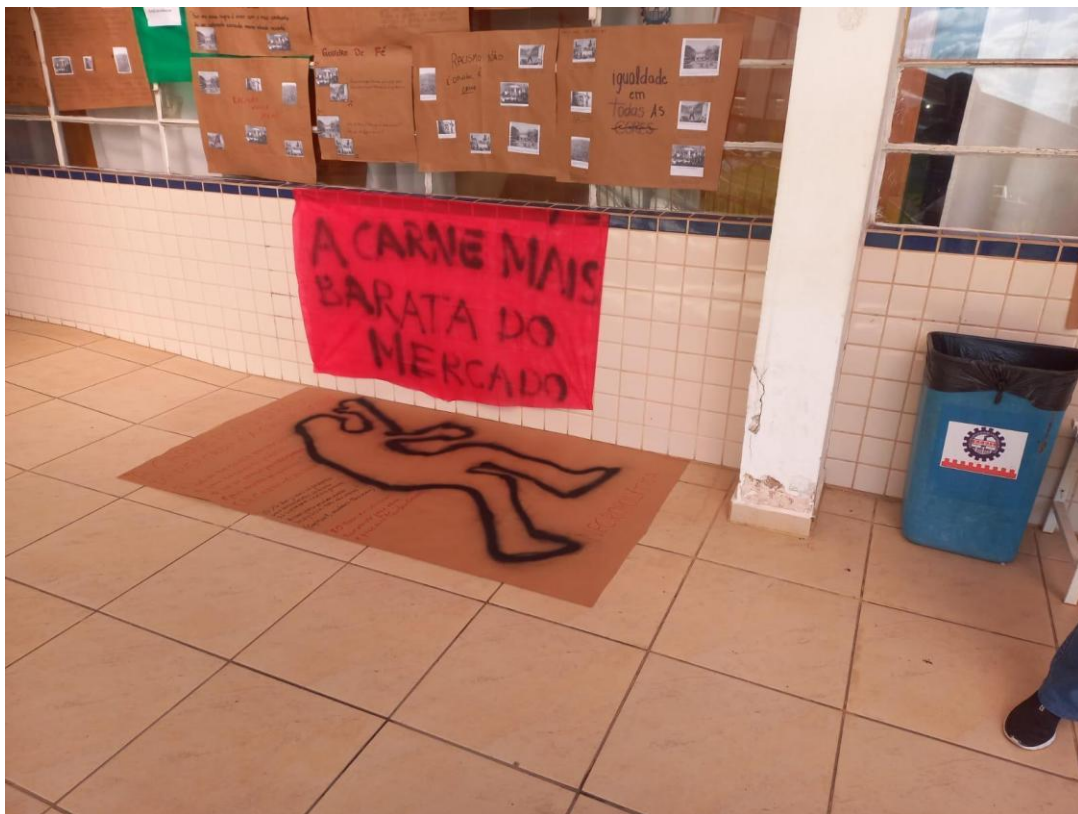
Uma das produções dos estudantes, além dos cartazes, cartas, que chamou a atenção dos espectadores foi o desenho da silhueta de uma pessoa morta, como forma de apontar a violência do Estado, ao qual os estudantes decidiram que versos das canções “A carne”,

interpretada por Elza Soares, “Capítulo 4, versículo 3”, de Racionais, e “Ismália”, de Emicida, deveriam estar ao lado da silhueta para apontar o alterocídio de corpos negros.

A canção intitulada “A carne”, cuja interpretação de Elza Soares conseguiu intensificar versos como “A carne mais barata do mercado é a carne negra/Que vai de graça pro presídio/E para debaixo do plástico/Que vai de graça pro subemprego/E pros hospitais psiquiátricos”, e a canção “Capítulo 4, versículo 3”, ambas têm uma relação com a necropolítica de Mbembe, pois que operam

com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo” (2016, p. 128).

Figura 7 - Intervenção estética produzida pelos estudantes para a devolutiva da pesquisa



Fonte: Acervo do autor.

Figura 8 - Intervenção estética representada pela intertextualidade entre música, literatura, imagens contra o racismo



Fonte: Acervo do autor.

A exposição das cartas deu-se em um varal literário, enquanto os cartazes tomaram todas as janelas do lado externo da biblioteca que se encaminha para a sala dos professores e o hall do auditório, de forma estratégica, pois assim atrairia a atenção de quem passava, provocando a observação da intervenção estética, o que, de fato, ocorreu, causando comentários positivos, no que tange ao tema desta pesquisa.

Passados três semanas após a devolutiva, o ciclo desta pesquisa não pôde ser considerado encerrado, pois havia a necessidade de compreender o quanto os quatro artistas negros/as, em suas estéticas insurgentes, geraram impacto nos estudantes. Então, no dia 10 de dezembro, já próximo do encerramento do ano letivo, este pesquisador preparou um questionário contendo apenas três perguntas, as quais deveriam ser entregues de forma manuscrita e somente por aqueles que se interessassem em respondê-lo. A adesão foi de totalidade, pois os 31 estudantes responderam o questionário em forma de relato sobre a experiência durante esta pesquisa. As perguntas para a criação do relato eram: 1. Como foi sua experiência como participante da pesquisa? 2. Como você vê a educação antirracista após a pesquisa? 3. Você acrescentaria outros elementos à pesquisa? Quais?

A seguir as transcrições de alguns desses relatos:

Relato 1: Foi muito legal, tive novas visões. Foi bem útil, mas depende da vontade de cada aluno. Sim, mais palestras.

Relato 2: Foi uma experiência muito boa, trabalhos práticos bem elaborados. O projeto mostra que a educação antirracista deve valorizar as estéticas e histórias negras, enfrentam a desumanização do corpo negro e combater o racismo estrutural. Não acrescentaria nada.

Relato 3: Foi uma experiência boa. Vejo como um projeto muito importante para conscientizar os alunos. Acrescentaria ainda mais artistas e escritores negros.

Relato 4: Gostei muito, achei muito interessante a ideia do projeto e de como foi produzido. Muito necessária. Acrescentaria passeios em lugares estratégicos ao tema, com muita história e com entrevistas ao público.

Relato 5: Foi uma experiência muito boa, com bastante atividades diferentes. O projeto mostra a educação antirracista deve valorizar as estéticas e as histórias negras, enfrentar a desumanização do corpo negro e combater o racismo. Não acrescentaria nenhum elemento.

Relato 6: Foi boa, gostei muito do que foi passado. Sempre tive noção da importância, mas agora vejo a necessidade de acontecer. A educação antirracista é algo que devia estar nas escolas para ontem. Sim. A amostragem da arte/cultura negra que não fala apenas sobre o racismo.

Relato 7: Foi uma experiência muito boa, diferente das aulas normais e deu pra aprender coisas novas. Passei a prestar mais atenção no impacto das nossas atitudes que por mais que pareçam coisas bobas na verdade impacta bastante. Acho que acrescentaria uma visita em algum lugar que tenha relação com o tema.

Relato 8: Participar deste projeto foi uma experiência diferente e importante. Ele mostrou que dá pra falar de educação antirracista de um jeito simples, usando coisas do dia a dia. Aprendi a olhar o mercado, a cultura e a estética de outra forma, percebendo como o racismo está presente em coisas que às vezes a gente nem nota. O projeto fez eu refletir mais e ampliar minha visão sobre o respeito e diversidade. Foi uma experiência que valeu a pena.

Relato 9: Participar desse projeto foi uma experiência forte e enriquecedora. Durante o projeto, pude refletir sobre como o racismo estrutural se manifesta em diferentes aspectos da nossa sociedade, na cultura e educação. A atividade em fez ver melhor a importância da educação antirracista e de ter atitudes conscientes do dia a dia para que tenhamos igualdade e respeito às diferenças.

Relato 10: Ao longo do tempo em que tivemos este projeto, conseguimos perceber que vivemos em um país extremamente racista, é algo que não se deve aceitar e recusar de todas as formas. Minha experiência foi boa, pois consegui refletir sobre este assunto de forma profunda, e de como ainda nos dias de hoje é extremamente perceptível, não apenas no Brasil, mas no mundo em si. Os vídeos que o professor nos passou foram emocionantes, e conseguimos perceber o quão este país ficar para trás neste quesito. O sentimento de revolta é imenso, de uma dor amarga.

Os relatos produzidos pelos estudantes demonstram que esta pesquisa, observada por eles como projeto, conseguiu provocar reflexões quanto ao racismo e à educação antirracista. Alguns partícipes sugeriram novos elementos a serem adotados por este pesquisador, como também críticas para outras mudanças e/ou acréscimo de outros métodos de ensino, sendo de grande valia para compreender que pesquisas dessa natureza devem ter continuidade na

escola.

Portanto esta pesquisa atingiu o objetivo de provocar reflexões sobre o racismo e a efetividade de uma educação antirracista na escola, evidenciando que o projeto nesse sentido não deve somente constar no planejamento de ensino, mas torná-lo presente, assegurando o que prevê a Lei nº 10.639/03. A educação antirracista aponta novos horizontes na luta por direitos, respeito e empatia, amplia possibilidades ao dar espaço para que os estudantes exponham suas subjetividades, o cuidado de si e do outro e sua emancipação enquanto sujeitos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de potencializar o ensino-aprendizagem e valendo-se da Lei nº 10.639/03, pode-se afirmar que a percepção dos estudantes em relação aos quatro artistas negros/as e suas estéticas, estudadas nesta pesquisa-ação participante, atentando ao objetivo geral desta dissertação que previa compreender o papel da música e literatura como instrumentos para uma educação antirracista no Ensino Médio, uma vez que a episteme foucaultiana trouxe novas reflexões acerca do cuidado de si, quando os atores envolvidos expuseram suas perspectivas sobre o racismo e uma educação antirracista efetiva na escola.

Dentre os 31 estudantes convidados para a pesquisa, todos deram seu aval para participarem desta ao comprometerem-se como participantes e a desenvolverem as atividades propostas nas oficinas ofertadas pelo pesquisador. Os resultados demonstraram o quanto os atores envolvidos nesta pesquisa estavam realmente dispostos a compreender uma educação antirracista, como é possível perceber na devolutiva ocorrida no dia 19 de novembro de 2025, sendo os objetivos gerais atendidos dentro do que estava previsto, dentre os quais: identificar as potencialidades da cultura e estética negra como instrumento de expressão e afirmação da luta antirracista; analisar as potencialidades das estéticas negras para uma educação antirracista no Ensino Médio.

Quanto ao objetivo geral, este foi contemplado, uma vez que a literatura e a música exerceram seu papel como instrumentos para uma educação antirracista, aliados a outras estéticas insurgentes: fotografias, pinturas, audiovisuais. Essas outras estéticas insurgentes corroboraram para a construção de uma educação antirracista que tensionasse a reflexão dos estudantes acerca do racismo.

No que concerne às subjetividades dos estudantes voltados para a episteme de Foucault, o cuidado de si e do outro pode ser avaliado pelas cartas, cartazes, bem como pelos relatos dos participantes. A exposição dos sujeitos participantes nessas atividades desenvolvidas por eles revela o quanto o olhar do outro transforma as perspectivas de outrora em um olhar crítico sobre seu tempo.

Mesmo que a pesquisa procurasse de forma organizada que os estudantes de Ensino Médio tivessem compreensão sobre as propostas do pesquisador, ainda assim, alguns aspectos acabaram não sendo atingidos. Dentre esses aspectos, estão as escrevivências que foram atingidas em parte, ou seja, as produções textuais das experiências dos estudantes durante a pesquisa foram transcritas nas cartas e cartazes, porém não na sua totalidade. Considerando que a proposta de Conceição Evaristo busca articular as escrevivências a partir de suas

experiências contra o racismo e contra o machismo, tais aspectos não foram contemplados na totalidade da elaboração textual, havendo tão somente uma aproximação com o conceito de escrevivência.

Durante a pesquisa-ação participante, uma das questões que ficaram em aberto e que, infelizmente, não houve tempo hábil para abordá-la de forma mais consistente, apenas superficialmente, foi o racismo religioso no que tange à matriz africana. Alguns estudantes declararam-se adeptos às religiões de matriz africana, não abertamente, mas somente a este pesquisador, por medo de sofrerem represálias dos demais colegas de turma, por estes pertencerem, em sua maioria, às religiões neopentecostais. Esse tema poderá propiciar outras pesquisas, uma vez que o racismo, além de estar relacionado a objetificação de corpos negros, também está atrelado à visão distorcida sobre as religiões de matriz africana, o que vem causando violências contra terreiros no Brasil, Santa Catarina e em Lages. Segundo levantamento idealizado pela Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde (Renafro) e o terreiro Ilê Omolu Oxum, em parceria com o Ministério de Direitos Humanos e Cidadania em 7 de dezembro de 2025, 76% dos terreiros brasileiros já sofreram violências. Esse dado comprova o quão importante uma pesquisa nesse sentido poderá contribuir para um trabalho de educação antirracista nas escolas públicas.

Compreende-se, por fim, que a pesquisa em questão atingiu seu propósito de possibilitar aos estudantes, bem como à escola, novas possibilidades para a efetivação de uma educação antirracista, ao mesmo tempo em possibilitou refletir sobre o papel da arte, da música e da literatura, como instrumentos de insurgência ao racismo e como afirmação política de uma ética da coragem e do cuidado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Tâmara. Três contos de Lima Barreto e de Monteiro Lobato: esmiuçando o Brasil-República. **Todas as Letras**, v. 23, n. 2, 2021. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/14654>. Acesso em: 28 abr. 2026.
- BARRETO, Lima. **Contos**. São Paulo: Princípio, 1997.
- BARRETO, Lima. **Diário de Hospício**: O cemitério dos vivos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CAMPOS, Verônica Maria de Souza. **Representações da negritude na escola**: canções de resistência na EJA. 2023. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/52673>. Acesso em: 28 abr. 2026.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 431 p.
- CARVALHO, Samara dos Santos. **A branquitude desvelada**: o romance Clara dos Anjos e as relações raciais e de gênero na Primeira República. 2024. 204 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp). Araraquara, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/d65b544c-2e71-416b-8f93-bfa612f9e686>. Acesso em: 28 abr. 2026.
- CERRUTI, Marta Quaglia. **Sobrevivendo no inferno**. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W3027856812>. Acesso em: 09 jun. 2025.
- CESAR, Rafael do Nascimento; FERREIRA, Carolina Branco de Castro; QUEIROZ, Vitor. **Elza Soares**: dos alfinetes à carne negra. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cienciassociais/article/view/9545>. Acesso em: 09 jun. 2025.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CESAR, Rafael do Nascimento; FERREIRA, Carolina Branco de Castro; QUEIROZ, Vitor. Elza Soares: dos alfinetes à carne negra. **Revista Educação e Ciências Sociais**, Salvador, v. 3, n. 5, 2020.
- CORNÉLIO, Beatriz Gomes; HERNECK, Heloisa Raimunda. Corpo negro “desmortificado”: reflexões sobre a resistência negra presente no videoclipe “A Carne” (2017). **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9495>. Acesso em: 28 abr. 2026.
- COSTA, Thiago Venícius de Sousa. Lima Barreto e a política dos sentidos em Numa e a Ninfa: um estudo da expressividade do corpo. **International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1-29, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.15848/hh.v16i41.1985>. Acesso em: 09 jun. 2025.

CRUZ, Daiane Oliveira da; TEIXEIRA, Maria Antonieta. A formação identitária negra frente à educação antirracista. **Revista Instrumento**, v. 22, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/30482>. Acesso em: 28 abr. 2026.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

DIALLO, Cíntia Santos; LIMA, Cláudia Araújo de. História dos afro-brasileiros, africanos e a educação antirracista: o olhar das/os professoras/es das licenciaturas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, e234744, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248234744>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SOUZA, Renato Dias de. **As representações do nacionalismo em Lima Barreto**. 2017. 259 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/d278c153-feb2-45df-a3ee-10732b575867/full>. Acesso em: 09 jun. 2025.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, n. 23, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>. Acesso em: 05 out. 2025.

DUTRA, Paulo. Racionais MC's, Marighella e o branqueamento do Brasil. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 59, e5916, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185916>. Acesso em: 09 jun. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FALS-BORDA, Orlando. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos R. (org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo v. 33)

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso dado no Collège de France (1983-1984)**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981 - 1982)**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GALIETA, Tatiana. A Literatura do rapper Emicida como referência para uma educação antirracista. **Revista Desenvolvimento & Civilização**, v. 3, n. 1, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdciv/article/view/57035>. Acesso em: 28 abr. 2026.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: 09 jun. 2025.

HOLLER, Marcos. **A música na atuação dos jesuítas na América Portuguesa**. Disponível em: https://www.anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao19/marcos_holler.pdf. Acesso em: 09 jun. 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LIMA, Raquel Guilherme de. Para além do "trânsfuga de classe": a socialização plural em narrativas da primeira geração de formados no ensino superior. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 104, e3510414, 2020. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-0253-9144>. Acesso em: 09 jun. 2025.

MARDGAN, Jacyara Conceição Rosa; NASCIMENTO, Giovane do. **A poética de resistência do Caxambu: uma prática insurgente de educação antirracista**. Atena Editora, cap. 10, p. 120-133. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-poetica-de-resistencia-do-caxambu-uma-pratica-insurgente-de-educacao-antirracista>. Acesso em: 28 abr. 2026.

MARTINS, Adriana Mello Almeida. **Uma prática docente antirracista**. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MEIRELES, Tulipa Martins. **Michel Foucault e a constituição da subjetividade como estética da existência: o cuidado de si, a coragem da verdade cínica e suas reverberações no século XIX**. 2020. 340 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil monárquico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona Editores, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios**, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n32.p122%20-%20151>.

McGUSHIN, Edward. A teoria e a prática da subjetividade de Foucault. *In*: TAYLOR, Dianna (org.). **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 165-184.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2023.

MORAES, Julia Oliveira. **A urgência do letramento racial e do antirracismo na educação brasileira**. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W4362510332>. Acesso em: 09 jun. 2025.

NASCIMENTO, Francisco de Assis; CARNEIRO, Ericka Santana; JESUS, Milena Santos de. **Literatura negro-brasileira**. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W4385800530>. Acesso em: 09 jun. 2025.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Pensando as críticas de Lima Barreto a Machado de Assis.

Revista da Anpoll, v. 1, n. 24, jul. 2008. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/289935616_Pensando_as_criticas_de_Lima_Barreto_a_Machado_de_Assis. Acesso em: 09 jun. 2025.

OLIVEIRA, Nathália Pereira de; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. Escrivências: possibilidades para uma educação antirracista. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, e280101, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/s1413-24782023280101>. Acesso em: 09 jun. 2025.

PIMENTA FERREIRA, Luciana Pereira Queiroz; ARAÚJO, Luísa Consentino de; RODRIGUES, Maria Luíza Simplicio; CÂMARA, Yanca Abreu. A escrivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 251-261, maio/ago. 2021. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W3214332007>. Acesso em: 09 jun. 2025.

RAMOS, Paulo César; TOMESANI, Ana Maura. Racismo e antirracismo no Brasil. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais – RPPI**, v. 5, n. 3, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rppi/article/view/54816>. Acesso em: 28 abr. 2026.

REZENDE, Luciana Barreto Machado; CAMPOS, Beatriz Schmidt. Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrivência”. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 66, e6706, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40186706>. Acesso em: 09 jun. 2025.

RIBEIRO, Matilde. Descortinando e ampliando horizontes: ações afirmativas e antirracismo como estratégias de inclusão educacional. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, e278161, 2023.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e278161>. Acesso em: 09 jun. 2025.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 9, n. 4, p. 262-289, out./dez. 2019.

SÁ, Ana Paula dos Santos de. Por um cânone escolar antirracista no ensino médio: um olhar aos livros didáticos de português. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, e260092, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260092>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SANTA CATARINA. **Lei nº 19.233, de 22 de janeiro de 2025**. Dispõe sobre a vedação de execução de músicas e vídeos com letras e coreografias que façam apologia ao crime, ao uso de drogas, ou expressem conteúdos verbais e não verbais de cunho sexual e erótico, nas unidades escolares da rede de ensino do Estado de Santa Catarina, e estabelece outras providências. Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://leis.alesec.sc.gov.br/ato-normativo/22766#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20veda%C3%A7%C3%A3o%20de,Catarina%2C%20e%20estabelece%20outras%20provid%C3%AAs>. Acesso em: 17 abr. 2026.

SANTA CATARINA. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Currículo base do ensino médio do território catarinense: caderno 1 – disposições gerais**. / Secretaria de Estado da Educação. – Florianópolis: Gráfica Coan, 2021. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2024/04/Caderno-1-.Curriculo-Base-do-Ensino-Medio-de-Santa-Catarina.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2026.

SANTA CATARINA. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Política de educação para as relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis: Gráfica Coan, 2018. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2024/04/Caderno-Politica-de-Educacao-para-as-Relacoes-Etnico-Raciais-e-para-o-Ensino-de-Historia-e-Cultura-Afro-Brasileira-e-Africana-NEAD.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2026.

SANTA CATARINA. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica**. Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação. 2014. Disponível em: https://www.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2024/04/Proposta_Curricular_2014-final.pdf. Acesso em: 17 abr. 2026.

SANTOS, Boris Calazans dos. **Cultura e política: o antirracismo na literatura periférica**. 2022. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-06022023-114806/pt-br.html>. Acesso em: 28 abr. 2026.

SANTOS, Yvisson Gomes dos. **O educador parresista pensando através da ética segundo Michel Foucault**. 2021. 93 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maceió, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/10948/3/O%20educador%20parresista%20pensando%20atrav%C3%A9s%20da%20%C3%A9tica%20segundo%20Michel%20Foucault.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SCHIESSL, Marlina Oliveira; DIAS, Lucimar Rosa. Os caminhos (nada suaves) para a implementação de uma educação antirracista: experiência em uma rede municipal catarinense. **Interfaces na Educação**, v. 13, n. 39, 2023. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/5468>. Acesso em: 24 abr. 2026.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SILVA, Saulo Vinícius da. **Entre a chaga e a cura**: música e ensino de História para uma educação antirracista. 2000. 196 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/15042>. Acesso em: 28 abr. 2026.

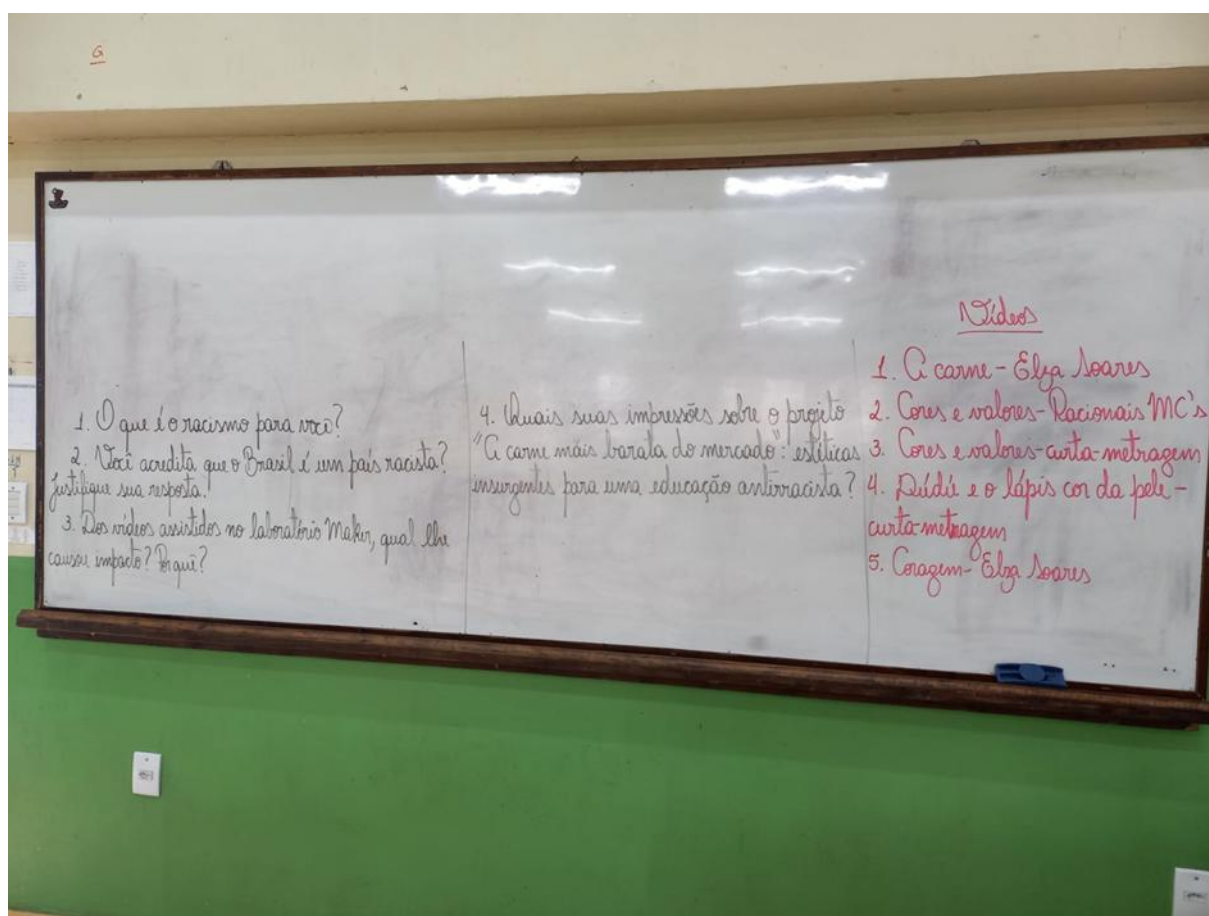
SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, v. 30, n. 63, p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84806306>. Acesso em: 09 jun. 2025.

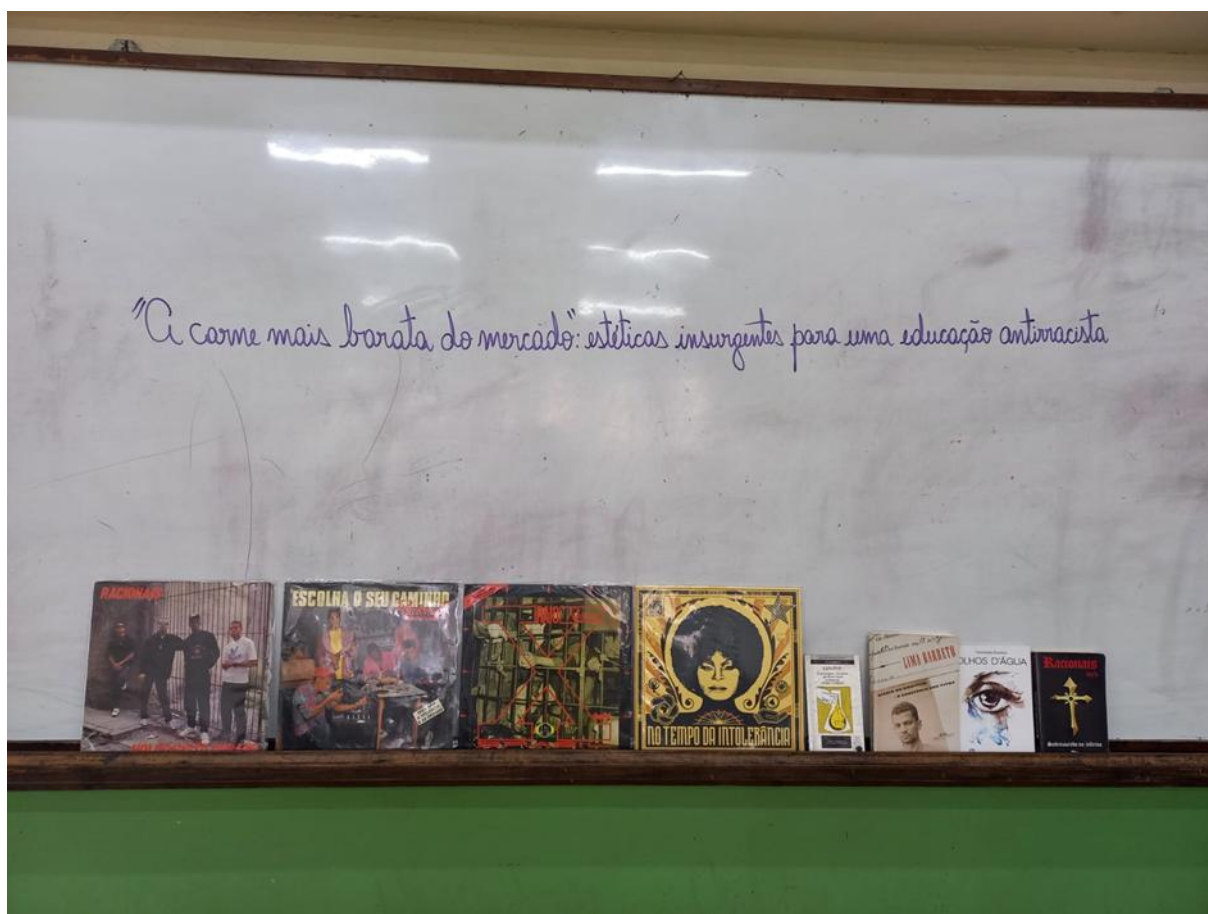
SILVA, Maria Eduarda Ribeiro da. **Narrativas de uma mulher educadora/professora negra**: constituição identitária e a escrita como combate à invisibilidade. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/9699;jsessionid=9454D46D493E139ADBC0A510C2E279FE>. Acesso em: 16 jun. 2025.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G.; ARMUS, D. (orgs.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 330-391. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 09 jun. 2025.

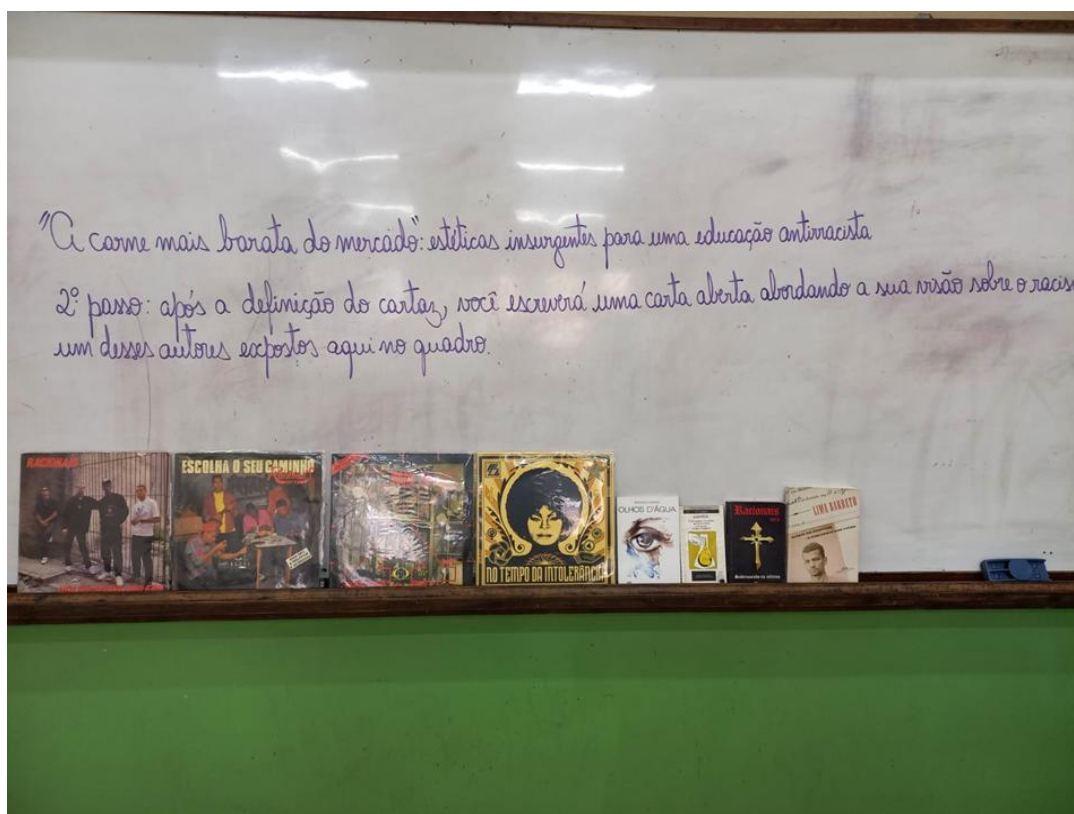
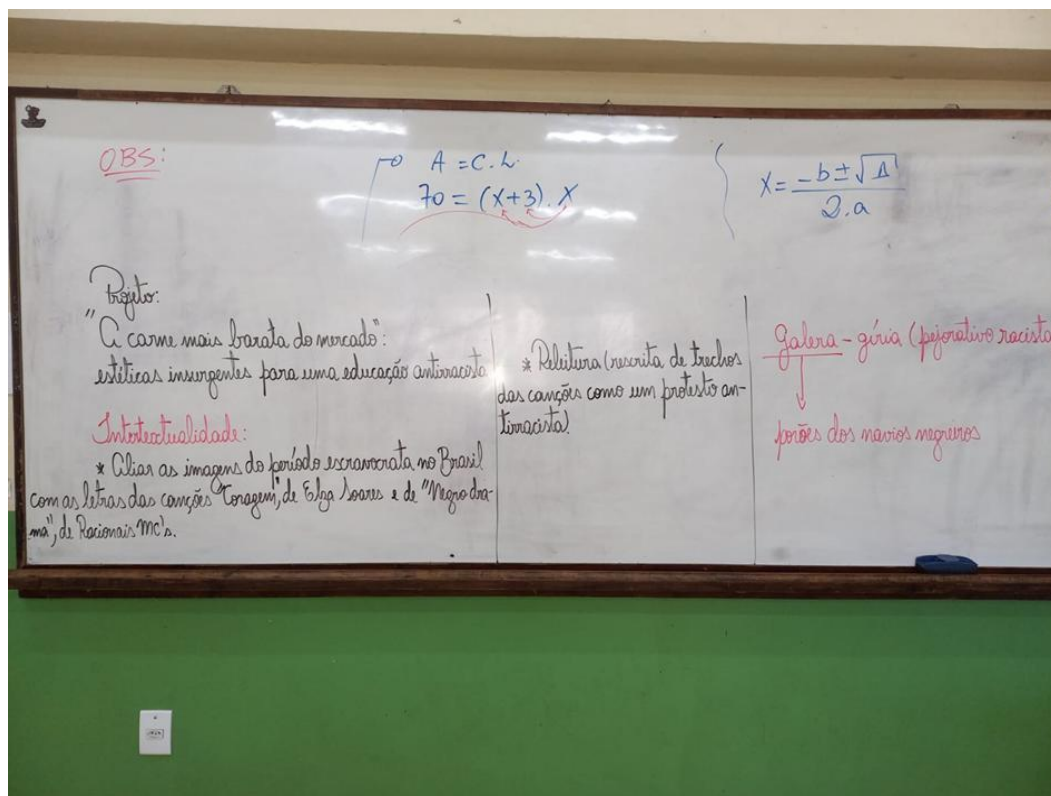
TURATO, Diego Oliveira. **Racionais Mc's**: a arte musical como instrumento revolucionário, ativismo político e social. 2023. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/40733>. Acesso em: 28 abr. 2026.

ANEXO A – QUADRO COM AS PROPOSTAS DE INTERTEXTUALIDADE



ANEXO B – QUADRO COM AS PROPOSTAS DE INTERTEXTUALIDADE

ANEXO C – QUADROS COM AS PROPOSTAS DE INTERTEXTUALIDADE



ANEXO D – TCLE (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE (Resolução 510/2016 CNS/CONEP)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO”: ESTÉTICAS INSURGENTES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA”. O objetivo deste trabalho é compreender o papel da música e literatura como instrumentos para uma educação antirracista no Ensino Médio. Para realizar o estudo será necessário que se disponibilize a participar da pesquisa-ação participante, em que estudantes da 3ª série do Ensino Médio matriculados na E.E.B. Industrial de Lages deverão produzir experiências de escrituras - poesias, cartas, contos ou relatos de experiência - e outras formas de expressão que demonstrem a sua subjetividade em transformação, antes, durante e depois das oficinas de música e literatura, as quais serão previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar o papel da música e literatura como instrumentos para uma educação antirracista. Mais especificamente, visa aplicar experiências estéticas antirracistas com estudantes do Ensino Médio, procurando verificar as potencialidades, subjetividades, afetos e efeitos criados no processo educativo por meio da literatura e da música negra. **De acordo com a resolução 510/2016** “Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”. A sua participação terá risco mínimo, podendo ocorrer constrangimento, desconforto, vergonha, ou tensão ao partilhar vivências pessoais, especialmente relacionadas a raça, identidade e experiência escolar, e se estes ocorrerem serão solucionados/minimizados encaminhando o pesquisado a clínica escola de psicologia da UNIPLAC, para atendimento e de forma gratuita. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexo causal com a pesquisa. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexo causal com a pesquisa.

Os benefícios da pesquisa são a contribuição para entender como música e literatura podem apoiar uma educação antirracista no Ensino Médio, desenvolvimento de experiências estéticas antirracistas que ajudam estudantes a expressar subjetividades em transformação (antes, durante e depois das oficinas), possibilidade de percepções sobre como ouvir, ler e escrever a partir de perspectivas negras pode enriquecer o aprendizado escolar.

Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº510/2016 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: (49) 984327713, ou pelo endereço Av. Castelo Branco, 170 – Universitário – Lages/SC. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages SC, (49) 32511086, email: cep@uniplaclages.edu.br.

Desde já agradecemos!

Eu _____ (nome por extenso e CPF) declaro que após ter sido esclarecido (a) pelo(a) pesquisador(a), lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

(nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

ANEXO E – IMAGEM MODIFICADA POR IA PARA PRESERVAR A IDENTIDADE DOS ESTUDANTES ENVOLVIDOS NESTA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



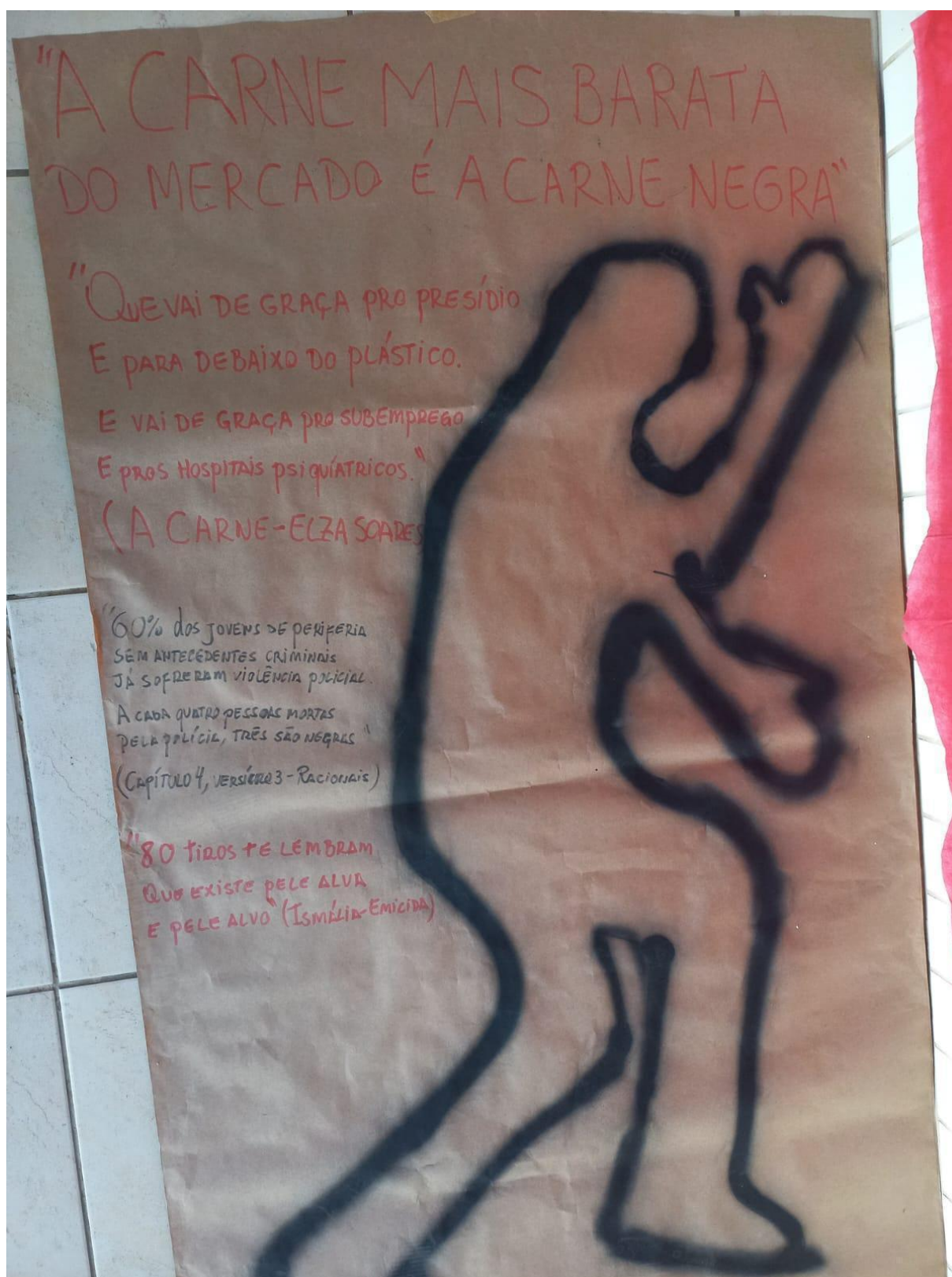
ANEXO F – IMAGEM MODIFICADA POR IA PARA PRESERVAR A IDENTIDADE DOS ESTUDANTES ENVOLVIDOS NESTA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



ANEXO G – IMAGEM MODIFICADA POR IA PARA PRESERVAR A IDENTIDADE DOS ESTUDANTES ENVOLVIDOS NESTA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



ANEXO H – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE

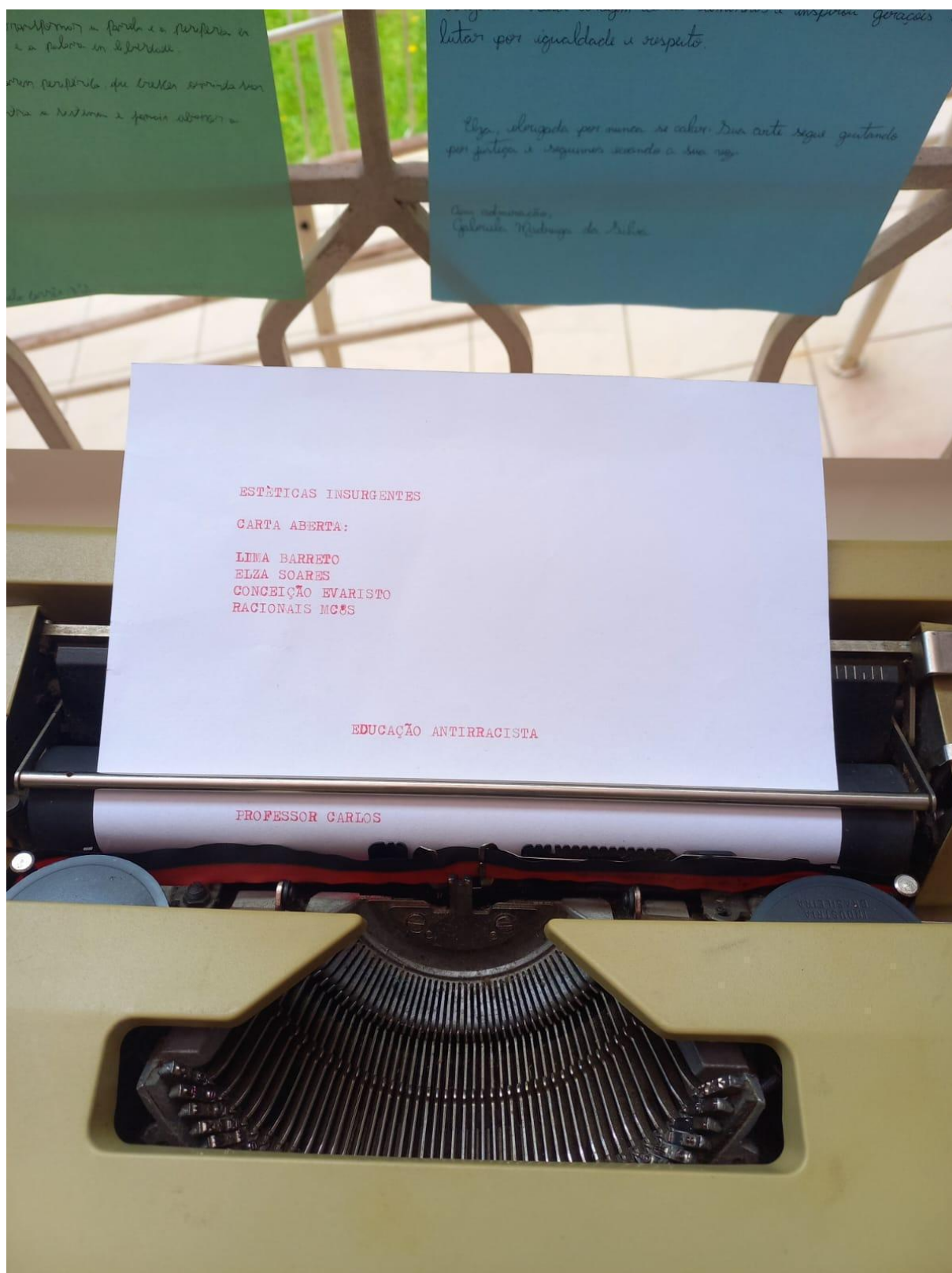


ANEXO I – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE

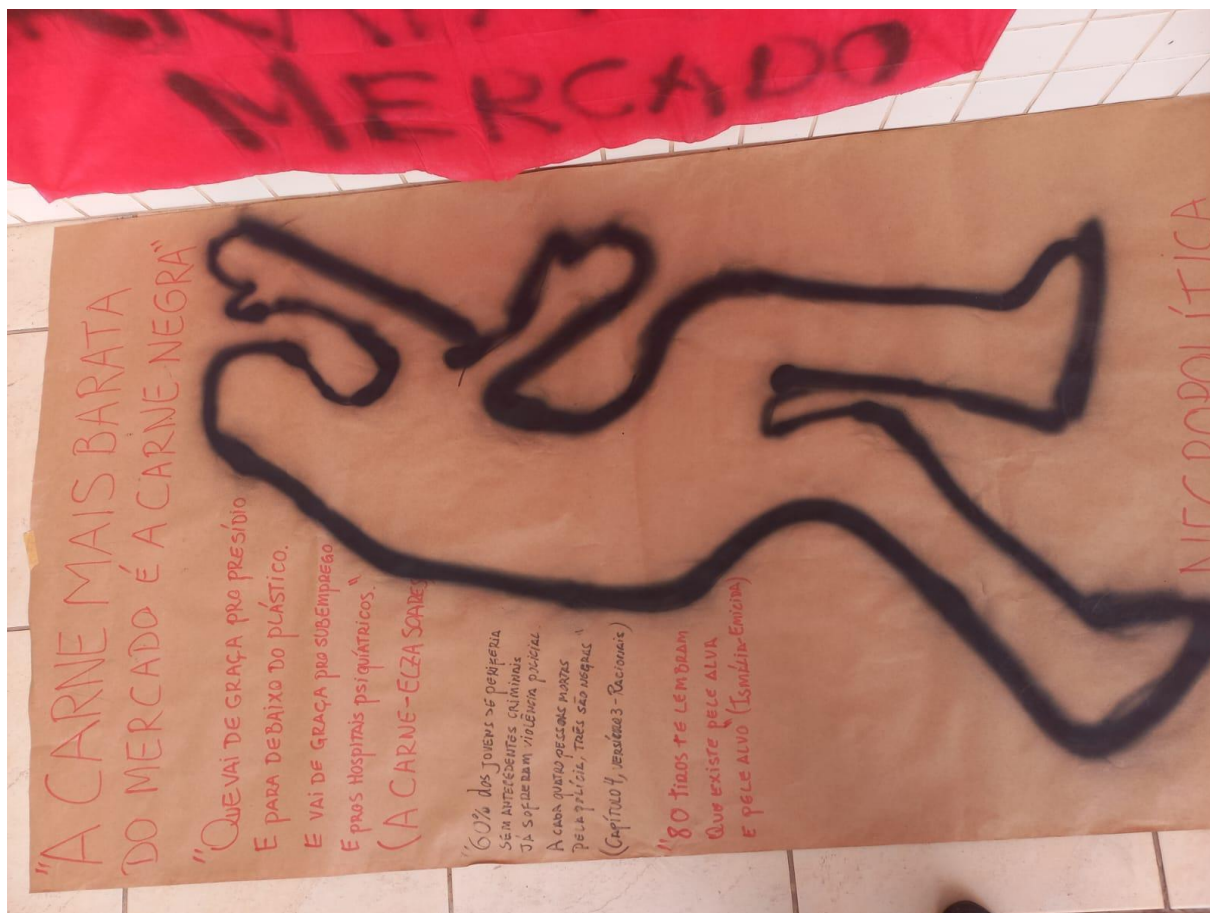


ANEXO J – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



ANEXO K – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE

ANEXO L – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



ANEXO M – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



ANEXO N – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



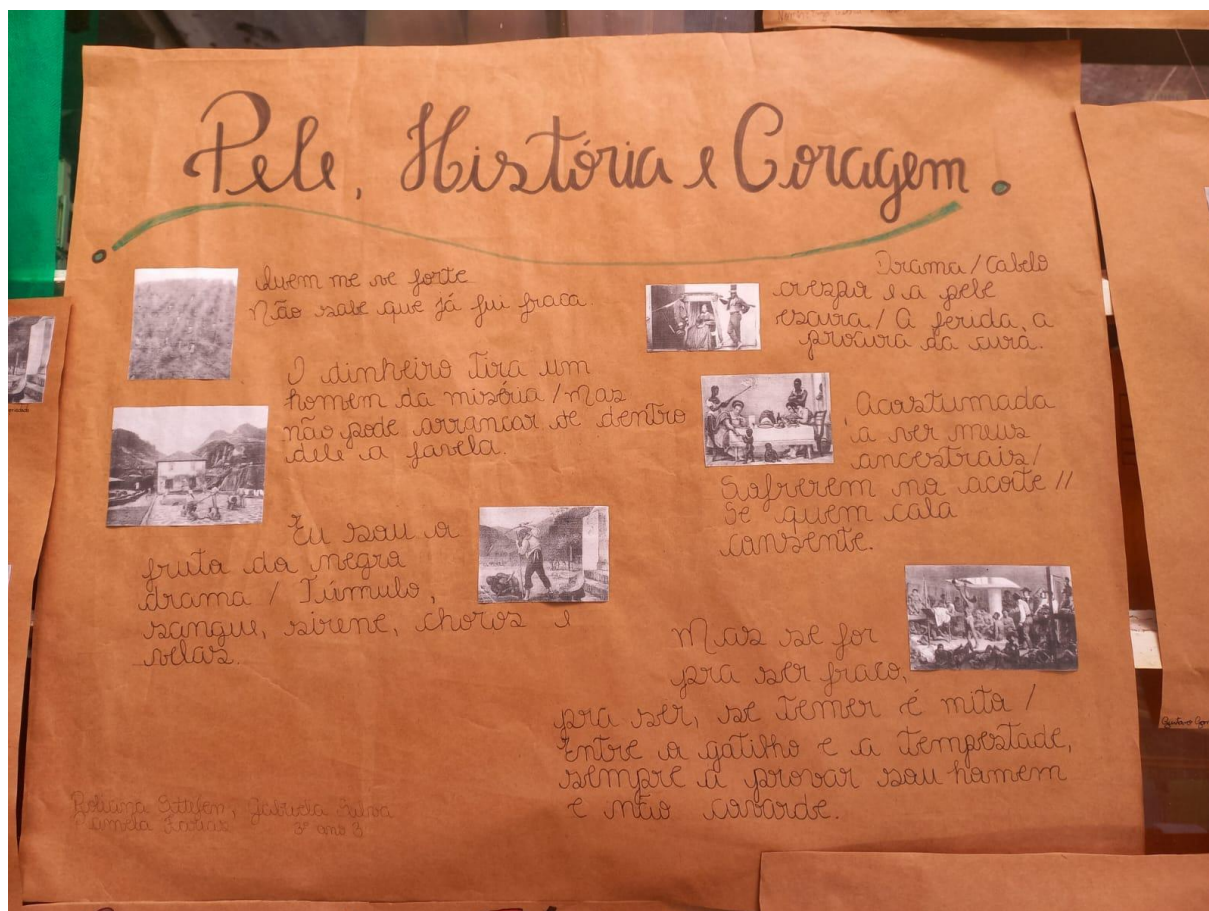
ANEXO P – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



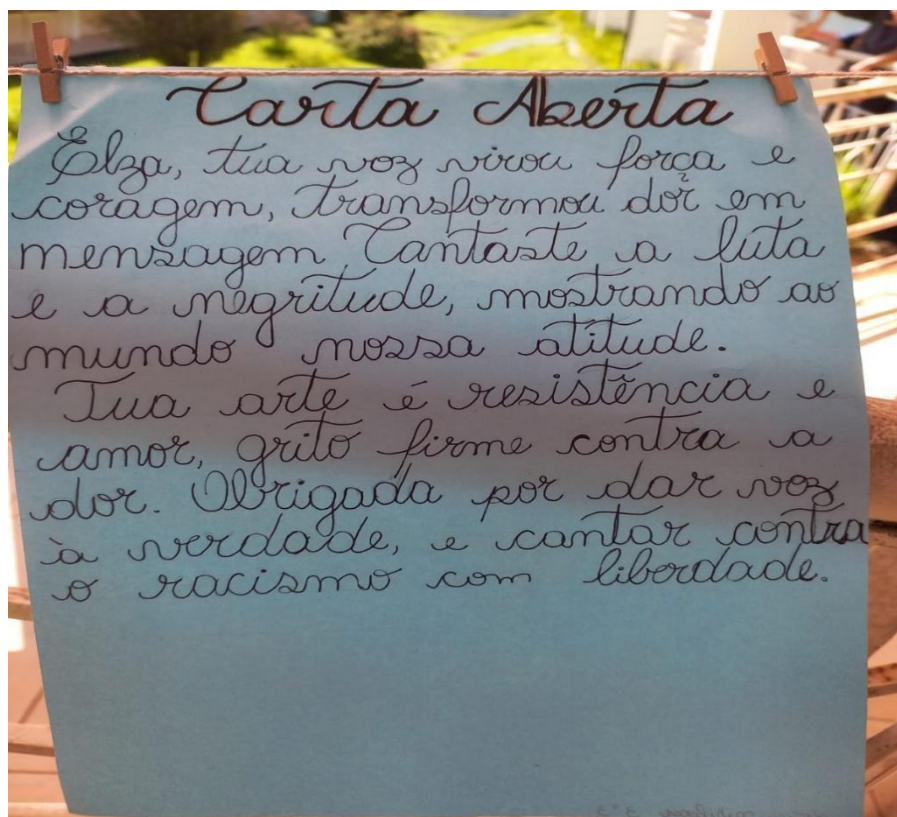
ANEXO Q – DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



ANEXO T – EXPOSIÇÃO DE CARTAZES E CARTAS NA DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



ANEXO U – EXPOSIÇÃO DE CARTAZES E CARTAS NA DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



Querido Lino Borato,

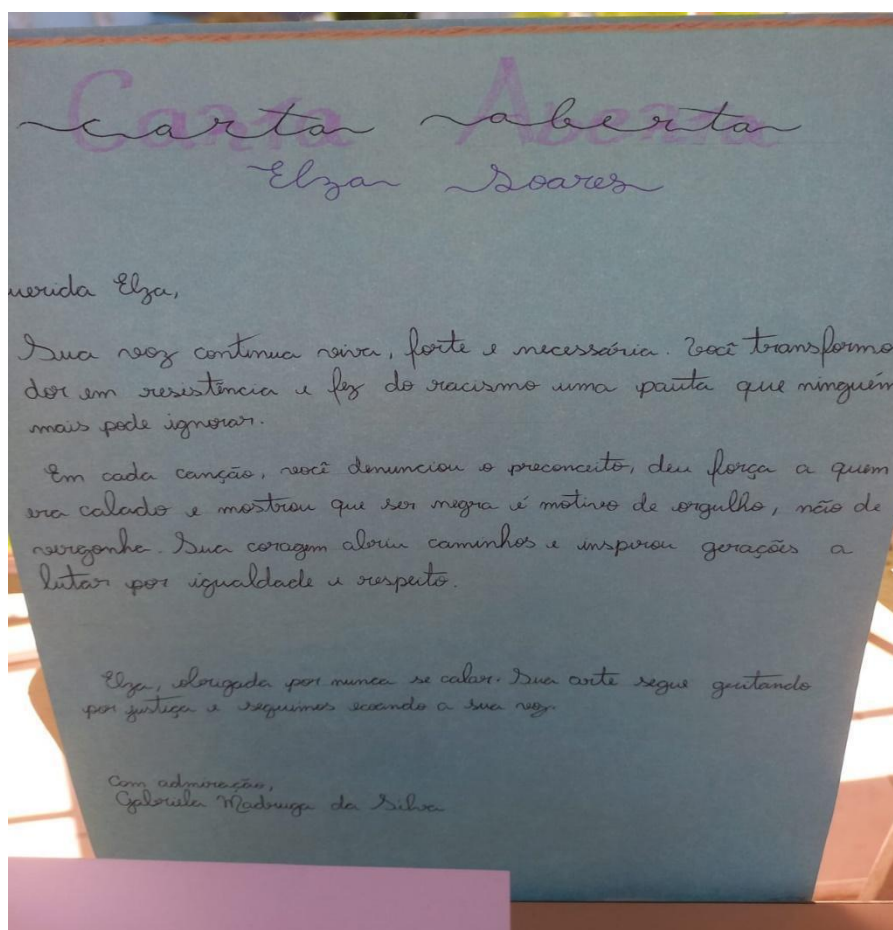
Li seu conto "O Pecado" e fiquei impressionado com a forma como o senhor denuncia o racismo de um jeito tão sutil e ao mesmo tempo forte, o final é como um soco. Vi um homem justo ser rejeitado no céu apenas por ser negro mesmo o quanto o preconceito é cruel, até quando se des- forço de mais.

Você fez a gente perceber que o verdadeiro pecado não é o de ser, mas sim do seriedade, que continuo julgando sem enxergar o valor humano. Acho incrível como um conto tão curto pode dizer tanto.

Com muita admiração,

LORENZO T. FARIAS (2º-3)

ANEXOS V – EXPOSIÇÃO DE CARTAZES E CARTAS NA DEVOLUTIVA DA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPANTE



Para: Os raciais negros

Bom, quero começar essa carta aberta reconhecendo a dor e a luta que vocês enfrentam diariamente. O racismo é uma ferida que afeta não apenas a vida de vocês, mas toda a sociedade. É uma questão que ultrapassa barreiras e toca em pontos sensíveis da nossa humanidade.

Entendo que a raiva e a indignação são respostas naturais às injustiças que vocês enfrentam. A luta por igualdade e respeito é um direito que deveria ser garantido a todos, independentemente da cor da pele. Porém, sabemos que a realidade é bem diferente.

Eu acredito que a educação e o diálogo são ferramentas importantes para combater o racismo. Temos que nos esforçar para vermos a perspectiva do outro, precisamos abordar ambos os lados para criar um mundo mais justo.

A luta contra o racismo é de todos nós, e juntos podemos fazer uma diferença. Com respeito e compreensão.

400 anos depois

Eu quero mandar um abraço para: Maria Bragan, Jô Bete, Edê Ruff e HL Joy. Porque é que vocês continuam atravessando o tempo e lutando assim?

O grupo Racionais MC's é uma escola de resistência e uma revolução dos negros. "Vozes fortes" mostram que pensar é resistir. Em "Negra Positivo" mostram que ser preto no Brasil é viver sob o peso da história.

Vocês dizem nome pra retrata que muitos pessoas ignoraram dentro de si. Ensinaram que ser preto, pobre e periférico não é um sinal de fraqueza, mas um de resistência. Que o rap é mais que soma: é resistência, dor, luta e indignação.

Mais de 400 anos se passaram desde os primeiros dias, e ainda sim, o Brasil ainda respira. Pois o racismo continuou, a desigualdade aumentou, mas a voz de vocês continua sendo ouvida, que é coragem.

Mas vocês não mais que morrer, não o retrato para da história da dor do povo preto e periférico.

Mas é isso que acontece por transformarem a dor em palavra e a palavra em liberdade. A dor dos negros em palavra e a palavra em liberdade.

Com respeito e gratidão, de um jovem periférico, que busca ouvir as vozes e aprender a lutar contra a resistência e formar o futuro da nossa gente.

Luiz Inácio Lula da Silva



O racismo religioso tem a ver com a identidade de um povo, negando sua cultura e dignidade. Combater essa forma de preconceito é um ato de respeito, empatia e defesa da liberdade religiosa de todos.



Quando alguém de fé é discriminado, desrespeitado, humilhado e até morto, isso é racismo religioso. Não se trata apenas de uma questão de fé, mas de uma questão de dignidade humana. O racismo religioso é uma forma de violência que nega a identidade de um povo, negando sua cultura e dignidade. Combater essa forma de preconceito é um ato de respeito, empatia e defesa da liberdade religiosa de todos.



QUANDO O RACISMO DEFINE QUEM FICA PRESO

O racismo estruturalizado atua em todas as esferas da sociedade, negando a identidade de um povo, negando sua cultura e dignidade. Combater essa forma de preconceito é um ato de respeito, empatia e defesa da liberdade religiosa de todos.



O racismo estruturalizado atua em todas as esferas da sociedade, negando a identidade de um povo, negando sua cultura e dignidade. Combater essa forma de preconceito é um ato de respeito, empatia e defesa da liberdade religiosa de todos.

CORAGEM

Elza Soares



Anastácio foi um escritor negro, que, seguindo a tradição literária, criou uma obra-prima de resistência e se tornou símbolo de resistência e foi no Brasil.

Quem me vê noite
Não sabe que eu já fui facão
Quem me vê quando
Não sabe que eu já chei
Eu sou o pique, pique, do lado do malito
Apostrofação, a ser mais apostrofação
Só quem voa voa voa
Se quem voa voa voa
A minha boca, não continua
Sendo uma coisa lápis
Cantos o do lado do pique
Pela gente só de pique
Se não é pique
Não se iluda, não tem
Entre dois e três
A lá pique, quem?
Se não é pique
Coragem, meu bem
Pique o lado do malito
Lena, a vida também.



O negro em um contexto social de exclusão, em que pessoas negras são vistas como piques e humilhações, denotando marcas físicas e psicológicas.



Coragem, meu bem (1911-1985) foi um militante e jornalista brasileiro que lutou contra a ditadura militar. Fundador da Ação Libertadora Nacional, tornando-se símbolo da resistência.

Martes pela polícia em 2023

6.393 vítimas em 2023

Perfil das vítimas

Perfil	Porcentagem
Negras	82,7%
Entre 12 e 29 anos	77,7%
Sem masculinidade	96,3%

Em 2023, a maioria das mortes causadas pela polícia no Brasil atingiu pessoas negras, afetando o Brasil no aspecto racial perante as ações da segurança pública.

